

**O IMPACTO PSICOSSOCIAL DAS SECAS EM AGRICULTORES FAMILIARES
DO RIO GRANDE DO SUL:
UM ESTUDO NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA DOS DESASTRES**

Eveline Favero

Tese de Doutorado

Porto Alegre/RS, 2012

**O IMPACTO PSICOSSOCIAL DAS SECAS EM AGRICULTORES FAMILIARES
DO RIO GRANDE DO SUL:
UM ESTUDO NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA DOS DESASTRES**

Eveline Favero

Tese apresentada como exigência parcial para obtenção do grau de Doutora em Psicologia,
sob orientação do Prof. Dr. Jorge Castellá Sarriera

Banca Examinadora:

Dra. Débora Dalbosco Dell'Aglio

Dra. Angela Elizabeth Lapa Coêlho

Dra. Maria de Fátima Quintal de Freitas

Porto Alegre, março de 2012.

Dedico esta tese aos agricultores familiares do Rio Grande do Sul,
pelo exemplo de coragem e superação frente as adversidades do trabalho diário.

AGRADECIMENTOS

The marvelous richness of the human experience would lose something of rewarding joy if there were no limitations to overcome.

Helen Keller (1880-1968)

Foram nas limitações que tive para superar que conheci meus verdadeiros colegas, amigos e mestres, aos quais devo imensa gratidão e reconhecimento. Sendo assim, ao finalizar este trabalho de tese, quero expressar minha gratidão a todos(as) que contribuíram para que o meu doutorado fosse possível, auxiliando-me e apoiando-me durante os quatro anos de estudo:

- ao professor Dr. Jorge Castellá Sarriera, pelo privilégio de tê-lo como orientador, pela paciência, sabedoria, estímulo e reflexões propiciadas, meu muito obrigada especial;

- à banca de avaliação, pelas contribuições tanto na elaboração do projeto de tese, quanto na conclusão do trabalho, lembrando aqui as professoras Dra. Débora Dalbosco Dell’Aglia, Dra. Vivien Diesel, Dra. Angela Lapa Coêlho e Dra. Maria de Fátima Quintal de Freitas, o meu reconhecimento pelas valiosas observações;

- aos agricultores familiares que participaram deste estudo, sem os quais esta tese não seria possível e para os quais esta tese se justifica, muito obrigada em especial;

- aos professores(as) e direção das escolas de Frederico Westphalen/RS que apoiaram e facilitam a realização desta pesquisa por meio de suas escolas, obrigada de coração,

- aos colegas do Grupo de Pesquisa em Psicologia Comunitária, pelo apoio e colaboração no convívio quase que diário, lembrando aqui os que estiveram comigo por um longo período, Lívia Bedin, Angela Paradiso, Daniel Abs, Fabiane Shutz, Carolina Lima e Silva, Anelise, Tiago Calza, Raquel, Luciana Marques, Maíne, Alexandra, Patrícia Fiuzza, Verônica, Lucas, e tantos outros que estiveram presentes em algum momento da minha caminhada;

- aos orientadores durante o estágio no exterior, Gilbert Reyes e Maryam Kia-Keating e demais colegas do Grupo de Pesquisa em Psicologia dos Desastres da *University of California Santa Barbara*, pela acolhida e pelas reflexões na área de psicologia dos desastres;

- ao CNPq pelo auxílio recebido, o que possibilitou a realização deste trabalho;

- à babá do meu filho e grande amiga Ruchéli Fernanda de Cristo, pela dedicação e zelo diário ao pequeno Domingos, pela presença segura e carinhosa enquanto eu necessitei me ausentar para dar andamento ao trabalho;

- às amigas Francielli Galli e Melina Carvalho Trindade pelas contribuições, disponibilidade e apoio quando da elaboração desta tese. Juntas nós alcançamos o que teria sido impossível eu realizar sozinha;

- aos meus amigos e amigas, pelo incentivo e por sempre acreditarem no meu trabalho, lembrando aqui, em especial, a Tuti (Marilena Petter), a Magda Poerschke, a Andresa Machado, a Cláudia Magalhães, a Luciana de Moura, a Terezinha Favero, a Sílvia Erikson, a Ana Maria Giorgi, a Karen Edelwein, o Osmar Muccilo, o Hélio Muccilo, o Jorge Quadros, a Marília, o Glenn e a Tielle Larson, a Milena, o David Rosso e tantos outros que foram importantes em algum momento ao longo desses quatro anos de estudos;

- à minha família, minha mãe Amália e meu pai André Favero, meus irmãos Raquel, Eli, Tiago, Rui Favero e sua esposa Aline Venturini que sempre estiveram do meu lado me apoiando e incentivando e me orientando a batalhar com dignidade;

- ao meu filho Domingos Bastos Silva Favero, razão pela qual mantive o entusiasmo em seguir estudando, mesmo quando das dificuldades, um obrigada especial para ti meu anjinho;

- ao pai do meu filho, Jorge Eli Bastos da Silva, por ter me incentivado e contribuído para levar adiante meu projeto de vida;

- a professora Alexandra Passuello e a toda equipe entusiasta do Centro Universitário de Estudos e Pesquisas em Desastres (CEPED/RS), pelo incentivo para seguir em frente no estudo dos desastres e pela acolhida neste grupo de trabalho;

- a todos os professores do programa de Pós-Graduação em psicologia da UFRGS, que muito contribuíram na minha formação, bem como aos funcionários do Instituto de Psicologia, por todo auxílio e apoio nas atividades.

Enfim, a todos aqueles que fizeram parte da minha trajetória acadêmica me auxiliando a superar as limitações, me apoiando e incentivando nas dificuldades e acreditando no meu trabalho,

Muito Obrigada de coração!

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	8
LISTA DE FIGURAS	9
RESUMO	10
ABSTRACT.....	101
INTRODUÇÃO.....	12
1. A psicologia e o estudo dos desastres	13
2. Justificativa e objetivos da tese.....	15
3. Apresentação dos capítulos.....	16
O DESASTRE COMO OBJETO DE ESTUDO DA PSICOLOGIA.....	19
1. Introdução	19
2. Desastres, emergências e acidentes	21
3. Definições sobre o construto desastre no âmbito da sociologia e da psicologia	23
4. A seca e suas especificidades.....	27
5. Considerações finais	28
Referências	30
O DESASTRE SECA E SUA RELAÇÃO COM O BEM-ESTAR DAS FAMÍLIAS RURAIS DO NOROESTE DO RIO GRANDE DO SUL	34
1. Introdução	34
2. Método	38
2.1 Contexto de pesquisa e participantes.....	38
2.2 Instrumentos e materiais.....	38
2.3 Procedimentos	38
2.4 Análise dos dados	39
3. Resultados e Discussões	39
3. 1 A seca no contexto da família agrícola.....	39
3.1.1 Descrição do desastre	40
3.1.2 Percepção do desastre.....	40
3.1.3 Impactos objetivos da seca	42
3.1.4 Impactos subjetivos da seca.....	43
3.1.5 Estratégias para lidar com o desastre.....	44
3.2 Modelo de compreensão da seca no contexto das famílias rurais	48
4. Considerações finais	51
Referências	53

SAÚDE GERAL, CRENÇAS E APOIO SOCIAL EM AGRICULTORES QUE VIVEM EM CONTEXTO DE SECAS	56
1. Introdução	56
2. Método	60
2.1 Participantes	60
2.2 Instrumentos	60
2.3 Procedimentos	63
2.4 Análise dos dados	64
3. Resultados e discussões	64
3.1 Caracterização da amostra de agricultores	64
3.2 Verificação da adequação das escalas para uso neste estudo	66
3.3 Saúde geral, crenças e apoio social em agricultores afetados pelas secas.....	72
4. Considerações finais	76
Referências	78
PERCEPÇÃO DO DESASTRE, AUTOEFICÁCIA E APOIO SOCIAL: IMPACTOS DA SECA EM AGRICULTORES DO SUL DO BRASIL	83
1. Introdução	83
2. Método	86
2.1 Participantes	86
2.2 Instrumentos	87
2.3 Procedimentos	87
2.4 Análise dos dados	88
3. Resultados e discussões	88
3.1 A seca e seus impactos	88
3.2 Diferenças entre os grupos de agricultores quanto ao nível de impacto da seca....	90
4. Considerações finais	97
Referências	99
DISCUSSÃO GERAL	102
1. Considerações finais	107
Referências	110
ANEXOS	113

LISTA DE TABELAS

Definições Representativas de Desastre	24
Categorias Relativas à Seca no Contexto da Família Agrícola	41
Caracterização dos Agricultores quanto à Escolaridade, Estado Civil e Papel Familiar	65
Caracterização dos Agricultores quanto à Religião, Renda, Tempo de Trabalho na Agricultura e de Residência no Município	66
Cargas Fatoriais para Análise Fatorial Exploratória com Rotação <i>Direct Oblimin</i> da <i>World Assumptions Scale (WAS)</i>	68
Cargas Fatoriais para Análise Fatorial Exploratória com Rotação <i>Varimax</i> da <i>Social Support Appraisals (SSA)</i>	69
Cargas Fatoriais para Análise Fatorial Exploratória com Rotação <i>Direct Oblimin</i> do Questionário de Saúde Geral (QSG), versão com 12 itens	70
Cargas Fatoriais para Análise Fatorial Exploratória com Rotação <i>Direct Oblimin</i> da escala <i>ad hoc</i> de Indicadores de Impacto da Seca na Família (IISF)	71
Testes Multivariados – MANOVA	73
Análise Multivariada de Variância entre as Variáveis Autovalor, Significação do Mundo, Apoio dos Amigos/Outros, Apoio da Família e Saúde Geral	73
Diferenças Bivariadas entre os Grupos por Nível de Impacto da Seca: Média (M) e Desvio Padrão (DP)	74
Impactos Econômicos e Psicossociais da Seca	89
Centróides dos Grupos por Nível de Impacto da Seca	91
Matriz estrutural: Coeficientes Padronizados da Função Discriminante Múltipla	92
Médias das Variáveis Significativas Enquanto Discriminantes dos Grupos por Nível de Impacto da Seca na Família	93

LISTA DE FIGURAS

Situações que geram estresse coletivo	22
Modelo do uso de recursos de <i>coping</i> pelos agricultores familiares do Rio Grande do Sul e sua relação com o bem-estar	50
Histograma de frequência e distribuição dos grupos de agricultores por nível de impacto da seca a partir do ISSF	72

RESUMO

O trabalho investigou, através de dois estudos, a seca e suas implicações psicossociais para as famílias de agricultores da região Noroeste do Rio Grande do Sul, Brasil. No estudo qualitativo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas tendo participado sete agricultores de ambos os sexos, com idade entre 33-51 anos ($M=42$; $DP=5,22$). O objetivo foi verificar como a perda de recursos desencadeada pelas secas exerce influência sobre o bem-estar familiar. Constatou-se que as secas afetam recursos de sobrevivência familiar e causam implicações psicológicas para esta população, como insegurança quanto ao futuro, desânimo e tristeza. Os participantes utilizam estratégias de *coping* a partir do uso de recursos pessoais e do apoio social disponível no cotidiano de vida, sendo prevalente o uso do *coping* ativo. Políticas públicas em caráter permanente poderiam contribuir para reduzir o tempo de exposição ao estresse decorrente do desastre e, conseqüentemente, melhorar níveis de saúde e bem-estar nesta população. No segundo estudo, participaram 198 agricultores, com idade entre 18 e 77 anos ($M=44,38$; $DP=10,04$), sendo 104 (52,5%) homens e 88 (44,4%) mulheres. O objetivo foi avaliar a relação entre o grau de impacto da seca na família e as variáveis crenças básicas, apoio social, saúde geral e percepção do desastre. Os participantes responderam a um questionário composto por itens relacionados aos impactos psicossociais das secas e percepção do desastre, além das escalas *World Assumptions Scale (WAS)*, *Social Support Appraisals (SSA)* e o Questionário de Saúde Geral (QSG-12). Os grupos de alto e médio impacto da seca apresentaram percepção mais negativa do desastre em relação ao grupo de baixo impacto, no que se refere às suas conseqüências no bem-estar, além de perceberem-se mais responsáveis pelos seus impactos. Além disso, esses grupos apresentaram menores médias nas crenças de justiça, controlabilidade e aleatoriedade dos acontecimentos. Em relação ao apoio social, o grupo com alto impacto do desastre percebe-se mais apoiado pelos grupos primários (família, amigos, vizinhos, comunidade), enquanto que o grupo de baixo impacto percebe-se mais apoiado pelos grupos secundários (governo, técnicos, grupos religiosos). Constatou-se ainda, menor percepção de saúde no grupo de alto impacto da seca, nas dimensões depressão, autoeficácia e autoestima. O trabalho contribui para a compreensão da relação entre seca e bem-estar nos agricultores, bem como, com discussões no âmbito da psicologia dos desastres no contexto brasileiro.

Palavras-chave: psicologia dos desastres, seca, agricultores familiares, apoio social, saúde geral, crenças básicas

ABSTRACT

This work investigated, through two studies, the drought and its psychosocial implications for families of farmers in the northwest region of Rio Grande do Sul, Brazil. In the qualitative study, semi-structured interviews were conducted with seven participating farmers of both sexes, aged 33-51 years ($M = 42$, $SD = 5.22$). The goal was to understand how the loss of resources triggered by droughts influences family well-being. It was found that droughts affect family survival resources and has psychological implications for this population, such as uncertainty about the future, hopelessness and sadness. The use of active coping through personal resources and informal social support is prevalent. Public policies could help to reduce the time of exposure to stress caused by the disaster, and consequently, improve the levels of health and well-being in this population. In the second study, 198 farmers participated, aged 18-77 years ($M = 44.38$, $SD = 10.04$); 104 (52.5%) men and 88 (44.4%) women. The objective was to evaluate the relationship between the degree of impact of drought upon the family and the variables of world assumptions, social support, general health and perception of the disaster. The participants answered a questionnaire (beyond the World Assumptions Scale (WAS), Social Support Appraisals (SSA) and the General Health Questionnaire (GHQ-12) instruments) comprised of items related to the psychosocial impacts of droughts and the perception of the disaster. The groups of high and medium impact had more negative perceptions of the disaster, with regard to its consequences on well-being, than had the low impact group. They also perceived themselves as more accountable for it. Moreover, these groups had lower mean belief in justice, controllability and randomness of events. Regarding social support, those in the high- and medium-impact groups perceived themselves to be more supported by the primary groups (family, friends, neighbors, community); while those in the low-impact group perceived themselves to be more supported by secondary groups (government, agricultural technicians, religious groups). Additionally, there existed a decreased perception of health in the high-impact group, related to the following dimensions: Depression, self-efficacy and self-esteem. The work contributes to the understanding of the relationship between drought and well-being among farmers; as well as to discussions within the psychology of disasters in the Brazilian context.

Keywords: disasters psychology, drought, farmers, social support, general health, world assumptions

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Este estudo dá continuidade à pesquisa de mestrado realizada com agricultores da região Noroeste do Rio Grande do Sul, na qual foi feito um mapeamento das secas no período de 1965-2005 e investigados os principais impactos deste desastre na vida das famílias. Os resultados apontaram que a seca é um fenômeno recorrente no contexto estudado e que seus impactos podem ser duradouros quando não crônicos, de natureza não apenas material, mas também psicológica e social (Favero, 2006).

Dentre os principais impactos verificados estão a perda de recursos financeiros, restrições na dieta alimentar e dificuldades para descansar durante os períodos secos. Os participantes relataram a presença do sentimento de impotência pela dificuldade de controlar o evento e de insegurança quanto ao futuro, além da dificuldade para fazer reservas de modo a se preparar para futuras secas. As famílias utilizavam diferentes estratégias de *coping* para lidar com os impactos, como por exemplo, vender bens materiais, fazer empréstimos com familiares ou instituições financeiras, plantar parcelado, cortar gastos e fazer restrições na dieta alimentar. Na avaliação das mesmas, algumas destas estratégias tornavam-nas ainda mais vulneráveis aos eventos futuros devido às suas consequências, como por exemplo, a perda de recursos importantes para a sobrevivência e o endividamento (Favero, 2006).

A pesquisa anterior foi de caráter exploratório, de modo que os seus resultados suscitaram algumas questões pertinentes para um novo estudo, além de que foi verificada a necessidade de investigar melhor os aspectos psicológicos relativos ao desastre. Dentre os questionamentos estão: 1) Como a psicologia tem definido o termo desastre e quais as suas implicações no reconhecimento da seca enquanto um desastre? 2) Como as perdas ocasionadas pelas secas exercem influência sobre o bem-estar familiar e quais os recursos de *coping* utilizados pelas famílias para lidar com o evento? 3) A avaliação do grau de impacto do desastre na família têm alguma relação com a percepção dos agricultores sobre a sua saúde geral, o apoio social e as suas crenças? E principalmente, a pergunta central desta tese: Que fatores estariam fortalecendo psicologicamente os agricultores estudados, de modo que mantenham saúde em situações de desastre?

Somando-se ao interesse suscitado durante o mestrado, em dar continuidade com os estudos em psicologia dos desastres, durante o doutorado tive a oportunidade de realizar

estágio sanduíche, com bolsa do CNPq, no Grupo de Pesquisa em Psicologia dos Desastres na *University of California Santa Barbara, CA, Department of Counseling, Clinical, and School Psychology*, sob orientação da professora Maryam Kia-Keating, *Ph.D.*, em co-orientação com o professor Gilber Reyes, *Ph.D.* da *Fielding Graduate University*. Durante este período, tive a oportunidade de conhecer o trabalho do grupo tanto na investigação quanto na intervenção junto às famílias que perderam suas casas em incêndios florestais. Além disso, entrei em contato com diferentes estudos na área de psicologia dos desastres no âmbito internacional, tendo a oportunidade de discutir sobre eles em reuniões com o professor Gilbert Reyes.

Da experiência, foi possível constatar que embora os estudos sobre trauma sejam os mais prevalentes (e, conseqüentemente, o estudo dos desastres com potencial traumático), cada vez mais os pesquisadores dos desastres têm se dedicado ao tema da resiliência comunitária, por exemplo, enfatizando a importância da comunidade como fonte de apoio psicossocial e de recursos para o enfrentamento e manutenção da saúde psicológica em momentos de crise (Dodge, 2006), priorizando desse modo os estudos das potencialidades e qualidades humanas, conforme a perspectiva da psicologia positiva (Snyder & Lopez, 2002). Nesse sentido, o aporte teórico e as ferramentas metodológicas da psicologia social comunitária podem também contribuir substancialmente no desenvolvimento do trabalho de intervenção em desastres.

A experiência do estágio no exterior contribuiu também na elaboração desta tese, especialmente na interpretação dos resultados do estudo, a partir da leitura do trabalho de outros pesquisadores e da discussão de tópicos como resiliência, *coping* e apoio social. Além disso, fortaleceu ainda mais o interesse pessoal pela temática dos desastres, por entender ser relevante o desenvolvimento científico desta área no Brasil, o que tem se mostrado ainda incipiente quando comparado ao contexto dos países desenvolvidos.

1. A psicologia e o estudo dos desastres

Os desastres são sem dúvida eventos que desafiam a capacidade de adaptação dos indivíduos e carregam consigo o risco de conseqüências adversas na saúde, incluindo diferentes tipos de problemas psicológicos (Davidson & McFarlane, 2006; Reyes, 2006). Faz-se importante considerar que, o potencial de efeitos de um desastre na saúde geral e, em particular, na psicológica é sempre variável, desde mínimas conseqüências a estresse severo, com prejuízos que podem persistir por muitos anos após o evento (Norris, Friedman, Watson et al., 2002).

Autores como Phifer e Norris (1989) referiram que, quando as perdas individuais se somam aos impactos do desastre na comunidade, o resultado deste último na saúde psicológica dos envolvidos tende a ser mais expressivo. Desse modo, sob circunstâncias normais, as comunidades geralmente dispõem de uma gama de recursos psicossociais que contribuem para o bem-estar de seus membros. Déficits nestes recursos podem resultar na diminuição da capacidade de enfrentamento e otimismo, mediando assim os efeitos negativos dos desastres (Davidson & McFarlane, 2006).

Cabe mencionar que, a psicologia dos desastres teve sua origem na psicologia do trauma com foco nos estudos sobre o desenvolvimento do Transtorno do Estresse Pós-traumático (TEPT) em indivíduos afetados por este tipo de evento (Reyes, 2006). Em seus primórdios, o interesse pelo estudo dos desastres, segundo Puy e Romero (1998), foi suscitado no contexto da Segunda Guerra Mundial, onde os diversos organismos oficiais do governo norte-americano financiavam estudos com o objetivo de extrapolar os resultados obtidos sobre desastres civis para a sua aplicação às situações bélicas. Nesse contexto, a preocupação máxima das forças armadas era com a preparação para um possível ataque nuclear, que alcançou seu ápice com a crise dos mísseis cubanos em 1962 (Puy & Romero, 1998).

Atualmente a psicologia dos desastres é uma disciplina independente e, embora, ainda sejam prevalentes as pesquisas ligadas ao trauma, na última década o foco dos estudiosos do tema tem se deslocado para a intervenção comunitária e a resiliência psicossocial. Isso se deve, especialmente, ao reconhecimento de que a comunidade é uma fonte de recursos psicossociais para a prevenção e o enfrentamento dos desastres, de modo que a adaptação bem-sucedida dos indivíduos aos desafios do contexto, muito se deve a maneira como a comunidade como um todo se prepara e reage às situações de estresse (Davidson & McFarlane, 2006; Reyes, 2006).

Com o passar dos anos e o contínuo desenvolvimento da disciplina, algumas lições foram aprendidas em desastres. A primeira delas é a de que as experiências prévias dos indivíduos podem ter impacto importante na percepção atual do desastre (tipos de perdas vivenciadas, percepção da perda, perdas secundárias como sonhos e esperanças), ações comunitárias que deram certo ou não e como a comunidade encontrou significado para se reerguer após um desastre (Boyd, Quevillon, & Engdahl, 2010).

Um segundo fator é que a prevenção e a proteção podem significar evitar o “caos” em situações de desastres e junto com essa compreensão veio o reconhecimento de que boas intenções não são suficientes quando se trata de oferecer ajuda (Boyd et al., 2010).

Além disso, resiliência é sim uma resposta esperada e não uma exceção em desastres, de modo que a psicologia deve tomar certo cuidado ao direcionar o foco apenas para as respostas não adaptativas dos indivíduos. Por outro lado, a ameaça de um novo desastre pode interromper a recuperação e levar um indivíduo rapidamente a um estado de desequilíbrio e crise, pois tanto normalidade quanto funcionamento diário levam meses ou anos para se restabelecer (Dass-Brailsford, 2010).

Outra constatação é a de que quando um desastre é causado por erros humanos, os sobreviventes costumam ter maior dificuldade em aceitar as suas consequências (Dass-Brailsford, 2010; McFarlane & Norris, 2006), o que não diminui a importância dos desastres considerados naturais. Além disso, alguns fatores podem ter efeito calmante em desastres como obter informações claras e que dão acesso aos recursos, a conexão com a família e os amigos, o conhecimento do *status* e das condições da volta para casa e informações de como estão indo as negociações entre os organismos responsáveis por garantir a segurança e as necessidades básicas dos afetados (Dodge, 2006).

2. Justificativa e objetivos da tese

O interesse pelo estudo dos desastres pela psicologia é ainda recente no Brasil e na América Latina de modo que esta área ainda carece de avanços teóricos. Isso pode ser constatado quando acessamos as principais bases de dados para artigos científicos nacionais e internacionais, por exemplo. Numa pesquisa realizada em janeiro de 2012 nas bases de dados da *Scientific Electronic Library Online - Scielo* (<http://search.scielo.org/index.php>) e no portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia - *Pepsic* (<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php>), utilizando as palavras *disaster* e *psychology*, em conjunto e separadamente, foram encontrados os seguintes resultados: três ocorrências para as palavras utilizadas em conjunto (país Chile) e 72 ocorrências para *disaster* isoladamente no *Scielo* em revistas nas áreas de *health sciences* e *social sciences*, considerando publicações em periódicos de países como Argentina (2), Brasil (15), Chile (18), Cuba (18), México (14), Peru (1) e Venezuela (4). Na base de dados da *Pepsic* foram encontradas apenas três ocorrências em revistas da psicologia para o Brasil. Quando comparados tais resultados com os encontrados na *US National Library of Medicine - Pubmed* (<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed?term=disaster%20and%20psychology>), verifica-se uma grande disparidade no desenvolvimento teórico na área: 4.198 ocorrências para as palavras *psychology* e *disaster* conjuntamente e 59.680 quando utilizada a palavra *disaster* isoladamente.

Levando em consideração essa realidade, este estudo de tese visa contribuir com pesquisa empírica e desenvolvimento teórico na perspectiva da Psicologia dos Desastres, tendo como objetivo geral investigar os fatores que contribuem para a manutenção da saúde psicológica dos agricultores que vivem em área de seca. Os objetivos específicos deste estudo são:

- a) Caracterizar a seca enquanto um desastre e discutir a definição de desastre no âmbito da psicologia;
- b) Analisar como as perdas ocasionadas pelas secas exercem influência sobre o bem-estar familiar e identificar as estratégias de *coping* e os recursos utilizados pelas famílias para lidar com o evento;
- c) Compreender como diferentes graus de impacto de um desastre podem estar influenciando a percepção de apoio social dos indivíduos, suas crenças fundamentais e sua avaliação de saúde geral;
- d) Verificar variáveis psicossociais relativas à percepção do desastre e a diferentes tipos de apoio social, as quais possam estar diferenciando grupos de agricultores por nível de impacto da seca na família.

Além da necessidade de ampliar os estudos na área de psicologia dos desastres no Brasil, esta tese justifica-se pela importância de reconhecer a seca enquanto desastre que tem impactos não apenas financeiros, mas também sociais e psicológicos, já que, na maioria das vezes, ela não está contemplada nos principais conceitos de desastres propostos pela psicologia, os quais fazem referência apenas aos eventos súbitos e potencialmente traumáticos (Garcia-Renedo, 2008; McFarlane & Norris, 2006). Ainda, o fato de que a psicologia tradicionalmente tem se voltado a estudar os fenômenos psicossociais do ambiente urbano, ficando o rural (o que é distinto do “agrário”) carente de contribuições para o entendimento de sua realidade específica (Albuquerque, 2002). Nesse sentido, a área de psicologia rural também carece de estudos que considerem suas especificidades.

3. Apresentação dos capítulos

Esta tese é apresentada em forma de artigos, tratando cada um deles de um estudo específico. O capítulo II apresenta um artigo teórico intitulado “O desastre como objeto de estudo da psicologia”, que revisa e discute, num primeiro momento, conceitos de desastre no âmbito da sociologia e da psicologia, com o objetivo de contribuir no debate do termo. Num segundo momento, analisa-se a seca e suas especificidades, contribuindo com

discussões sobre a relevância psicossocial deste desastre, especialmente para as famílias rurais.

O capítulo III apresenta um estudo qualitativo realizado com agricultores familiares da região Noroeste do Rio Grande do Sul, os quais vivem em uma área onde existe incidência de secas. O artigo intitula-se “Impactos psicossociais das secas e sua relação com o bem-estar das famílias rurais do Noroeste do Rio Grande do Sul”. Participaram sete agricultores de ambos os sexos, com idade entre 33 e 51 anos ($M=42$; $DP=5,22$). A coleta de dados foi feita por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas na residência dos participantes. O objetivo do estudo foi analisar como as perdas ocasionadas pelas secas exercem influência sobre o bem-estar familiar e identificar os recursos psicossociais utilizados pelas famílias para lidar com o evento.

O capítulo IV apresenta um estudo que avaliou quais variáveis relativas à saúde geral, crenças e apoio social percebido, melhor diferenciam grupos de agricultores por nível de impacto da seca na família. O artigo intitula-se “Saúde geral, crenças e apoio social em agricultores que vivem em contexto de secas”. Participaram 198 agricultores, 104 homens e 88 mulheres, com idade entre 18-77 anos ($M=44,38$; $DP=10,04$). Utilizou-se como instrumentos um questionário para dados sociodemográficos, a *World Assumptions Scale* (WAS), a *Social Support Appraisals* (SSA), o Questionário de Saúde Geral (QSG-12) e uma escala *ad hoc* de avaliação dos impactos da seca na família (IISF). Foram conduzidas análises de estatística descritiva para os dados sociodemográficos e Análise Multivariada de Variância (MANOVA) para os dados das escalas. Nesta última análise, as variáveis independentes foram os três grupos de agricultores, classificados a partir do nível de percepção de impactos negativos da seca, medidos pela escala *ad hoc* (IISF) e as variáveis dependentes foram à soma dos escores nas dimensões das escalas SSA (apoio dos amigos/outros e apoio da família), WAS (crenças de autovalor e Significação do Mundo) e no QSG-12 (saúde geral).

O capítulo V, por sua vez, apresenta um estudo que identificou os principais impactos econômicos e psicossociais das secas nas famílias rurais e avaliou quais, dentre um conjunto de variáveis discriminam grupos de agricultores por nível de impacto da seca. O artigo intitula-se “O impacto da seca em agricultores do Sul do Brasil: Relações entre percepção do desastre, crenças e apoio social”. Participaram 198 agricultores (os mesmos participantes do estudo anterior) com idade entre 18-77 anos ($M=44,38$; $DP=10,04$), 104 (52.5%) do sexo masculino e 88 (44,4%) do sexo feminino, todos residentes na zona rural do Sul do Brasil. Utilizou-se uma escala *ad hoc* (IISF) de impactos do desastre e um

questionário com variáveis para uso neste estudo que versam sobre percepção do desastre, capacidade de lidar com a seca e apoio social. Foram empregadas análises de estatística descritiva e de função discriminante múltipla, tendo como variável dependente os grupos por nível de percepção dos impactos da seca na família e como variáveis independentes os itens do questionário.

A título de conclusão, na última sessão faz-se uma discussão geral dos artigos que compõem esta tese e são apresentadas as limitações do estudo e as especificidades do contexto de pesquisa com agricultores, bem como algumas sugestões para trabalhos futuros.

CAPÍTULO II

O DESASTRE COMO OBJETO DE ESTUDO DA PSICOLOGIA¹

Eveline Favero, Jorge Castellá Sarriera, Melina Trindade

Resumo

O artigo revisa e discute, num primeiro momento, conceitos de desastre no âmbito da sociologia e da psicologia, com o objetivo de contribuir no debate do termo. Foi utilizada revisão de literatura incluindo-se os conceitos dos principais teóricos sobre o tema. Constata-se que no âmbito da sociologia a palavra desastre abrange aqueles fenômenos delimitados no tempo e no espaço, que causam danos físicos, perdas, rupturas sociais e mudanças no funcionamento da rotina diária, de forma que a demanda excederia a capacidade de resposta, dentro de um contexto social vulnerável. No âmbito da psicologia o termo faz menção a eventos súbitos, com potencial traumático, delimitados no tempo e no espaço, sendo os desastres fenômenos coletivos geradores de alto grau de estresse e com consequências/reações psicológicas nos envolvidos. Num segundo momento, analisa-se a seca e suas especificidades, contribuindo com discussões sobre a relevância psicossocial deste desastre, especialmente para as famílias rurais.

Palavras-chave: psicologia dos desastres; desastres; seca; agricultores

1. Introdução

O interesse pelo estudo dos desastres no âmbito da psicologia, segundo Puy e Romero (1998), foi suscitado no contexto da Segunda Guerra Mundial, onde os diversos organismos oficiais do governo norteamericano financiavam estudos com o objetivo de extrapolar os resultados obtidos sobre desastres civis para a sua aplicação às situações bélicas. No entanto, mesmo que os desastres tenham muito em comum com estressores tais como as guerras, eles diferem destas em dimensões temporais (McFarlane & Norris, 2006).

Nesse contexto, o desenvolvimento da área da Psicologia dos Desastres teve seu início no campo da Psicologia do Trauma (Reyes, 2006), vindo também a receber atenção no que se refere à intervenção em crise (Dass-Brailsford, 2010). Atualmente a psicologia dos desastres é uma disciplina independente da psicologia do trauma e que se encontra em

¹ Agradecimento à psicóloga Francielli Galli por ter contribuído com sugestões neste artigo.

constante desenvolvimento (Reyes, 2006). Na última década, os estudos têm dado ênfase à resiliência psicológica e aos comportamentos adaptativos diante dos novos cenários do pós-desastre, sendo que, atualmente, o foco de interesse tem se deslocado para as intervenções e avaliações com base na comunidade, dentro de princípios consistentes com os modelos públicos de saúde mental (Dodge, 2006; Reyes, 2006).

Nesse sentido, observa-se um grande empenho no desenvolvimento tanto teórico quanto de ferramentas de avaliação e intervenção em desastres, levando em conta as necessidades psicossociais tanto dos profissionais quanto dos beneficiários, com ênfase no fortalecimento da resiliência comunitária e em consonância com as características culturais de cada contexto (Ager, 2006; Dass-Brailsford, 2010; Dodge, 2006). Apesar dos avanços e da diversidade de aspectos investigados relativos aos desastres, as consequências traumáticas deste tipo de evento ainda são muito enfatizadas por teóricos da psicologia, tanto na pesquisa quanto ao se tratar de conceituar o termo (Davidson & McFarlane, 2006; McFarlane & Norris, 2006; Páez et al., 2001).

Trazendo como exemplo, autores como McFarlane e Norris (2006) conceituaram desastre como “um evento com potencial traumático o qual é experimentado coletivamente, com início agudo e delimitado no tempo” (p.04). Os autores referiram também que os desastres podem ser cíclicos e com interações ao invés de simplesmente representados por fases claramente definidas e que, o uso do termo “agudo” é relativo, uma vez que o ciclo de um desastre pode ter sim um período agudo, mas ter seu curso estendido ao longo do tempo. Desse modo, observa-se que embora esses autores definam desastres como eventos agudos, reconhecem também que nem todos se desenvolvem da mesma maneira.

A definição de McFarlane e Norris (2006) é útil quando se trata de avaliar desastres de início súbito e com grande potencial de destruição como no caso de um terremoto, mas não pode ser aplicada a outros tipos de eventos de início lento e pouco delimitados no tempo como ocorre com as secas, os quais também causam efeitos devastadores no estilo de vida e bem-estar das comunidades (Boeckner, Bosch, & Johnston, 2003; Boyd et al., 2010; Logan & Ranzijn, 2008; Staniford, Dollard, & Guerin, 2009). Embora McFarlane e Norris (2006) tenham enfatizado que desastre não pode ser entendido como sinônimo de trauma, ainda assim consideram como característica deste tipo de evento o potencial para o trauma.

É importante considerar que a perspectiva a partir da qual se analisa um evento modifica também a compreensão do risco a que uma determinada população está exposta,

de modo a naturalizá-lo como um agente externo de caráter abrupto, por exemplo, ou compreendê-lo como parte de um contexto e expressão da vulnerabilidade social (Britton, 1986). Desse modo, não são apenas as características físicas de um evento que se relacionam com as suas consequências psicológicas, mas principalmente o contexto em que ele ocorre. Neste caso, muda-se a perspectiva de olhar para o desastre, o qual não mais é compreendido como um evento agudo, mas como uma expressão aguda da vulnerabilidade social.

De modo a contribuir com o debate teórico, na perspectiva da psicologia dos desastres, este artigo tem por objetivo rever e discutir, num primeiro momento, algumas definições de desastre propostas por autores da sociologia e da psicologia. Num segundo momento, apresenta-se o desastre seca e suas especificidades, discutindo-se a relevância psicossocial deste fenômeno. A importância de se refletir sobre o conceito de desastre não está na necessidade de se defender uma definição hegemônica para o termo, visto que seria quase que impossível expressar em um conceito as diferentes características encontradas nos processos de desastre. A importância está, segundo Quarantelli (1998), no fato de que o conceito é um referente central para a área de estudo, seja em psicologia ou em outras disciplinas que têm se empenhado em contribuir nessa discussão.

2. Desastres, emergências e acidentes

Quando se trata de definir desastre, surge muitas vezes a dúvida sobre que fenômenos poderiam ser abrangidos pela definição e no que eles diferem de emergências e acidentes, por exemplo. Quarantelli (1998) já havia referido que não existe consenso sobre o conceito de desastre, o que poderia estar interferindo sobre os avanços no debate científico e, conseqüentemente, na definição de uma base conceitual mínima para a compreensão dos fenômenos como um todo.

Com o objetivo de diferenciar conceitos relacionados, Britton (1986) considerou desastres, emergências e acidentes como períodos de crise social com diferentes graus de estresse coletivo. Garcia-Renedo (2008) sistematizou de forma gráfica as ideias de Britton evidenciando os diferentes graus de estresse que diferenciam acidente, emergência e desastre e acrescentou o termo “catástrofe” como sendo o evento de maior grau de estresse coletivo, conforme Figura 01.



Figura 01. Situações que geram estresse coletivo. Traduzida de “El 11-M. Un estudio sobre su impacto psicológico desde el entorno familiar y escolar en alumnos de infantil y primaria,” de M. Garcia-Renedo, 2008, (Tese de Doutorado, Universitat Jaume I), p. 30.

De acordo com Garcia-Renedo (2008), acidente estaria no extremo de menor estresse coletivo, em que a ruptura aconteceria para um grupo muito específico de vítimas, enquanto que, numa emergência uma situação de crise interferiria sobre as atividades realizadas por um determinado grupo de pessoas. Por outro lado, um desastre implicaria num maior número de pessoas afetadas, assim como a ruptura da maioria das estruturas sociais e infraestrutura comunitária, como no caso dos terremotos. A autora acrescentou às ideias de Britton (1986), o termo catástrofes para se referir à ruptura de todas as estruturas sociais da comunidade, como, por exemplo, o que ocorreu no Tsunami do Sudeste Asiático e no contexto das bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki.

Desse modo, a diferenciação entre cada um desses fenômenos se daria em torno de três critérios: número de pessoas implicadas, capacidade de resposta do sistema, ruptura e danos nos sistemas sociais (Garcia-Renedo, 2008). Tal diferenciação faz-se importante, especialmente, quando se trata do ponto de vista operacional, onde declarar um fenômeno como um desastre pode implicar em maior ou menor mobilização de recursos tanto para a própria gestão do desastre, quanto para as vítimas que necessitam se organizar para enfrentá-lo. No entanto, um desastre não pode ser apenas mensurado pelo número de envolvidos e pela ruptura das estruturas sociais, pois esse tipo de evento possui atributos não apenas objetivos que possam ser mensurados, mas também subjetivos, políticos, econômicos e sociais.

Dentre os atributos subjetivos estão o potencial para afetar as crenças das pessoas, ocasionando a perda do sentido de invulnerabilidade e da crença num mundo justo, gerar ansiedade diante da possibilidade de morte, além do sentimento de insegurança quanto ao futuro (Garcia-Renedo, 2008; Paez, Fernández, & Martín Beristain, 2001; Reyes, 2006). Os desastres estão também relacionados a um contexto social vulnerável (Britton, 1986), sendo os impactos na dignidade humana mediados por atitudes políticas e econômicas, as quais podem servir tanto para garantir o senso de segurança e amenizar o sofrimento das

pessoas, quanto para intensificá-lo. Quando os direitos fundamentais das pessoas, como ter acesso às mínimas condições de sobrevivência, por exemplo, não são respeitados, as consequências deste tipo de atitude política na vida das pessoas podem chegar ao nível de um segundo desastre (Dass-Brailsford, 2010).

3. Definições sobre o construto desastre no âmbito da sociologia e da psicologia

De modo a rever e discutir diferentes definições de desastre buscou-se na literatura os principais conceitos utilizados por teóricos da psicologia e da sociologia, os quais tem sido recorrentes nos estudos da área. Embora se pretenda focar na concepção de desastre do ponto de vista psicológico, foram revisados conceitos da sociologia, pois originalmente a pesquisa em desastres é do domínio desta disciplina. Consequentemente, isso influenciou outras áreas, como a psicologia, uma vez que o campo dos desastres é reconhecidamente multidisciplinar (Kreps, 1984).

Neste trabalho foram reunidas as definições dos teóricos mais influentes, apesar de se reconhecer que existem inúmeras definições para o termo. Garcia-Renedo (2008), em seu trabalho de tese, fez uma revisão sistemática sobre os diferentes conceitos de desastre, ressaltando que somente na década de 80 existiram mais de 40 definições. Não foram consideradas para análise neste artigo, as definições operacionais, como as que são adotadas por organizações que atuam em desastres (Cruz Vermelha, Defesa Civil, por exemplo), pois elas partem, na maioria das vezes, de critérios operacionais, aplicados de acordo com os interesses de trabalho de cada organização (Marchezini, 2009).

Na Tabela 01 estão reunidas as definições de desastre, as quais foram selecionadas como representativas dos principais desenvolvimentos teóricos sobre o tema no âmbito da sociologia e da psicologia.

Tabela 01

Definições Representativas de Desastre

Autor (es), ano	Nível de Análise	Definição
Fritz, (1961 citado por Kreps, 1984, p. 312)	Social	Eventos, observáveis no tempo e espaço, no qual as sociedades ou suas subunidades (comunidades ou regiões) sofrem danos físicos e perdas e/ou rupturas no funcionamento de sua rotina. Ambas, causas e consequências desses eventos estão relacionadas com as estruturas sociais e processos das sociedades ou suas subunidades.
Quarantelli (1985, p. 50)	Psicossocial	Quando, numa ocasião de crise, a demanda por ação excede a capacidade de resposta. A ênfase está no esforço coletivo para dar conta da crise particular através da restauração das capacidades ao nível das demandas.
Britton (1986, p. 254)	Social	Um produto social como expressão da vulnerabilidade da sociedade humana que depende da interação entre os seres humanos e sua utilização do espaço físico e social.
McFarlane e Norris (2006, p.04)	Psicossocial	Um evento com potencial traumático o qual é experimentado coletivamente, com início agudo e delimitado no tempo. Desastres podem ser atribuídos a causas naturais, tecnológicas e humanas.
García-Renedo, Gil Beltrán e Valero Valero (2007, p. 40)	Psicossocial	Uma situação traumática que gera um alto grau de estresse aos indivíduos de uma sociedade ou uma parte dela, devido à ação de um agente em uma comunidade vulnerável (natural, humano ou uma combinação de ambos), produzindo uma alteração no funcionamento, tanto a nível comunitário como individual, assim como uma série de reações e consequências psicológicas nas pessoas envolvidas. As demandas criadas excedem os recursos habituais de respostas disponíveis na comunidade.

Observa-se que as definições propostas pela sociologia são mais abrangentes, em relação às propostas por autores da psicologia, no sentido de que diferentes tipos de eventos podem ser considerados desastres, não necessariamente aqueles de início súbito, uma vez que partem da avaliação dos danos físicos e perdas, rupturas sociais e mudanças no funcionamento da rotina diária (Fritz, 1961 citado por Kreps, 1984). Nenhuma dessas definições faz menção explícita às implicações psicológicas dos desastres. No entanto, no conceito de Quarantelli (1985) os termos “demandas” e “capacidades” podem também ser transpostos para o âmbito psicológico. Sobre este conceito de desastre, McFarlane e Norris (2006) referiram que a definição de Quarantelli é de certo modo abrangente e flexível, ao mesmo tempo que, abstrata para delimitar fronteiras.

No conceito de Fritz (1961 citado por Kreps, 1984) o autor fez referência à temporalidade dos desastres, ou seja, eventos observáveis no tempo e no espaço. Em relação a este aspecto, Coêlho (2007) mencionou que, embora fenômenos como as secas, fome, acidentes nucleares e químicos, conflitos sociais e epidemias tenham consequências desastrosas no longo prazo, não poderiam ser considerados desastres de acordo com essa definição, devido ao fato de não serem limitados no tempo e no espaço. Nesse sentido, é importante ampliar a visão de desastre para além daqueles fenômenos ditos “naturais” e com características físicas evidentes, pois tratam-se de acontecimentos com implicações do ponto de vista psicossocial.

Britton (1986), por sua vez trata desastres como um produto social, expressão da vulnerabilidade humana, isto é, um desastre não seria um evento isolado que incide sobre a realidade, mas fruto da interação entre os seres humanos e a utilização do ambiente. O conceito de Britton é importante na medida em que destaca o fato de que os desastres não acontecem desvinculados do contexto social, ou seja, num contexto onde não há interação entre o homem e o ambiente não pode existir um desastre. Do mesmo modo, num contexto onde foram desenvolvidos mecanismos eficientes de enfrentamento para o risco, certamente um evento não terá as mesmas proporções que num contexto de maior vulnerabilidade.

No que diz respeito à psicologia, foram selecionadas duas definições. A primeira delas, de McFarlane e Norris (2006), volta a fazer menção aos desastres como eventos delimitados no tempo, os quais são experimentados coletivamente. Em relação aos conceitos da sociologia, aqui duas características são evidenciadas, ou seja, o início abrupto e o potencial traumático. Nesse conceito estão presentes também diferentes causas para os desastres, como humanas, naturais e tecnológicas, o que torna a definição do ponto

de vista da origem do evento, mais abrangente. No entanto, desastres que não têm início agudo como as secas, ou mesmo potencial traumático (Coêlho, Adair, & Mocellin, 2004), ficariam de fora dessa definição. A adoção do termo “traumático” por diferentes teóricos da psicologia dos desastres revela que, embora esta seja uma disciplina independente da psicologia do trauma (disciplina onde teve sua origem em países desenvolvidos), ainda carrega sua influência na avaliação psicológica deste tipo de fenômeno, especialmente em países como os Estados Unidos, com teóricos como McFarlane e Norris (2006) e na Espanha, com Garcia-Renedo et al. (2007), para citar como exemplo.

A definição proposta por García-Renedo et al. (2007) volta a tratar do caráter traumático (neste caso um desastre “é” uma situação traumática). Os autores acrescentam o fato de ser uma situação geradora de alto grau de estresse, tomando como base as ideias de Britton (1986) ao se referir às diferenças entre desastres, emergências e acidentes. Os autores apontam a vulnerabilidade e a alteração no funcionamento social, como anteriormente descritos no âmbito da sociologia (Britton, 1986), e acrescentam consequências e reações psicológicas nos envolvidos. Eles também fazem menção ao conceito proposto por Quarantelli (1985), ao se referir a demandas *versus* capacidade de resposta comunitária.

Cabe mencionar que, embora considera-se útil discutir do ponto de vista teórico a definição de desastre, de acordo com Kreps (1984), o termo é apenas útil como um conceito síntese como tantos outros em ciências, e que chama a atenção para um número de características relacionadas ao fenômeno e dá a elas uma “etiqueta”. No entanto, para o mesmo autor, são as subsequentes identificações e medidas dessas características que fazem o conceito importante teoricamente. Nessa direção, McFarlane e Norris (2006) fazem referência à importância dos atributos de um desastre, tais como o tipo de impacto (circunscrito ou difuso), a rapidez de início (sendo que aqui os autores consideram como importante o início súbito), a medida de advertência e a extensão da ameaça, além da gravidade do impacto (proporção da população afetada, natureza e magnitude dos estressores individuais e coletivos). No entanto, chama-se a atenção para a necessidade de ampliar as discussões sobre o termo para além de suas características físicas, uma vez que um desastre não pode ser entendido como um fenômeno estranho ao seu contexto.

Entende-se que, ao se conceituar desastre, deve-se ter o cuidado para não apenas caracterizar o problema a que está se referindo, mas também possibilitar a compreensão e a reflexão deste em consonância com cada realidade em específico. Os desastres não são apenas objeto de interesse científico, mas, sobretudo, fenômenos de interesse social, de

modo que faz-se importante a análise dos diferentes fatores que possam estar contribuindo para a manutenção da vulnerabilidade social e perpetuação dos processos de desastre.

4. A seca e suas especificidades

A seca é um desastre que têm maior incidência sobre a população rural, a qual tem sua base econômica ancorada no uso dos recursos naturais e, por isso, estaria mais vulnerável às variações climáticas (Adger, 2000). Em relação aos outros desastres, a seca possui algumas especificidades. De acordo com Pereira, Cordery e Iacovides (2002), elas caracterizam-se por seu início lento e são usualmente reconhecidas somente quando estão totalmente estabelecidas. Costumam ter sua duração estendida e atingir grandes áreas. Tais características acabam por criar implicações importantes no que diz respeito às estratégias de enfrentamento, uma vez que não é possível prever a extensão dos impactos do desastre (Pereira et al., 2002)..

Características como a exposição prolongada à ameaça de um desastre e a não previsibilidade do seu término, como se verifica nas secas, são geradoras de altos níveis de estresse, interferindo na saúde psicológica dos indivíduos, diminuindo também o senso de segurança quanto ao futuro (McFarlane & Norris, 2006). Bosch, Griffin, Meek e Rossman (2002) fizeram referência a importância social das secas e as suas consequências no longo prazo no âmbito da saúde e bem-estar. As secas geralmente forçam as famílias a tomarem decisões como abandonar a colheita, vender bens ou fazer empréstimos. Os seus impactos são difusos e requerem medidas de grande alcance para a minimização. No entanto, muitas vezes esse fenômeno não tem o mesmo reconhecimento social quando comparado a outros desastres súbitos (enchentes, terremotos, etc.), uma vez que os elementos que compõem a seca tornam-se evidentes apenas tardiamente, quando o fenômeno já está instalado (Pereira et al., 2002).

Teóricos como Boyd et al. (2010) referiram que as secas e incêndios são desastres em forma de declínio econômico rápido e mudança ambiental, com consequências prolongadas e devastadoras no estilo de vida e bem-estar das comunidades rurais. As secas desencadeiam também a perda de recursos de sobrevivência, como água e comida, por exemplo, o que segundo Ünal-Karagüven (2009), expõe indivíduos e grupos a importantes níveis de estresse e, conseqüentemente, interfere em sua saúde e bem estar.

Partindo dessas considerações, entende-se que a seca é um desastre importante do ponto de vista psicossocial. Nesse sentido, Pereira et al. (2002) afirmaram que uma enchente ou um ciclone, por exemplo, têm início rápido e seus impactos são óbvios, de

modo que o desastre é facilmente visualizado por todos. Já, no caso das secas, acidentes radioativos, a fome e outros processos, os elementos que compõem o desastre tornam-se evidentes tardiamente, somente quando o fenômeno já está instalado, pois, na maioria das vezes, costumam coexistir com uma gama de fatores relacionados. Nesse caso, o reconhecimento social do desastre e a atenção pública para as populações afetadas ficariam prejudicados.

Outro fator é que a seca é um evento de importância para as populações rurais (Favero, 2006), as quais são geralmente escassas, de modo a não gerar muita atenção política para seus problemas. Nesse sentido, um desastre não pode ser mensurado pelo número de pessoas afetadas, mas pela sua importância para as populações vulneráveis, no que diz respeito à perda de recursos de sobrevivência, além do prolongado período de estresse a que ficam expostas, bem como as consequências econômicas e psicossociais deste tipo de fenômeno.

5. Considerações finais

A partir das leituras de diferentes teóricos pode-se constatar que a tarefa de definir desastre não é das mais fáceis, uma vez que o conceito abrange diferentes eventos com características distintas. Além disso, os desastres não podem ser compreendidos desvinculados do seu contexto. Desse modo, faz-se aqui uma tentativa de integrar as definições de diferentes teóricos de maneira a ampliar a compreensão sobre desastre e suscitar reflexões sobre o termo.

Entende-se que um desastre é um processo que tem sua origem na interação entre seres humanos e seu contexto social (Britton, 1986), e que mais do que um evento agudo, um desastre é a expressão aguda da vulnerabilidade psicossocial. Os desastres são também o resultado de um processo no qual, indivíduos e sociedade, aceitam conviver com o risco e suas consequências (Wenger & Weller, 1973), sejam elas econômicas, sociais, psicológicas ou culturais.

Os desastres desafiam a capacidade humana de resposta (Quarantelli, 1985), podendo trazer consigo perdas (Fritz (1961 citado por Kreps, 1984) e consolidar tragédias. Eles podem ser cíclicos, ou escalonados, de início súbito e com grande potencial traumático (Garcia-Renedo et al., 2007; McFarlane & Norris, 2006), ou ainda se desenvolverem de maneira lenta, de modo a expor indivíduos e grupos a prolongados períodos de estresse. No entanto, mesmo que apresentem diferenças quanto às suas

características físicas, não são apenas essas diferenças mas também o contexto onde eles ocorrem e, muitas vezes se desenvolvem, que determinarão as suas consequências.

O termo desastre, muito foi discutido por teóricos da sociologia, trazendo importantes contribuições para o campo ao longo dos anos, mas ainda carece de desenvolvimento na área da psicologia. A reflexão sobre o que se entende por desastre faz-se importante, especialmente no início do desenvolvimento desta área no Brasil, pois se reflete na definição do papel do psicólogo nestas situações, na abrangência dos estudos e no desenvolvimento teórico e conceitual desta disciplina.

Entende-se que a psicologia, por meio das políticas públicas de prevenção, muito pode contribuir com indivíduos e grupos que vivem em contextos de desastres, a partir de intervenções dirigidas aos processos de conscientização para o risco e participação comunitária, na busca por soluções para os problemas coletivos. A conscientização para o risco seria o primeiro passo na direção do resgate do controle sobre a situação e na promoção e proteção dos recursos essenciais para a sobrevivência, mediante um melhor gerenciamento do desastre.

Os desastres são eventos que, além de evidenciar a capacidade de enfrentamento de indivíduos e coletivos, despertam para a necessidade de transformação da realidade social. Nesse sentido, faz-se importante a contribuição dos trabalhos da psicologia nos processos de resgate de valores fundamentais de convivência humana, como a dignidade e a solidariedade, os quais segundo Freitas (2002), são construídos na rede da vida cotidiana e comunitária. Ainda, segundo a mesma autora, as intervenções comunitárias e a busca por soluções dignas para os problemas coletivos, somente adquirem sentido se fortalecerem as dinâmicas comunitárias, como a rede de relações dentro da comunidade, as formas de coesão, cooperação e conscientização entre os diferentes participantes de modo a politizar a consciência sobre os problemas e suas soluções (Freitas, 2007).

No que diz respeito às especificidades da seca, observa-se uma característica bastante importante de ser considerada na análise dos desastres. Trata-se das suas implicações no processo de tomada de decisão das famílias, uma vez que é um desastre que se caracteriza pela incerteza quanto ao seu desenvolvimento. Nesse sentido, cabe perguntar-se, como se dá o processo de tomada de decisão nos indivíduos que atravessam este ou aquele desastre? Estudos futuros poderiam contribuir na investigação deste aspecto.

Ainda, considerando as características da seca, as incertezas que atravessam o seu processo de desenvolvimento podem também estar favorecendo a adoção de medidas paliativas em detrimento às medidas preventivas. A seca é um desastre que merece atenção

quanto às medidas de prevenção e minimização de riscos, pois depois que o processo se instala torna-se difícil avaliar a real proporção do problema. Em acréscimo, é um desastre que se repete com muita frequência e que, por isso, facilitaria a adoção de políticas públicas de enfrentamento no longo prazo, ou seja, é um desastre passível de prevenção quanto às suas consequências.

A dificuldade em se fazer avanços na prevenção das consequências da seca, podem estar situadas dentro de um contexto histórico e social onde as estratégias paliativas servem como mecanismos de visibilidade política, de modo que se torna interessante a manutenção deste problema. Nesse sentido, quem paga o preço de tais manobras é a população, tanto com a perda de recursos e dificuldades para manter uma vida digna, quanto com consequências na autoestima, por não ter reconhecido o seu direito à melhoria das condições de vida e bem-estar.

Por fim, embora do ponto de vista científico os conceitos sejam importantes para classificar e delimitar fronteiras reitera-se aqui como fundamental a compreensão de um desastre dentro do contexto social, político e econômico onde ele ocorre. São essas variáveis que permitem a dimensão das consequências desses eventos na vida da população e é por esse motivo, que ele situa-se tanto como objeto de interesse de diferentes disciplinas, quanto como objeto de relevância social.

Referências

- Adger, W. (2000). Social and ecological resilience: Are they related? *Progress in Human Geography*, 24, 347-364.
- Ager, A. (2006). Toward a consensus protocol for psychosocial response in complex emergencies. In G. Reyes, & G. A. Jacobs (Eds.), *Handbook of international disaster psychology: Fundamentals and Overview* (pp. 35-49). Westport, CT: Praeger.
- Boeckner, L., Bosch, K., & Johnston, C. E. (2003). *Coping in stressful times during drought* (Historical Materials, G1525). Disponível em University of Nebraska, Lincoln Extension website <http://digitalcommons.unl.edu/extensionhist/1735>
- Bosch, K. R. (2004). Cooperative extension responding to family needs in time of drought and water shortage. *Journal of Extension*, 42(4), 1-10.
- Bosch, K., Griffin, C., Meek, J., & Rossman, M. (2002). *Weathering drought times satellite conference: A multi-state rural response to the drought*. Disponível em University of Nebraska, Kansas State University and Iowa State University website: <http://www.panhandle.unl.edu/>

- Boyd, B., Quevillon, R. P., & Engdahl, R. M. (2010). Working with rural and diverse communities after disasters. In P. Dass-Brailsford (Ed.), *Crisis and Disaster counseling: Lessons learned from hurricane Katrina and other disasters* (pp. 149-163). Los Angeles: Sage.
- Britton, N. R. (1986). Developing an understanding of disaster. *Journal of Sociology*, 22(2), 254-271. doi 10.1177/144078338602200206
- Coêlho, A. (2007). Percepção de risco no contexto da seca: Um estudo exploratório. *Psicologia para a América Latina*, 10. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2007000200012&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1870-350X.
- Coêlho, A. E. L., Adair, J. G., & Mocellin, J. S. P. (2004). Psychological responses to drought in Northeastern Brasil. *Interamerican Journal of Psychology*, 38(1), 95-103.
- Dass-Brailsford, P. (2010). Effective disaster and crisis interventions. In P. Dass-Brailsford (Ed.), *Crisis and disaster counseling: Lessons learned from hurricane Katrina and other disasters* (pp. 213-228). Los Angeles: Sage.
- Davidson, J. R. T., & McFarlane, A. C. (2006). The extent and impact of mental health problems after disaster. *Journal of Clinical Psychiatry*, 67(2), 9-14.
- Dodge, G. R. (2006). Assessing the psychosocial needs of communities affected by disaster. In G. Reyes & Jacobs, G., *Handbook of international disaster psychology: Fundamentals and overview* (pp. 65-91). Westport, CT/London: Praeger.
- Favero, E. (2006). *A seca na vida das famílias rurais de Frederico Westphalen-RS* (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, UFSM, Santa Maria, Brasil). Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa>
- Freitas, M. F. Q. (2007). Intervenção psicossocial e compromisso: Desafios às políticas públicas. In A. M. Jacó-Vilela & L. Sato (Orgs.), *Diálogos em psicologia social* (pp. 329-341). Porto Alegre: Abrapsosul/Evangraf.
- Freitas, M. F. Q. (2002). Intersecciones entre sentido de comunidad y vida cotidiana. In I. Piper (Comp.), *Políticas, sujetos y resistencias: Debates y críticas en psicología social*. Santiago de Chile: ARCIS.
- Garcia-Renedo, M. (2008). *El 11-M. Un estudio sobre su impacto psicológico desde el entorno familiar y escolar en alumnos de infantil y primaria* (Tese de Doutorado, Universitat Jaume I). Disponível em <http://repositori.uji.es/xmlui/handle/10803/10526>

- Garcia-Renedo, M., Gil Beltrán, J. M., & Valero Valero, M. (2007). *Psicología y desastres: Aspectos psicosociales*. Castelló de la Plana: Publicacions de la Universitat Jaume I.
- Kreps, G. A. (1984). Sociological inquiry and disaster research. *Annual Review of Sociology*, 10, 309-330.
- Logan, C., & Ranzijn, R. (2008). The bush is dying: A qualitative study of South Australian farm women living in the midst of prolonged drought. *Journal of Rural Community Psychology*, 12(2). Disponível em:
<http://www.marshall.edu/jrcp/VE12%20N2/jrcp%2012%202%20Logan%20and%20Ranzijn.pdf>
- Marchezini, V. (2009). Dos desastres da natureza a natureza dos desastres. In N. Valencio, M. Siena, V. Marchezini, & J. Costa (Orgs.), *Sociologia dos desastres: Construção, interfaces e perspectivas no Brasil* (pp. 48-57). São Carlos: Rima.
- McFarlane, A. C., & Norris, F. H. (2006). Definitions and concepts in disaster research. In F. H. Norris, S. Galea, M. J. Friedman, & P. J. Watson (Eds.), *Methods for disaster mental health research* (pp. 3-19). New York: Guilford Publications.
- Páez, D., Fernández, I., & Martín Beristain, C. (2001). Catástrofes, traumas y conductas colectivas: Procesos y efectos culturales. In C. San Juan (Ed.), *Catástrofes y ayuda en emergencia: Estrategias de evaluación, prevención y tratamiento* (pp. 85-148). Barcelona: Icaria.
- Pereira, L. S., Cordery, I., & Iacovides, I. (2002). *Coping with water scarcity* (Technical Documents in Hidrology no. 58). Paris: UNESCO.
- Puy, A., & Romero, A. (1998). Claves para la intervención psicosocial en desastres. In A. M. Gonzáles (Ed.), *Psicologia comunitária: Fundamentos y aplicaciones* (pp. 497-515). Madrid: Síntesis.
- Quarantelli, E. L. Introduction: The basic question, its importance, and how is addresses in this volume. In E. L. Quarantelli, *What is a disaster? Perspective on the question* (pp. 1-7). London/New York: Routledge, 1998.
- Quarantelli, E. L. (1985). What is disaster? The need for clarification in definition and conceptualization in research. In B. Sowder, *Disasters and mental health selected contemporary perspectives* (pp. 41-73). Washington, D. C.: Government Printing Office.

- Reyes, G. (2006). Psychological first aid: Principles of community-based psychosocial support. In G. Reyes, & G. A. Jacobs, *Handbook of international disaster psychology: Practices and programs* (pp. 1-12). Westport, CT/London: Praeger.
- Roncoli, C., Ingram, K., & Kirshen, P. (2001). The costs and risks of coping with drought: Livelihood impacts and farmers responses in Burkina Faso. *Climate Research*, 19, 119-132.
- Ünal-Karagüven, M. H. (2009). Psychological impact of an economic crisis: A Conservation of Resources Approach. *International Journal of Stress Management*, 16(3), 177-194. doi 10.1037/a0016840
- Staniford, A. K., Dollard, M. F., & Guerin, B. (2009). Stress and help seeking for drought-stricken citrus growers in the Riverland of South Australia. *Rural Health*, 17, 147-154. doi: 10.1111/j.1440-1584.2009.01059.x
- Weaver, J. (1995). *Disasters: mental health interventions*. Sarasota, FL: Professional Resources Press.
- Wenger, D. E., & Weller, J. M. (1973). *Disaster subcultures: the cultural residues of community disasters* (Preliminary paper no. 9). Disponível em University of Delaware, Disaster Research Center website
<http://dspace.udel.edu:8080/dspace/handle/19716/399>

CAPÍTULO III

O DESASTRE SECA E SUA RELAÇÃO COM O BEM-ESTAR DAS FAMÍLIAS RURAIS DO NOROESTE DO RIO GRANDE DO SUL²

Eveline Favero, Jorge Castellá Sarriera, Melina Carvalho Trindade, Francielli Galli

Resumo

O capítulo apresenta um estudo qualitativo realizado com agricultores familiares da região Noroeste do Rio Grande do Sul, os quais vivem em uma área onde existe incidência de secas. Participaram sete agricultores de ambos os sexos, com idade entre 33 e 51 anos (M=42; DP=5,22). A coleta de dados foi feita por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas na residência dos participantes. O objetivo do estudo foi analisar como as perdas ocasionadas pelas secas, bem como a percepção dos impactos do desastre, exercem influência sobre o bem-estar familiar e identificar os recursos de *coping* utilizados para lidar com o evento. As secas fazem parte do contexto de vida mais amplo das famílias rurais, as quais utilizam estratégias de *coping* a partir do uso de recursos pessoais e do apoio social disponível de modo a lidar com as perdas ocasionadas pelo desastre. Quando a demanda excede a capacidade de resposta das famílias, a tendência é a ocorrência de perdas secundárias e, conseqüentemente, o decréscimo nos níveis de bem-estar familiar devido ao longo período de exposição à situação de estresse. Políticas públicas para o contexto da seca poderiam funcionar não apenas como recurso instrumental, mas também como um recurso simbólico de apoio social que devolve as famílias rurais o senso de segurança e controle sobre a situação, além de ampliar a perspectiva de futuro, contribuindo assim para a saúde psicológica desta população.

Palavras-chave: Psicologia dos Desastres, Psicologia Rural, Bem-estar, Agricultores Familiares

1. Introdução

Um dos problemas que mais têm relevância para as famílias rurais do Rio Grande do Sul é o problema da seca, o qual tem historicamente afetado grande número de pessoas, especialmente na porção Norte deste Estado. No entanto, embora sendo a seca um problema antigo, ocorreram poucos avanços em políticas públicas, no sentido de minimizar

² Capítulo aceito para publicação no livro “Psicologia e Contextos Rurais”, organizado por Jader Ferreira Leite e Magda Dimenstein, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

as suas consequências econômicas e sociais. O que se tem observado é uma tendência para a adoção de medidas governamentais paliativas, como a prorrogação de dívidas e a aprovação de linhas de crédito emergenciais para as famílias rurais (Câmara dos Deputados, 2010).

As secas não causam apenas prejuízos econômicos e sociais. Dentre as suas consequências, estão também os impactos psicológicos. Bosch (2004), por exemplo, identificou que durante períodos de secas prolongadas ocorrem mudanças na relação entre os casais, especialmente no que diz respeito à comunicação. O marido passaria a conversar menos com sua esposa e surgem sintomas de estresse e depressão, principalmente naquele indivíduo que é o chefe da família. As gerações mais novas teriam mais dificuldades financeiras para enfrentar períodos prolongados de seca, segundo a autora, o que faz com que comumente migrem para buscar trabalho nas grandes cidades, provocando assim rupturas de laços familiares e sociais (Bosch, 2004).

Embora diferentes tipos de crises financeiras ocorram com frequência - e muitas delas tenham sérias implicações econômicas e sociais - são poucos os estudos que abordam os efeitos psicológicos desse tipo de evento, de acordo com Ünal-Karagüven (2009). Para esta autora, uma crise financeira se instala, quando recursos necessários para a sobrevivência não estão disponíveis, desencadeando assim um processo de estresse psicológico (Ünal-Karagüven, 2009). O termo “recursos” compreende os “objetos, condições, características pessoais e energias que tem valor para a sobrevivência, direta ou indiretamente, ou que servem como meio de atingir esse fim” (Hobfoll, 1998, p. 54). Hobfoll delimitou essa dimensão a partir da valorização atribuída por uma ampla classe de indivíduos a respeito de determinados recursos, sendo esses percebidos como salientes tanto para as pessoas em geral, quanto para o indivíduo. O autor classifica-os em: a) Recursos primários: alimentação e abrigo, relacionando-se com a sobrevivência; b) Recursos secundários: senso de conhecimento e domínio de determinado fenômeno, assistência à saúde e transporte. Os recursos secundários aumentam a probabilidade de obter e proteger os recursos primários; c) Recursos terciários: *status* social e apoio social. Estão apenas simbolicamente vinculados com a necessidade de sobrevivência, como um valor que provê um senso de se estar distante da pobreza e, conseqüentemente, da falta de alimentação e abrigo. Desse modo, os recursos se dividem entre instrumentais e simbólicos (Hobfoll, 1998).

O estresse psicológico, por sua vez, foi definido por Hobfoll (1989) como uma reação a um ambiente no qual existe: a) a ameaça da perda de recursos concretos; b) a

perda desses recursos; c) a ausência de ganhos após o investimento de recursos. Ambos, percepção e perda real, ou a falta de ganhos, seriam suficientes para produzir estresse. Perder recursos é mais importante do que obter ganhos no que se refere ao grau de impacto no bem-estar, sendo considerado o principal ingrediente no processo de estresse (Hobfoll, 2001; Hobfoll & Lilly, 1993; Ünal-Karagüven, 2009). A percepção da perda envolve também a avaliação cognitiva da situação e não apenas a perda real, sendo a primeira diretamente relacionada com a quantidade de estresse vivido pelo indivíduo (Lazarus & Folkman, 1984).

Desse modo, adequar recursos pessoais, sociais, econômicos e ambientais com demandas externas é sempre um desafio para a manutenção do bem-estar, determinando a direção e os resultados das respostas psicológicas ao estresse (Hobfoll, 1989). Um longo período de crise financeira, por exemplo, pode causar perdas contínuas e uma alta demanda por recursos, afetando os mecanismos de *coping*, os quais desempenham um papel importante nas reações dos indivíduos nessas situações (Lazarus & Folkman, 1984; Ünal-Karagüven, 2009). No caso dos agricultores, a perda de recursos financeiros pode ocorrer por diferentes razões como, por exemplo, o preço dos produtos, oscilações climáticas como falta ou excesso de chuvas, granizo, vendavais (Logan & Ranzijn, 2008). Além disso, entende-se que não é apenas o agente externo que determina o grau de perdas, mas também as características do contexto (Ünal-Karagüven, 2009), como, por exemplo, a disponibilidade de recursos de enfrentamento sejam eles materiais, sociais ou psicológicos.

A teoria chamada *Conservation of Resources* (COR) postula que os indivíduos utilizam estratégias de *coping* específicas para cada situação, uma vez que o *coping* está diretamente “embebido” do contexto (Hobfoll, 2001; Ünal-Karagüven, 2009). O termo *coping* foi definido como um esforço cognitivo ou comportamental para lidar com situações que são percebidas como estressantes (Lazarus & Folkman, 1984), sendo que estilos de *coping* proativos, juntamente com alguns recursos como *status* socioeconômico, controle pessoal e apoio social, têm sido considerados fundamentais para a resiliência ao estresse (Hobfoll, 1989).

De acordo com o modelo de COR o processo de conservação é o produto tanto das condições de vida como um todo, quanto das circunstâncias crônicas ou agudas que levam à perda de recursos. Quando faltam alguns recursos, a tendência é gerar ou possibilitar que ocorra o processo de perdas. Quando uma perda ocorre, os indivíduos adotam estratégias de conservação de recursos, ou seja, utilizam os meios disponíveis de maneira a otimizá-los e com isso, gerar novos recursos que reabastecem o indivíduo e compensam as

condições que produziram perdas agudas ou crônicas. Quando isso não ocorre, resultaria em consequências emocionais e funcionais negativas, gerando também perdas secundárias, o que leva ao agravamento das circunstâncias crônicas ou agudas e a diminuição dos recursos disponíveis. Desse modo, uma crise se instalaria, desencadeando um processo de estresse psicológico (Hobfoll, 1989/2001; Hobfoll & Lilly, 1993; Kaniasty & Norris, 1995).

O processamento de recursos como o apoio social desempenha um papel importante no enfrentamento do estresse quando considerado o *coping* como um esforço não apenas individual, mas também comunitário. Muitos eventos estressantes, e aqui se pode citar os desastres, são experimentados coletivamente e acabam por esgotar recursos tanto individuais, quanto sociais (Hobfoll, 1989). O modelo de conservação de recursos leva em conta que: a) muitos estressores têm um componente interpessoal; b) os esforços individuais de *coping* podem afetar o clima social; c) ações de *coping*, na maioria das vezes, requerem interação com outras pessoas (Hobfoll, 1989, 2001).

Em relação ao apoio social em desastres, Norris e Kaniasty (1996) descobriram que as pessoas que enfrentaram melhor o furacão Hugo e o Andrew, por exemplo, foram as que dispunham mais desse tipo de recurso, como pessoas com quem conversar e com quem resolver problemas. Desse modo, o apoio social nos ajuda a enfrentar os fatos como menos estressantes e mesmo quando interpretamos um fato como muito estressante, o apoio social pode nos ajudar a enfrentá-lo.

A teoria de conservação de recursos (Hobfoll, 1989) pode ser aplicada na análise de perdas e estratégias de *coping* desencadeadas por desastres. Muitos estudos na área de desastres mostraram que a perda de recursos é um forte preditor para a mobilização de estratégias de *coping* (Hobfoll, 2001; Norris, Perilla, Riad, Kaniasty, & Lavizzo, 1999). As secas são eventos coletivos que, além das consideráveis perdas econômicas, redução na disponibilidade de recursos necessários para a sobrevivência como água, alimentos e outros, podem gerar crises individuais e sociais, com consequências significativas na autoestima e bem-estar (Boeckner, Bosch & Johnston, 2003; Bosch, 2004; Logan & Ranzijn, 2008).

As secas se diferenciam de outros desastres como enchentes e incêndios pela sua dimensão temporal (Boeckner et al., 2003). Nesse sentido, as famílias que atravessam as secas, podem desenvolver altos níveis de estresse psicológico quando se deparam com o declínio nos ganhos agrícolas, bem como com a falta de controle sobre o evento e suas consequências difusas, sendo importante considerar que o bem-estar das famílias rurais

está diretamente relacionado com o sucesso na produção agrícola (Logan & Ranzijn, 2008).

Considerando a ocorrência de secas em algumas regiões do Rio Grande do Sul, especialmente na região Noroeste e, conseqüentemente, perdas agrícolas e de recursos de sobrevivência familiar, este trabalho tem por objetivos: a) analisar, com base na Teoria de Conservação de Recursos (Hobfoll, 1989, 2001), como as perdas ocasionadas pelas secas exercem influência sobre o bem-estar familiar; b) identificar as estratégias de *coping* e os recursos utilizados pelos agricultores para lidar com o evento.

2. Método

2.1 Contexto de pesquisa e participantes

Neste estudo, participaram sete agricultores, considerando que uma das seis entrevistas foi concedida pelo casal. Todos residiam na zona rural do município de Frederico Westphalen/RS, sendo três do sexo feminino (papel familiar= mãe) e quatro do sexo masculino (papel familiar= pai). Os participantes estavam casados e possuíam de um a dois filhos no momento da pesquisa. A idade variou de 33 a 51anos (M=42; DP=5,22), com faixa de renda entre um e acima de quatro salários mínimos. Todos os participantes tinham ensino fundamental incompleto. Como critério de inclusão, utilizou-se trabalhar na agricultura e morar na zona rural há pelo menos cinco anos, e ser maior de 18 anos.

Os agricultores entrevistados desenvolviam as seguintes atividades agrícolas: produção de leite, plantio de porongo e fabricação de cuia, plantio de amendoim e agroindústria de rapadura, fabricação de carvão, cultivo de fumo, cultivo de grãos (milho, feijão, soja). Para fins de análise e para preservar a identidade dos participantes, seus nomes foram substituídos por participante P1F, P2F, P3M, P4M, P5M, P6M e P6F, sendo M= masculino e F= feminino.

2.2 Instrumentos e materiais

Foi utilizado um breve questionário para coleta de dados biosociodemográficos e um roteiro para entrevista semiestruturada. A entrevista abordou os seguintes aspectos: percepção do desastre, seca e bem-estar familiar, sentimentos relacionados ao desastre, apoio social, preparo familiar e estratégias para lidar com a seca.

2.3 Procedimentos

O estudo foi autorizado pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), através do Protocolo número

2010003. As entrevistas foram realizadas após autorização dos participantes e seu consentimento expresso por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e da autorização para a gravação de áudio, conforme os critérios éticos para a pesquisa com seres humanos que constam na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS, 1996).

A seleção dos participantes se deu por meio dos seguintes procedimentos: 1) Primeiramente foi aplicado um questionário quantitativo com 198 agricultores, o qual fazia também parte do estudo de tese da primeira autora. Os participantes deste estudo responderam no questionário se gostariam ou não de conceder uma entrevista, e, em caso afirmativo, forneceram seu número de telefone; 2) Foram sorteados um total de 20 participantes dentre os que haviam respondido afirmativamente; 3) Estes foram contatados pela ordem de sorteio e o número de entrevistas realizado até atingir o critério de saturação dos dados.

2.4 Análise dos dados

Após transcrição das entrevistas na íntegra, os dados foram analisados pelo método de Análise de Conteúdo (Bardin, 1979), com auxílio do programa *Atlas.ti*, versão 5.6. Realizaram-se as seguintes etapas: a) leitura e discussão de cada caso, buscando identificar características gerais e especificidades; b) exploração e codificação, por meio da classificação das falas em unidades de análise independentes; c) agrupamento das unidades em categorias analíticas, resultantes daquelas propostas *a priori* (dedutivo) em consonância com as que emergiram do contexto dos dados (indutivo); d) tratamento dos resultados, por meio da descrição das categorias analíticas e do estabelecimento de relações entre elas; e) interpretação do sentido adquirido entre as unidades e categorias no contexto do estudo. As unidades de sentido, a categorização final e a interpretação dos resultados foram obtidas por consenso entre três juízes.

3. Resultados e Discussões

3.1 A seca no contexto da família agrícola

De maneira a compreender como se dá o processo de seca no contexto da família agrícola, os resultados foram agrupados em categorias analíticas, descritas na Tabela 01, compostas de unidades de análise, identificadas e extraídas da fala dos participantes. A seguir, descreve-se cada uma das categorias.

3.1.1 Descrição do desastre

Ao serem solicitados a falarem sobre a seca, os participantes passaram a descrevê-la a partir de suas características físicas, como por exemplo, “falta de chuva, morre tudo, seca a terra... Falta água, fica abafado... Falta umidade no ar. Morre a planta, a árvore e tudo (Participante 1 Feminino= P1F)”.

Os agricultores definem a seca do ponto de vista da agricultura, relacionando o desastre com suas implicações na atividade agrícola, na modificação do ambiente em que vivem e como algo distinto da normalidade física. Ao mesmo tempo em que descrevem fisicamente a seca, apontam suas consequências, tais como: “tu faz as planta (*sic*), pastagem pras vacas, essas coisas, praticamente não desenvolve nada, não cresce, falta de água, né, e, para tudo (P5M)”.

Teoricamente existem diferentes definições para seca, como por exemplo, secas meteorológicas, secas agrícolas, secas econômicas e ainda secas de recursos hídricos (Pereira, Cordery, & Iacovides, 2002). Observa-se na fala dos participantes uma compreensão global do fenômeno a partir de suas experiências empíricas, sendo que a descrição física da seca é acompanhada pela dimensão do prejuízo que ela traz (carência de diferentes tipos de recursos), como pode ser observado na seguinte fala: “termina a água, daí, termina a pastagem pra quem tem gado, seca a planta, não tem, não dá nada (P6M)”, ao mesmo tempo em que relacionam seus impactos com as consequências psicológicas e no bem-estar familiar. Tais aspectos serão discutidos nas demais categorias.

3.1.2 Percepção do desastre

Relativo à percepção do desastre, os participantes descreveram a seca como um evento esperado devido a sua recorrência e que traz prejuízo, conforme as falas a seguir: “a gente se dá conta que está acontecendo e sempre é esperado (P1F)” e “a seca é uma coisa que vai trazer prejuízo com certeza (P3M)”. A percepção da seca, nesse sentido, segue o caráter de invariabilidade e incontrolabilidade. Ainda:

Então, a seca pra nós é o inimigo maior na agricultura porque tu planta (*sic*) esperando que cresça e não desenvolve nada, né. Então pra nós é uma das piores coisas assim. (P5M)

De acordo com a fala dos participantes, a percepção que têm da seca é de um evento esperado e negativo, sobre o qual têm pouco controle, especialmente, quando relacionado com suas consequências, ou seja, as perdas reais na agricultura. Nesse sentido, Paez, Fernández e Martín Beristain (2001), referiram que quando as pessoas sabem que os efeitos negativos de um evento afetam a todos de maneira indiscriminada, como no caso da

seca, a tendência das pessoas é não mostrarem ilusão de invulnerabilidade e, neste caso, perceberem o risco de ser afetadas pelo desastre.

Tabela 01

Categorias Relativas à Seca no Contexto da Família Agrícola

Categoria Analítica	Unidades de Análise
<i>1- Descrição Física do Desastre</i>	<ul style="list-style-type: none"> - falta de água - clima abafado - secam as plantas - falta de chuva - seca a terra - sol forte
<i>2- Percepção do Desastre</i>	<ul style="list-style-type: none"> - seca é esperada - a vida seria melhor sem a seca - ruim para a agricultura - traz prejuízo - recorrente
<i>3- Impactos objetivos da seca</i>	<ul style="list-style-type: none"> - alteração da rotina familiar - redução nas atividades de lazer - dificuldades financeiras - prejuízo no sono - restrições na dieta alimentar - falta de água para consumo humano, animal e higiene pessoal
<i>4- Impactos subjetivos da seca</i>	<ul style="list-style-type: none"> - desânimo - desespero - insegurança - impotência - tristeza - aborrecimento - preocupação
<i>5- Estratégias para lidar com o desastre</i>	<ul style="list-style-type: none"> - autocontrole - antecipar plantio - corte de gastos - fonte de renda alternativa - busca por novas possibilidades para lidar com o desastre - saída do campo - utilizar recursos externos - acostumar-se com o desastre
<i>6- Apoio social</i>	<ul style="list-style-type: none"> - apoio familiar - apoio dos amigos/outros - ajuda externa

3.1.3 Impactos objetivos da seca

Os participantes referem que um dos principais impactos da seca é no setor financeiro e, conseqüentemente, isso traz implicações para o bem-estar, através de preocupação, aborrecimento e prejuízo no sono, além de dificuldades de higiene e prejuízos na alimentação. Em relação aos impactos financeiros destacam: “reflete que tu perdendo a safra tu perde (*sic*), tu não tem (*sic*) salário, tu não tem (*sic*) do que viver (P1F)”. E ainda:

Tu planta (*sic*) pra dar, gasta pra tu botar (*sic*) na lavoura, e não, depois não dá nada. A gente se sente mal, né, aborrecido. Como que tu vai (*sic*) pagar alguma dívida? Vai (*sic*) tirar de onde pra pagar se não dá na lavoura? É triste. (P6F)

Em relação aos efeitos da seca no bem-estar, Boeckner et al. (2003) constataram que este declina quando ocorre o desastre, e está relacionado com o decréscimo nos ganhos financeiros, o alto nível de estresse, menor contato social e maior incidência de adoecimento, especialmente entre os mais velhos, em épocas de seca. Os autores também referiram que o estresse financeiro é frequentemente um dos aborrecimentos diários que as famílias têm que lidar. Somando-se a outras dificuldades, decorrentes ou não das secas, o estresse financeiro pode se tornar agudo ou crônico. Staniford et al. (2009), numa pesquisa com citricultores, verificaram que as dificuldades financeiras, decorrentes das secas ou oscilações de mercado, são a principal fonte de estresse para esta população. Constatou-se, neste estudo, que a seca é um evento que não permite à família se organizar financeiramente, diante da dificuldade de prever a sua duração e conseqüências.

Um dos aspectos relatados como reflexo do desastre é o acúmulo de dívidas relacionado com a perda da produção e a conseqüente falta de dinheiro para a subsistência familiar e manutenção das atividades na propriedade, assim como para saldar os compromissos da safra anterior e investir no próximo processo produtivo:

A preocupação. Sempre a gente tem compromisso, e quer pagar. E quando chega de madrugada a gente se acorda e se lembra. E vamos pagar amanhã de quê? Se o dinheiro que vem é da lavoura, se não vem da lavoura é muito pouco (...). Mas vem acumulando de um ano pra outro, de um ano pra outro... vem acumulando. (P4M)

O acúmulo de dívidas, segundo Roncoli et al. (2001), acontece quando as famílias esgotaram outros recursos e estratégias para lidar com o evento. No contexto estudado por Roncoli et al., fazer empréstimos é sempre a estratégia das famílias mais pobres, que posteriormente acabam tendo que vender produtos por um baixo preço para pagar suas

dívidas. Foi também observado por Bosch (2004) existir relação entre o estresse por fatores financeiros e o prejuízo no sono, dado corroborado pelos entrevistados deste estudo: “Ah interfere (referindo-se ao bem-estar). Interfere porque a gente já fica preocupado, né, não dorme, às vezes não... porque a preocupação a gente sempre foi de nunca negar conta né. (...) Chega o dia, e daí?”(P3M).

A seca também interfere na rotina diária, levando algumas famílias a terem que providenciar água e alimentação para si e para os animais. Além de aumentar a preocupação, aumenta também o volume de trabalho diário:

Interfere, porque perde tempo atrás de buscar água e o pasto morre, aí tem que providenciar outra comida, e pra gente também falta verdura, falta fruta, até perde, de repente, tipo o feijão, coisas assim, arroz, né... (P1F)

Sobre o aumento de volume de trabalho mencionado pela participante, outros aspectos também podem contribuir. Roncoli et al. (2001) verificaram que, diante das perdas agrícolas, por exemplo, é normal os agricultores terem que replantar suas lavouras o que dobra a necessidade de esforços para produzir naquele período.

Dificuldades de higiene e lazer também foram mencionadas pelos participantes: “ah, mas desde a higiene, desde a água, você não tem água, como é que você vai ter higiene? Nunca (P6F)”, ou:

Tu vai sair (*sic*) de casa pra ir, digamos assim ó, se fosse à festa domingo lá, tá, vamos sair, vamos à festa. Agora tá tudo calmo, tá tudo quieto, tudo é fresquinho, é frio, nada de perigo de incêndio, nada, mas se for quente tu vai (*sic*) sair o dia inteiro, a vaca está passando sede, o terneiro de repente pega sol, morre do calor, e assim vai indo tudo, a casa tu fecha (*sic*), aquilo vira um perigo de pegar fogo, daí tu sai (*sic*) e a cabeça fica em casa. (P1F)

Verifica-se que a seca traz várias implicações em diferentes domínios do bem-estar familiar e que embora seus prejuízos possam ser mais bem avaliados pela dimensão financeira, os agricultores estudados evidenciaram outros aspectos pertinentes. Constatou-se que também são importantes os impactos na higiene, lazer, rotina diária, descanso e alimentação, de modo que o bem-estar das famílias rurais não pode ser avaliado apenas pelos aspectos objetivos, mas também subjetivos.

3.1.4 Impactos subjetivos da seca

Os entrevistados relataram vários sentimentos decorrentes do desastre, tais como, desânimo, aborrecimento, preocupação, desespero, insegurança, impotência e tristeza: “dava aquela sensação assim de faltar tudo né, porque tu estás vendo aí que está morrendo tudo, tu esperas o quê? Dá um desespero né! Por que, o que mais? É, é uma pena! (P3M)”

e “a gente sempre tem um sentimento, né? Vê (*sic*) a lavoura morrendo dia por dia, e sabendo que não dá pra fazer nada, né? (P4M)”.

A gente sempre se sente mal porque olha tudo o que a gente trabalha, se esforça e... e ver o sol, que o sol vai levando tudo, o trabalho da gente, né, isso é difícil da gente... dá vontade até de desistir de ser agricultor. (P3M)

Faltando água dá uma sensação de insegurança, de que tu não vais ter de repente com o que sobreviver e que vai te faltar a renda, a renda gera em cima disso ali, morrendo as plantas, as coisas, se foi, faltou água, morre o gado, morre tudo... (P1F)

Autores como Staniford et al. (2009) encontraram sintomas depressivos e afetivos ao analisar os impactos da seca em citricultores do Sul da Austrália. Dentre os sintomas estavam: sentir-se mal, tristeza, perda da motivação, ideação suicida, isolamento, negativismo, baixa autoestima, além de frustração, desapontamento e irritabilidade. Se comparados estes resultados com os do estudo atual, pode-se perceber muita semelhança entre os dois contextos. No entanto, não foi mencionada ideação suicida ou irritabilidade, ao passo que os participantes deste estudo referiram o sentimento de impotência diante da seca e insegurança quanto ao futuro, o que pode estar relacionado à percepção da seca como um fenômeno incontrolável (Logan & Ranzijn, 2008).

Além da percepção das pessoas sobre suas circunstâncias de vida, Hobfoll (2001) mencionou que as consequências de um evento estão associadas a um contexto de vida mais amplo, sendo que quanto mais recursos de *coping* o indivíduo possui maiores seriam suas chances de lidar de maneira bem-sucedida com o fenômeno. Desse modo, os impactos da seca não se devem apenas às perdas objetivas, mas também pela carência de recursos no contexto para dar conta das demandas, sejam eles financeiros, psicológicos ou sociais.

3.1.5 Estratégias para lidar com o desastre

Partindo do contexto estudado, as famílias referiram não estarem preparadas para lidar com a seca, devido a sua condição econômica, verbalizando nos seguintes termos: “acredito que não (P6M)” e “mais ou menos. Não muito. Até pelo poder aquisitivo, né (P1F)”.

Nesse sentido, uma expressão utilizada para descrever a maneira de enfrentar o desastre é “ir levando”:

Não tem o que fazer, tem que ir indo, vai levando, vai fazendo como e o que dá porque não tem alternativa (...) se não for muito grande até que... mas agora, se der uma seca grande mesmo não. (P3M)

A expressão “ir levando” pode estar indicando uma necessidade dos participantes de se acomodarem à nova situação e, então, poder decidir o que fazer diante das mudanças no contexto de vida. Por outro lado, de acordo com Hobfoll (1989), indivíduos que têm poucos recursos tendem a usar o *coping* passivo, de modo a conservar seus recursos e tornarem-se menos vulneráveis para a perda. A perda de recursos é um importante fator de risco para o bem-estar subjetivo para Hobfoll, de modo que a tendência do indivíduo é tentar minimizá-la em situações de estresse, por meio do mecanismo de conservação de recursos. Desse modo, utilizar uma estratégia de *coping* passivo não é o mesmo que não fazer nada, uma vez que isto tem uma intencionalidade diante do problema.

Dentre as estratégias de *coping* , os participantes também mencionaram fazer uso do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) como uma alternativa de renda em épocas de seca: “ah, isso a gente faz, a gente faz empréstimo, a gente faz aqueles PRONAF investimento, essas coisas é o único ganho, aí a gente consegue repor alguma coisa (P2F)”.

No entanto, o objetivo do programa é apoiar financeiramente atividades agropecuárias e não agropecuárias exploradas mediante emprego direto da força de trabalho do produtor rural e de sua família (Rocha et al., 2008), não se tratando de um programa de compensação de renda. Desse modo, políticas públicas específicas para o caso da seca seriam de fundamental importância neste contexto, especialmente porque poder contar com mais uma fonte de apoio social não é apenas relevante do ponto de vista financeiro, mas também psicológico, na medida em que pode auxiliar as famílias a vislumbrar novas perspectivas de futuro.

A partir da experiência com o desastre, as famílias também desenvolveram algumas estratégias de *coping ativo* , focado na resolução do problema, de maneira a minimizar seus efeitos, tais como: “primeiramente a gente se prepara quando tem previsão de seca, plantar mais cedo (P4M)” e “primeiro de tudo, procura nessa época não gastar muito, né. A gente sempre não conta com a produção lá na frente. E daí, a gente sempre economiza (P5M)”, ou ainda “comecei a produzir mais leite e a aumentar a produção de leite (P5M)”.

A estratégia de antecipação de futuro é uma característica da agência humana para Bandura (2006), que se reflete em autoeficácia e controle pessoal sobre as circunstâncias de vida e representa um funcionamento psicológico positivo diante das adversidades. No entanto, também está presente nas falas uma aceitação do fenômeno, sobre o qual não se teria muito controle: “tem que ir lidando com ela, né? Esperando que amanhã ou depois

chova, né? E a gente endireita tudo de novo (P4M)”, ainda “olhar pra Deus mandar chuva pra tu fazer (*sic*) alguma coisa? É né, o que tu vai (*sic*) fazer?” (P6F).

Tal característica pode estar refletindo o fenômeno do desamparo aprendido ou fatalismo, ou seja, um estado de pessimismo que resulta de se explicar um evento negativo como devido a fatores estáveis, internos e globais. Esse tipo de interpretação da realidade leva à desesperança, à depressão e a diminuição do esforço de enfrentamento e tem suas raízes na cultura, a qual fornece as explicações e significado para a maioria dos acontecimentos (Aronson, Wilson, & Akert, 2002).

Por outro lado, Wenger e Weller (1973) descreveram que repetidas crises com mais ou menos a mesma magnitude, como no caso a seca no contexto estudado, causariam o que chamamos “subcultura do desastre”, ou seja, a diminuição da percepção do risco e a consequente aceitação do seu potencial de perdas. O desenvolvimento da subcultura também funcionaria como uma estratégia de mitigação dos efeitos do estresse (Coelho, 2007), o que pode ser observado nas seguintes afirmações: “tô (*sic*) acostumado já com ela. Cada segundo ano dá uma seca. A gente tá (*sic*) meio preparado pra isso aí” (P4M) e, “ah, nós já acostumamos né, todos os anos se vier seca a gente até nem estranha muito mais, né” (P5M).

Ainda no sentido de lidar com o estresse, uma participante fez referência a uma estratégia de *coping* cognitivo: “ultimamente até aprendi a me controlar, mas antigamente eu sofria muito, eu até perdia o sono (P1F)”. A definição de *coping* implica no fato de que as ações não são classificadas de acordo com seus efeitos, mas com as características do processo podendo estar relacionadas, por exemplo, com elementos internos (*coping* focado na emoção), na tentativa de reduzir um estado emocional negativo, ou mudar a avaliação da situação de estresse (Krohne, 2002).

No que diz respeito à perspectiva de futuro, a irrigação foi apontada como uma maneira de minimizar os impactos do desastre: “a minha ideia é fazer irrigação pelo menos um pouco da pastagem, né. Pra nessa época da seca tu teres um pedaço lá que tu pode (*sic*) irrigar pra não faltar alimento pra vaca (P5M)”. No entanto, as famílias referiram não ter recursos financeiros para isso.

Um participante mencionou a saída do campo como possível estratégia para lidar com a seca, mas no contexto da entrevista, também referiu outros fatores que influenciam a sua intenção de sair do campo. Autores como Logan e Ranzijn (2008) observaram ter havido um declínio no interesse pela vida no ambiente rural devido a fatores como a seca, falta de serviços básicos, enfraquecimento das comunidades, baixo preço dos produtos e o

aumento do desejo por educação e oportunidades de emprego. Assim se expressou a participante: “o que a gente pensou é em ir embora. Arrumar um emprego, ou coisa assim (P6M)”.

Observa-se que algumas das estratégias adotadas pelas famílias têm sua origem na própria experiência com o desastre, já prevendo que ele possa ocorrer e isso faz com que antecipem cultivos e façam economias quando da iminência de uma seca. A diversificação das atividades é um meio de minimizar possíveis perdas, de modo que nem todos os ganhos sejam afetados com o desastre. Constata-se ainda que as estratégias adotadas visam minimizar o estresse por meio do controle da situação, tanto no nível financeiro quanto no psicológico.

3.1.6 Apoio social

Em relação ao apoio social, os participantes fizeram referência ao apoio da família, dos amigos e outros, e à ajuda externa. Foram identificados dois tipos de apoio, o psicológico e o financeiro. Quanto ao primeiro, a família é considerada a principal fonte de apoio: “a família um consola o outro, agora no caso, digamos assim, prefeitura, Estado, governo federal, essas coisas, muito pouco (P1F)”, e ainda “ah, da família sim. Porque toda a família sente (P3M)”.

Os amigos também fazem parte da rede de apoio psicológico em épocas de seca:

Conversa. A gente conversa, assim, só que pedir ajuda não, a gente faz diálogo entre os amigos, o que acontece, o que eles perdem, o que a gente perde, o que a gente, né, só que buscar ajuda fora não. (P2F)

Marotta (2010) enfatizou que, em desastres, família e vizinhos devem ser estimulados a falar sobre sua experiência, promovendo assim apoio e conforto uns para os outros, desencadeando o fator curativo do altruísmo e promovendo a resiliência natural e eventual recuperação. Observa-se que a população estudada não referiu buscar ajuda psicológica, o que é comum para populações rurais devido a questões de estigma e dificuldade de acesso (Boyd, Quevillon, & Engdahl, 2010; Logan & Ranzijn, 2008), de modo que a família e os amigos desempenham um papel crucial na recuperação psicossocial em desastres.

Sobre o conteúdo das conversas informais entre vizinhos e amigos em épocas de seca, um participante referiu: “ah, a gente conversa, mas daí é tudo lamento, né. A gente só lamenta, não tem outra coisa a fazer (P6M)”. Logan & Ranzijn (2008) também

encontraram em sua pesquisa com mulheres da zona rural, que em épocas de seca o clima é o principal assunto nas conversas informais.

Quanto ao apoio financeiro, os participantes falaram sobre a ajuda emergencial do governo: “é, se consegue, assim tipo, uma prorrogação, pro (*sic*) ano que vem. No ano que vem você tem que pagar igual (P6M)”. Não foram encontradas referências a programas permanentes de minimização dos impactos da seca nas famílias, embora, se saiba que as consequências desse desastre costumam perdurar no tempo (Pereira et al., 2002) e que o apoio social, ou seja, a percepção de que os outros são sensíveis e receptivos às nossas necessidades (Hobfoll & Vaux, 1993), é um importante elemento no processo de manutenção da saúde e bem-estar em períodos de dificuldades.

3.2 Modelo de compreensão da seca no contexto das famílias rurais

A partir dos resultados deste estudo e tendo como referência Hobfoll (2001), entende-se que a seca, enquanto risco, faz parte do contexto de vida mais amplo das famílias rurais, assim como outros aspectos do ambiente social. Quando ela ocorre, causa prejuízos, especialmente, nos recursos de sobrevivência familiar por meio de perdas e dificuldades diárias além dos efeitos na saúde e bem-estar. Frente a isso, as famílias utilizam estratégias de *coping*, as quais variam de acordo com a disponibilidade de recursos familiares, podendo ser estes suficientes ou não para dar conta das demandas do contexto. As famílias também podem acessar outros recursos disponíveis como os comunitários e diferentes tipos de ajuda externa, sendo importante que possam ter a garantia de recursos alternativos para a minimização dos impactos da seca.

Poder contar com o apoio social não é importante apenas do ponto de vista instrumental, mas também simbólico, uma vez que para Hobfoll (1998) é o apoio simbólico que provê o senso de se estar distante da pobreza e, conseqüentemente, da falta de alimentação e abrigo. Nesse sentido, destaca-se a necessidade de políticas públicas para o caso da seca que em caráter permanente poderiam auxiliar na redução dos impactos do desastre, minimizando a exposição das famílias ao estresse não apenas através de recursos mínimos de sobrevivência, mas pela como apoio simbólico e garantia de futuro para as famílias.

Observa-se no contexto de estudo a ausência de políticas públicas de longo prazo e a presença de medidas emergenciais. Estas últimas, não funcionam como recurso simbólico e garantia de futuro para as famílias, pelo seu caráter momentâneo e não articulado. Embora instrumentais, são medidas que não possibilitam aos agricultores se

organizarem de maneira a controlar as consequências do desastre, pela característica de serem disponibilizadas apenas depois da ocorrência da seca e quando os prejuízos já tomaram proporções significativas.

O modelo da Figura 01, adaptado de Hobfoll (2001), pretende sistematizar como ocorre o processo de perdas desencadeado pelas secas e a, conseqüente, utilização de recursos pelas famílias rurais estudadas, com o objetivo de fazer face aos diferentes tipos de demandas.

Foi possível observar no relato dos participantes, que as famílias buscam lidar com as consequências do desastre, num primeiro momento, utilizando recursos próprios, acessando posteriormente a ajuda de parentes, vizinhos e comunidade, para por fim, quando se esgotam os recursos pessoais, buscar a ajuda externa por meio do auxílio do Estado. Dependendo dos recursos familiares e das características do desastre, algumas vezes é possível obter resultados positivos e assim, diminuir o tempo de exposição ao estresse. Por outro lado, quando recursos primários e secundários são escassos, a tendência é que as famílias necessitem de auxílio Estatal.

A disponibilidade de ajuda externa, além de ser um fator protetor para os impactos psicológicos da seca, quando adequada, pode levar as famílias a obterem resultados positivos em seus esforços para lidar com o desastre, além de devolver-lhes a perspectiva de futuro, a qual é importante para o funcionamento psicológico positivo dos agricultores. Do contrário, as famílias poderão não alcançar os resultados pretendidos com seus esforços, levando ao agravamento das perdas e do tempo de exposição ao estresse. Nesse último caso, pode-se citar como exemplo o endividamento que leva a perdas secundárias, ou seja, a perda de outros recursos importantes para a sobrevivência, vindo a estender o período de exposição ao estresse e influenciar negativamente o contexto de vida mais amplo. Por outro lado, resultados positivos podem levar a ganhos secundários que aumentam a disponibilidade de recursos de *coping* e influenciam positivamente na vida da família, a qual mantém a crença em sua capacidade de enfrentamento, aspecto importante para a manutenção da saúde psicológica.

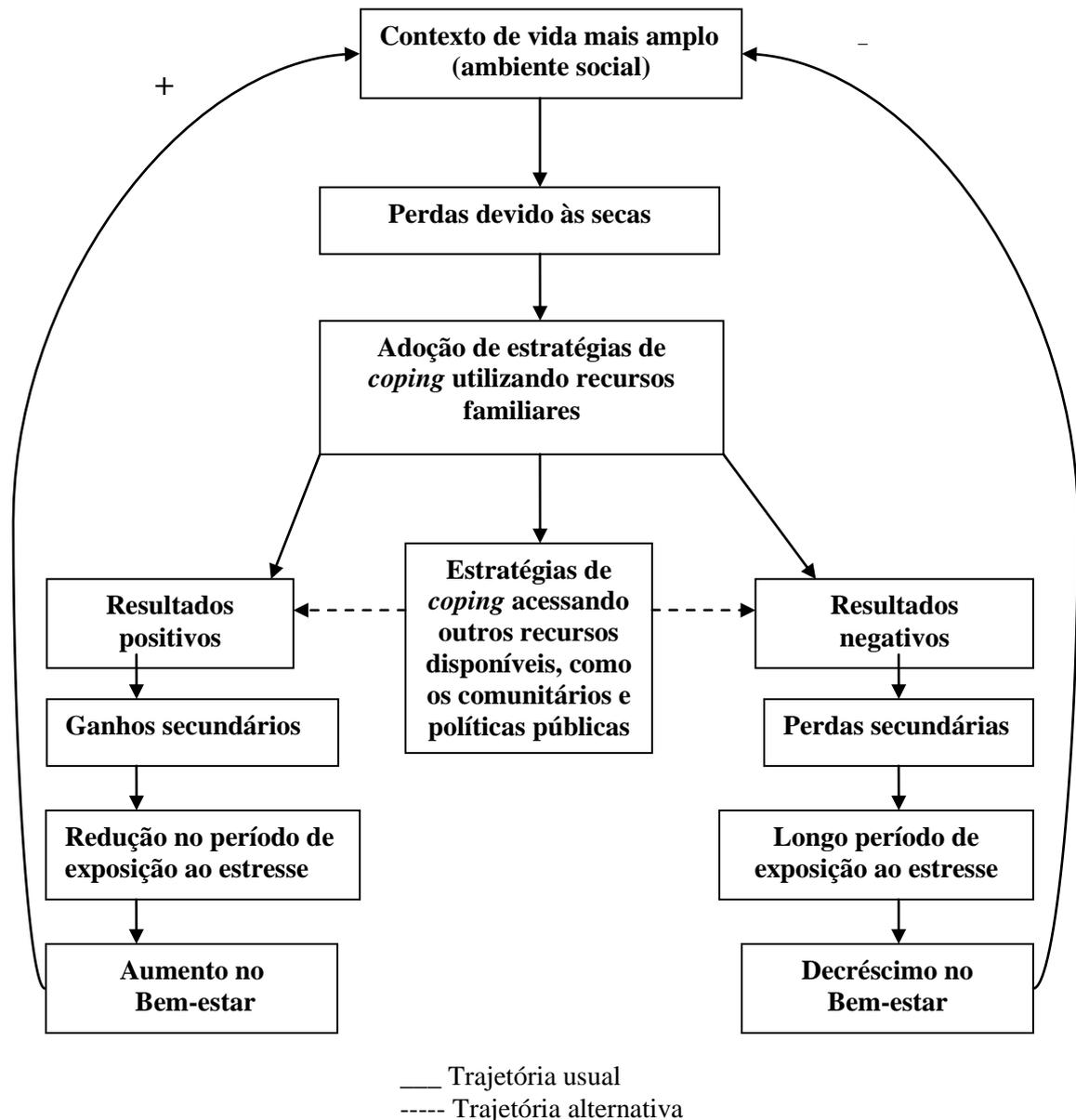


Figura 01. Modelo do uso de recursos de *coping* pelos agricultores familiares do Rio Grande do Sul e sua relação com o bem-estar. Adaptado de Hobfoll (2001).

Em relação ao apoio social, não basta que os recursos externos estejam disponíveis, eles também precisam ser adequados e acessíveis à comunidade, de modo a não gerar perdas secundárias. Por exemplo, uma família que necessita fazer uso de recursos externos como o financiamento para a sua sobrevivência devido às perdas na produção agrícola, está assim adquirindo uma dívida e, por sua vez, futuramente poderá ter de vender algum bem para pagá-la. Do contrário, uma família que necessitou de água durante uma seca e juntamente com outras famílias com o mesmo problema, mobilizou-se para conseguir a

construção de um poço artesiano, na próxima seca este mesmo problema certamente será minimizado, pois foi adquirido um importante recurso que gera não apenas água, mas também fortalecimento do apoio comunitário por meio da mobilização coletiva.

Quanto a utilizar recursos coletivos de *coping*, é importante considerar que as estratégias comunitárias quase sempre tendem a gerar ganhos positivos se comparadas ao uso da ajuda externa, como, por exemplo, a que provêm de doações e medidas emergenciais. Norris e Kaniasty (1996) referiram que o apoio recebido pode ser uma ameaça para a autoestima quando utilizado de maneira inadequada, pois não desenvolve o empoderamento pessoal e comunitário. Além disso, esse tipo de ajuda tende a ser paliativo ou se retirar antes mesmo dos problemas terem sido solucionados, o que não significa que não seja um tipo de apoio necessário (Dass-Brailsford, 2010).

Por outro lado, a mobilização comunitária mantém a percepção de apoio social a qual tem relação direta com a preservação da saúde psicológica (Norris & Kaniasty, 1996), ao mesmo tempo em que a recuperação do indivíduo está diretamente relacionada com a recuperação comunitária (Boyd et al., 2010). No entanto, o apoio social mobilizado no nível da comunidade para ter efeito positivo no bem-estar, precisa também ser distribuído de maneira igualitária (Norris & Kaniasty, 1996).

O apoio social nasce das relações sociais, as quais promovem ou facilitam a preservação de outros recursos importantes (Hobfoll, 1989). Quando adequado, promove no indivíduo o senso de competência para lidar com situações estressantes (Norris & Kaniasty, 1996), tornando-se assim um aspecto fundamental na manutenção da saúde em desastres.

4. Considerações finais

O presente capítulo teve como objetivo analisar como as perdas ocasionadas pelas secas exercem influência sobre o bem-estar familiar e identificar as estratégias de *coping* e os recursos utilizados pelas famílias rurais para lidar com o evento. Ainda, buscou estabelecer relações entre esses diferentes aspectos, de modo a compreender o fenômeno da seca no contexto de vida dos agricultores.

Constatou-se a necessidade das políticas para o caso da seca não considerarem apenas os impactos econômicos do desastre, mas que também ofereçam apoio psicossocial às famílias afetadas. Numa sequência de perdas, perceber algum tipo de ganho é importante para a redução do estresse dos agricultores num contexto de alta demanda por recursos, de modo que as políticas sociais poderiam contribuir tanto na manutenção dos

recursos essenciais para a sobrevivência em épocas de seca, quanto no desenvolvimento de programas de fortalecimento das famílias para futuros desastres.

Embora não tenha sido o foco do estudo, os participantes referiram que as pessoas mais jovens têm dificuldades de permanecer na agricultura, o que interfere na disponibilidade de mão-de-obra familiar uma vez que a unidade familiar é a base deste tipo de estrutura produtiva (Logan & Ranzijn, 2008). A justificativa para isso, segundo os participantes, está na pouca atratividade pela vida no campo, sair para estudar e não regressar mais, além de que, atualmente, em muitas regiões está sendo possível residir no campo e trabalhar na cidade, onde os jovens encontram rendimentos mais elevados do que os alcançados na agricultura.

Dentre as limitações do estudo está o fato de que alguns dos participantes apresentaram dificuldades para responder a entrevista, por não entenderem o questionamento e, quando não entendiam, a resposta era “não sei responder”, ou frases curtas. Desse modo, foi difícil manter o padrão na entrevista, tendo-se que encontrar a maneira mais adequada de se perguntar a mesma coisa para cada entrevistado em específico. Conversando com os participantes descobriu-se que eles pensavam que havia uma resposta certa para cada pergunta, e esclarecer que não existia resposta certa facilitou com que verbalizassem seu ponto de vista.

Em relação ao trabalho do psicólogo com comunidades rurais, cabe mencionar que a maioria dos profissionais, além de viver em cidades, foi treinado para trabalhar com populações urbanas, de modo que muitos aspectos devem ser considerados antes de se analisar uma realidade que de certa forma é estranha à psicologia. Viver no campo é estar ligado diariamente a eventos incontrolláveis como o clima e a oscilação dos preços dos produtos, por exemplo. A exposição ao risco é por si só uma fonte considerável de estresse, e a ocorrência de qualquer tipo de desastre deve ser considerada ao se tratar de saúde psicológica, pois o bem-estar desta população está diretamente relacionado com o sucesso produtivo da unidade familiar (Logan & Ranzijn, 2008) e, obviamente, com a capacidade de ter controle sobre as consequências dos infortúnios climáticos. O nível de perdas, a disponibilidade de recursos e a percepção de apoio social são também, importantes indicadores de saúde mental em populações rurais.

Referências

- Aronson, E., Wilson, T. D., & Akert, R. M. (2002). Psicologia social em ação 1: Psicologia social e saúde. In E. Aronson, T. D. Wilson, & R. M. Akert, *Psicologia Social* (pp. 323-342). São Paulo: LTC.
- Bandura, A. (2006). Toward a psychology of human agency. *Perspectives on Psychological Sciences*, 1(2), 164-180.
- Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo* (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trans.) São Paulo: Edições 70. (Original publicado em 1977).
- Bosch, K. R. (2004). Cooperative extension responding to family needs in time of drought and water shortage. *Journal of Extension*, 42(4), 1-10.
- Boeckner, L., Bosch, K., & Johnston, C. E. (2003). *Coping in stressful times during drought* (Historical Materials, G1525). Disponível em University of Nebraska, Lincoln Extension website <http://digitalcommons.unl.edu/extensionhist/1735>
- Boyd, B., Quevillon, R. P., & Engdahl, R. M. (2010). Working with rural and diverse communities after disasters. In P. Dass-Brailsford (Ed.), *Crisis and Disaster counseling: Lessons learned from hurricane Katrina and other disasters* (pp. 149-163). Los Angeles: Sage.
- Câmara dos Deputados (2010). *Situação das estiagens no Rio Grande do Sul*. Brasília: Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados. Disponível em http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/4187/situacao_estiagem_rs.pdf?sequence=1
- Coêlho, A. (2007). Percepção de risco no contexto da seca: Um estudo exploratório. *Psicologia para a América Latina*, 10. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2007000200012&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1870-350X.
- Conselho Nacional de Saúde (CNS). (1996). Resolução 196/96 sobre pesquisa envolvendo seres humanos. *Bioética*, 4(2), 15-25.
- Dass-Brailsford, P. (2010). Effective disaster and crisis interventions. In P. Dass-Brailsford (Ed.), *Crisis and disaster counseling: Lessons learned from hurricane Katrina and other disasters* (pp. 213-228). Los Angeles: Sage.
- Hobfoll, S. E. (2001). The influence of culture, community, and the nested-self in the stress process: Advancing conservation of resources theory. *Applied Psychology: An international review*, 50(3), 337-421. doi: 10.1111/1464-0597.00062

- Hobfoll, S. E. (1998). *Stress, culture, and community: The psychology and philosophy of stress*. New York: Plenum Press.
- Hobfoll, S. E., & Lilly, R. S. (1993). Resource Conservation as a strategy for community psychology. *Journal of Community Psychology*, 21(2), 128-148. doi: 10.1002/1520-6629(199304)21:2<128::AID-JCOP2290210206>3.0.CO;2-5
- Hobfoll, S. E., & Vaux, A. (1993). Social support: Social resources and social context. In L. Goldberger & S. Breznitz (Eds.), *Handbook of stress: Theoretical and clinical aspects* (pp. 685-705). New York: Free Press.
- Hobfoll, S. E. (1989). Conservation of Resources: A new attempt at conceptualizing stress. *American Psychologist*, 44(3), 513-524. doi: 10.1037/0003-066X.44.3.513
- Kaniasty, K., & Norris, F. (1995). In search of altruistic community: Patterns of social support mobilization following Hurricane Hugo. *American Journal of Community Psychology*, 23(4), 447-477. doi: 10.1007/BF02506964
- Krohne, H. W. (2002). *Stress and coping theories*. Disponível em http://userpage.fu-berlin.de/~schuez/folien/Krohne_Stress.pdf
- Lazarus, R. S. (1999). *Stress and emotion: A new synthesis*. London: Free Association Books.
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal and coping*. New York: Springer.
- Logan, C., & Ranzijn, R. (2008). The bush is drying: A qualitative study of South Australian farm women living in the midst of prolonged drought. *Journal of Rural Community Psychology*, 12(2). Disponível em: <http://www.marshall.edu/jrcp/VE12%20N2/jrcp%2012%202%20Logan%20and%20Ranzijn.pdf>
- Marotta, S. A. (2010). Voices of hope: A commentary on dislocation and relocation. In P. Dass-Brailsford (Ed.), *Crisis and disaster counseling: Lessons learned from hurricane Katrina and other disasters* (pp. 165-180). Los Angeles, Sage.
- Norris, F. H., Perilla, J., Riad, J., Kaniasty, K., & Lavizzo, E. (1999). Stability and change in stress, resources, psychological distress following natural disasters: Findings from Hurricane Andrew. *Anxiety, Stress, and Coping*, 12, 363-396.
- Norris, F. H., & Kaniasty, K. (1996). Received and perceived social support in times of stress: A test of the social support deterioration deterrence model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71(3), 498-511.
- Pereira, L. S., Cordery, I., & Iacovides, I. (2002). *Coping with water scarcity* (Technical Documents in Hidrology no. 58). Paris: UNESCO.

- Rocha, F. E. C., Albuquerque, F. J. B., Coelho, J. A. P. M., Dias, M. R., & Marcelino, M. Q. S. (2008). Avaliação do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar: A intenção de pagamento do crédito. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(1), 44-52.
- Roncoli, C., Ingram, K., & Kirshen, P. (2001). The costs and risks of coping with drought: Livelihood impacts and farmers responses in Burkina Faso. *Climate Research*, 19, 119-132
- Staniford, A. K., Dollard, M. F., & Guerin, B. (2009). Stress and help seeking for drought-stricken citrus growers in the Riverland of South Australia. *Rural Health*, 17, 147-154. doi: 10.1111/j.1440-1584.2009.01059.x
- Ünal-Karagüven, M. H. (2009). Psychological impact of an economic crisis: A Conservation of Resources Approach. *International Journal of Stress Management*, 16(3), 177-194. doi 10.1037/a0016840
- Wenger, D. E., & Weller, J. M. (1973). *Disaster subcultures: The cultural residues of community disasters* (Preliminary paper no. 9). Disponível em University of Delaware, Disaster Reseach Center website <http://dspace.udel.edu:8080/dspace/handle/19716/399>

CAPÍTULO IV

SAÚDE GERAL, CRENÇAS E APOIO SOCIAL EM AGRICULTORES QUE VIVEM EM CONTEXTO DE SECAS

Eveline Favero

Jorge Castellá Sarriera

Resumo

O artigo tem por objetivo avaliar quais variáveis relativas à saúde geral, crenças e apoio social percebido, melhor diferenciam grupos de agricultores por nível de impacto da seca na família. Participaram 198 agricultores do Noroeste do Rio Grande do Sul, Brasil, sendo 104 homens e 88 mulheres, com idade entre 18-77 anos (M=44,38; DP=10,04). Utilizou-se como instrumentos um questionário para dados sociodemográficos, a *World Assumptions Scale* (WAS), a *Social Support Appraisals* (SSA), o Questionário de Saúde Geral (QSG-12) e uma escala *ad hoc* de avaliação dos impactos da seca na família (IISF). Foram conduzidas análises de estatística descritiva para os dados sociodemográficos e Análise Multivariada de Variância (MANOVA), tendo como variável independente os grupos de agricultores por nível de percepção dos impactos negativos da seca, medidos pela escala *ad hoc* IISF, e tendo como variáveis dependentes a soma dos escores nas escalas SSA (Apoio dos Amigos/Outros e Apoio da Família), WAS (Crenças de Autovalor e Significação do Mundo) e QSG-12 (Saúde Geral). Os resultados indicaram que os grupos se diferenciam nas variáveis Crença na dimensão Significação do Mundo, Apoio Percebido dos Amigos e Outros e Saúde Geral. São discutidas as implicações desses resultados na saúde psicológica dos agricultores afetados pelas secas.

Palavras-chave: crenças; apoio social; saúde geral; seca; agricultores

1. Introdução

Os desastres são sem dúvida eventos que desafiam a capacidade de enfrentamento dos indivíduos e grupos e carregam consigo o risco de consequências adversas na saúde mental, incluindo diferentes tipos de problemas psicológicos (Davidson & McFarlane, 2006; Reyes, 2006). Autores como Phifer e Norris (1989) referiram que quando as perdas individuais se somam aos impactos do desastre na comunidade, o resultado deste último na saúde psicológica dos envolvidos tende a ser mais expressivo.

O potencial de efeitos de um desastre na saúde geral e, em particular, na mental é sempre variável, desde mínimas consequências a severo estresse psicológico, com prejuízos que podem persistir por muitos anos após o evento (Norris, Friedman, Watson et al., 2002). Consequências de desastres incluem problemas de saúde física, transtornos de ansiedade, problemas crônicos atribuídos a estressores secundários como viver e se alimentar de maneira precária e devido ao esgotamento de recursos psicossociais. Estes aspectos refletem a experiência coletiva de sobreviver aos desastres e são considerados fatores mediadores para as consequências na saúde mental dos indivíduos e comunidade (Davidson & McFarlane, 2006).

Em geral, a maioria dos desastres ditos naturais é relacionada com prejuízos moderados e com menores índices de problemas crônicos, quando comparados aos efeitos da violência em massa, os quais tendem a ser mais duradouros (Dass-Brailsford, 2010). É também importante considerar que, mais do que o próprio evento, a desmoralização social que acompanha prolongados períodos de dificuldades após um desastre é um fator para o aumento da vulnerabilidade à depressão, por exemplo (Norris et al., 2002). Isso porque, sob circunstâncias normais, as comunidades geralmente dispõem de uma gama de recursos psicossociais que contribuem para o bem-estar de seus membros. Déficits nestes recursos podem resultar em diminuição da capacidade de enfrentamento e otimismo, mediando assim os efeitos negativos dos desastres (Davidson & McFarlane, 2006). Desse modo, intervenções sociais no pré e no pós-desastre deveriam envolver a comunidade em todos os aspectos de sua própria recuperação, garantir o mínimo de recursos psicossociais para a população, minimizando estressores secundários e auxiliando a comunidade a se fortalecer e a desenvolver sua própria capacidade de resiliência (Boyd, Quevillon, & Engdahl, 2006).

Os desastres podem também produzir efeitos sobre nossa visão de mundo e com isso afetar nossas crenças de vulnerabilidade e justiça. As crenças foram definidas por Parkes (1991) como um conjunto de ideias (sobre o mundo, nós mesmos e os outros), que construímos com base nas experiências passadas e em expectativas de futuro. O sistema de crenças tende a ser positivo e, conseqüentemente, gera emoções também positivas, tendo implicações sobre a nossa motivação e sobre a avaliação cognitiva dos eventos (Janoff-Bulman, 1992).

Enquanto estruturas cognitivas, as crenças seriam compostas por três grandes dimensões, segundo Janoff-Bulman (1992), as quais a autora denominou como Benevolência do Mundo, Significação do Mundo e Autovalor. A primeira delas estaria relacionada às crenças na bondade do mundo e das pessoas, sendo estas basicamente boas

e agradáveis. A segunda dimensão diz respeito às crenças sobre a distribuição dos acontecimentos bons e ruins, de modo que três aspectos guiariam a nossa compreensão sobre esses acontecimentos: justiça (recebemos aquilo que merecemos), controlabilidade (os acontecimentos são determinados pelos nossos comportamentos) e aleatoriedade (os acontecimentos negativos são uma questão de puro acaso). A terceira categoria denominada Autovalor inclui dois aspectos centrais: autoestima (a percepção das pessoas de que são boas e decentes) e o controle pessoal, ou seja, a avaliação das pessoas como sendo precavidas e competentes (Janoff-Bulmann, 1992).

As crenças são construídas a partir do mundo que conhecemos e costumam necessitar de mudanças quando importantes modificações ocorrem em nosso contexto de vida. Por contexto de vida compreendem aqueles aspectos do ambiente com as quais interagimos e nos relacionamos e, ainda, construímos o nosso mundo (Parkes, 1991). A título de exemplo, diferentes autores concordam que eventos de vida de grande impacto psicológico como desastres e catástrofes, podem levar as pessoas a questionar profundamente suas crenças, pois costumam romper com a segurança e a continuidade adquiridas na experiência de vida (Janoff-Bulmann, 1992; Jeavons & Godber, 2005; Paez, Fernández, & Beristain, 2001; Reyes, 2006).

Desse modo, ao deparar-se com uma situação de estresse o indivíduo passaria por um período de transição psicossocial (um construto que se refere ao processo de deslocamento e adaptação pessoal ao contexto), processando cognitivamente o seu mundo na busca por significado, reabilitação da crença na invulnerabilidade pessoal e promoção de autopercepção positiva (Parkes, 1991). No entanto, a direção na modificação das crenças estaria mais relacionada com o significado que o indivíduo atribui à experiência vivida e muito menos com o tipo de evento em si (Jeavons & Godber, 2005). Sobre este último aspecto, Dake (1992) afirmou que é no contexto em que um acontecimento ocorre que será fornecido o sentido social construído sobre a natureza do evento e é neste mesmo contexto que se constrói, se internaliza e se reformula o sistema de crenças, o qual torna-se parte da nossa visão do mundo e influencia a nossa compreensão sobre os fenômenos naturais e sociais.

As crenças têm também efeito psicológico protetor frente ao estresse. O estudo de Bègue e Muller (2006), por exemplo, verificou que a crença de que o mundo pessoal é justo funcionaria como protetora diante de experiências negativas e estressantes, contribuindo para a minimização da percepção de injustiça social e estando associada ao aumento da confiança interpessoal. As crenças sobre o controle pessoal e o sentido da

existência, também seriam importantes para a minimização do estresse, embora elas não sejam suficientes para a avaliação global do evento (Coêlho, 2007).

Em relação ao apoio social, Norris e Kaniasty (1996) descobriram que as pessoas que enfrentaram melhor as consequências dos furacões Hugo e Andrew foram aquelas que também percebiam ter maior apoio social, pessoas com quem conversar e com quem resolver problemas. O apoio social pode nos auxiliar a interpretar um fato como menos estressante e mesmo quando interpretamos como muito estressante, o apoio social nos ajuda a enfrentá-lo (Snyder & Lopez, 2002).

O apoio social pode ser definido como “interações sociais ou relacionamentos que proporcionam aos indivíduos assistência momentânea ou que alimentam os indivíduos com um sistema social confiável para oferecer amor e cuidado, ou ainda, o senso de pertencimento a um reconhecido grupo social ou diáde” (Hobfoll, 1988, p. 121). De acordo com Vaux (1988), a ideia a que faz referência este construto é tanto banal quanto imensamente rica. Trata-se de algo presente no cotidiano das relações das pessoas e que, muitas vezes, não é notado. No entanto, a sua ausência pode ter consequências devastadoras, segundo este autor.

O conceito de apoio social está também relacionado à função que desempenha a rede de relações sociais de determinado indivíduo e que pode ser acionada quando este necessita atender alguma demanda. García-Renedo, Gil Beltrán e Valero Valero (2007) consideraram o apoio social como uma variável mediadora em desastres. As variáveis mediadoras atuam de modo a fazer com que as reações ao evento sejam mais ou menos intensas e suas consequências mais ou menos catastróficas.

De acordo com Gracia (1998), são três as funções fundamentais do apoio social: o apoio emocional, o apoio instrumental (apoio material ou ajuda prática) e o apoio informacional (conselhos e orientações) em situações de crise. Para que seja efetivo, a pessoa necessita percebê-lo, ou seja, não se faz suficiente que exista no ambiente a possibilidade de apoio, esta deve ser reconhecida pelo indivíduo ou pelo coletivo.

Existem claras diferenças entre apoio recebido e apoio percebido. O primeiro refere-se aos comportamentos de ajuda que são oferecidos e o segundo refere-se à crença do indivíduo de que tais comportamentos de ajuda serão oferecidos quando necessário (Barrera, 1986). O apoio recebido nem sempre apresenta relação direta com o bem-estar, podendo ser uma ameaça para a autoestima quando inapropriado ou oferecido de maneira inadequada (Norris & Kaniasty, 1996). No entanto, o apoio percebido, o qual possui relação com o bem-estar, é algo construído com a experiência e retroalimentado pelo apoio

recebido, tendo efeito protetor na saúde mental, através da minimização do estresse psicológico (Norris & Kaniasty, 1996; Vaux, 1988).

A percepção de apoio social é sem dúvida um recurso na prevenção e melhora do bem-estar (Gracia, 1998). Embora a percepção de apoio social não seja dependente de estresse, estressores crônicos diminuem a percepção da disponibilidade deste recurso. Por exemplo, o estudo de Kaniasty, Norris e Murrell (1990) encontrou que vítimas de enchente reportaram menor disponibilidade de apoio depois do desastre, do que haviam reportado anteriormente. Os autores denominaram esta variável de “erosão” do apoio social percebido, ou seja, um caminho através do qual eventos extremos ou crônicos podem enxertar seus efeitos adversos no bem-estar psicossocial.

Partindo do que foi exposto, este artigo tem por objetivo avaliar quais variáveis relativas à saúde geral, crenças e apoio social percebido melhor diferenciam grupos de agricultores por nível de impacto da seca na família. Dentre as justificativas para a realização do estudo estão a necessidade de ampliar conhecimentos teóricos no âmbito da Psicologia dos Desastres no Brasil, a carência de estudos psicológicos empíricos com agricultores e a importância social do tema dos desastres, considerando que a psicologia também pode contribuir na busca de soluções para este tipo de problema social.

2. Método

2.1 Participantes

Neste estudo participaram 198 agricultores com idade entre 18-77 anos ($M= 44,38$; $DP= 10,04$), sendo 104 (52,5%) do sexo masculino e 88 (44,4%) do sexo feminino. Foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: ser maior de 18 anos, residir no município selecionado por pelo menos cinco anos e trabalhar na agricultura, sendo esta a principal fonte de renda da família.

2.2 Instrumentos

a) Questionário para dados sociodemográficos, abrangendo questões sobre sexo, escolaridade, religião, tempo de trabalho na agricultura e renda, dentre outras variáveis relacionadas (Anexo D).

b) Escala *ad hoc* de Indicadores de Impacto da Seca na Família (IISF), conforme Anexo F. O instrumento foi criado para medir, neste estudo, diferenças no grau de impacto da seca entre grupos de agricultores. Os itens foram selecionados a partir do estudo de

dissertação da autora desta tese, o qual foi realizado com a mesma população e identificou os principais impactos da seca em diferentes dimensões familiares (Favero, 2006).

Numa escala tipo *Lickert* de cinco pontos onde 0= nada e 4= totalmente, os participantes marcaram o quanto se consideram afetados pelas secas nos seguintes aspectos: financeiro, psicológico, lazer, vestuário, sono, estudos (seus ou de seus filhos), relacionamento familiar e rotina familiar. Por meio de análises fatoriais exploratórias com o método de extração dos Eixos Principais (*Principal Axis*) e Rotação Oblíqua (*Direct Oblimim*) a escala mostrou-se de maneira unifatorial, com Alfa de Cronbach de 0,83 e 46,2% de variância explicada.

c) *Social Support Appraisals* (SSA) de Vaux et al. (1986), conforme Anexo I. A escala foi utilizada para medir a percepção dos participantes quanto ao apoio social recebido da família, dos amigos e outros significativos. Adotou-se a escala original com 23 itens com afirmações sobre expectativas de apoio social. A pontuação varia de 1 a 4, correspondendo às respostas concordo plenamente, concordo, discordo e discordo totalmente. As subescalas família e amigos mostraram boa consistência interna na média dos coeficientes médios do Alfa de Cronbach, com valores correspondentes a 0,80 e 0,84 respectivamente, quando aplicadas em estudantes e 0,81 e 0,84 para amostras da comunidade (Vaux et al., 1986). Neste estudo, foi feita análise exploratória fatorial pelo método *Varimax* e foram extraídos dois fatores com 46,6% de variância explicada. Para esses fatores os índices de consistência interna avaliados pelo Alfa de Cronbach foram $\alpha=0,88$ para a subescala de Apoio dos Amigos/Outros e $\alpha=0,87$ para a subescala de Apoio da Família, considerados muito bons pela literatura (Pasquali, 2001).

Apesar de existir uma versão da SSA traduzida e adaptada para o português (Squassoni, 2009), optou-se por utilizar a escala original, uma vez que a versão brasileira foi adaptada a partir da versão portuguesa (Antunes & Fontaine, 1995), a qual teve modificação no número e no conteúdo dos itens e foi validada para uso com crianças e adolescentes.

d) *World Assumptions Scale* (WAS) de Janoff-Bulman (1992). Trata-se de um questionário de autorrelato com 32 itens (Anexo G), contendo três escalas principais representativas de três grandes categorias de pressupostos fundamentais: “benevolência”, “significação” e “autovalor”. Cada uma dessas categorias é composta de subescalas que versam sobre crenças específicas e que formam o núcleo da nossa representação interna do mundo. A subescala de Benevolência explora as crenças sobre a bondade das pessoas e do mundo impessoal. A subescala Significação do Mundo aborda as crenças sobre justiça,

controlabilidade e aleatoriedade. A subescala de Autovalor abrange crenças sobre autoestima, controle pessoal e sorte. As crenças são medidas em escala tipo *Lickert* de cinco pontos sendo 1= discordo totalmente e 5= concordo plenamente. A autora encontrou coeficientes de consistência interna (Alfa de Cronbach) de 0,74 para a dimensão Benevolência do mundo, 0,82 para Significação do Mundo e 0,77 para Autovalor (Janoff-Bulman, 1992). Neste estudo, realizaram-se análises fatoriais exploratórias com o método de extração dos eixos principais e rotação *Direct Oblimin* e foram encontrados dois fatores para a escala, explicando 23,2% da variância, sendo eles: Autovalor ($\alpha= 0,65$) e Significação do Mundo ($\alpha= 0,71$).

As escalas SSA e WAS foram traduzidas e adaptadas do original em inglês após a autorização dos autores para uso neste estudo, conforme anexos J e H, respectivamente. Os passos adotados têm por base Geisinger (1994) e consistiram em:

1. Tradução e adaptação para a nova linguagem, item por item, ou seja, tradução do inglês para o português por três tradutores independentes.
2. Comparação entre as três versões de tradução propostas e a versão original, modificação da redação dos itens quando necessário para adaptar à linguagem e cultura da população pesquisada. Esta etapa foi realizada coletivamente por um comitê formado por três tradutores, diferentes dos que realizaram a primeira tradução.
3. Teste piloto com 30 participantes para verificar a viabilidade do instrumento no contexto.

e) Questionário de Saúde Geral (GHQ-12) de Goldberg (1972), conforme Anexo L. O instrumento possui 12 itens, que avalia o grau de desvio no comportamento normal relacionado ao estado de saúde de uma pessoa, a partir de uma comparação de seu estado atual com o usual. Foi validado no Brasil por Sarriera, Schwarcz e Câmara (1996), com uma amostra de 563 participantes, fornecendo três fatores básicos subjacentes ao conceito de bem-estar psicológico, com seus respectivos valores *Alpha*: Autoestima (0,66), Depressão (0,68) e Autoeficácia Percebida (0,54). Os três fatores explicaram 52,7% da variância total das respostas dos participantes. Estas são dadas partindo de “menos que o de costume” até “muito mais que o de costume”, onde é atribuída a pontuação de 0-1-2-3 a cada uma das possibilidades de resposta, respectivamente. Quanto menor for o escore do indivíduo, melhor será o seu nível de bem-estar psicológico. Neste estudo a escala apresentou apenas um fator através do método de extração dos eixos principais (*Principal*

Axis) e rotação oblíqua (*Direct Oblimin*), o qual explica 51,3% da variância, com Alfa de Cronbach de 0.91.

2.3 Procedimentos

O estudo foi desenvolvido após autorização do Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da UFRGS, sob o número 2010003 (Anexo A) e com o consentimento expresso dos participantes por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo N) conforme os critérios éticos para a pesquisa com seres humanos que constam na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). O questionário foi preenchido de forma individual.

Os 30 primeiros questionários foram aplicados na casa dos participantes para fins de estudo piloto. Após verificação da adequação do instrumento, os demais questionários e termos de consentimento foram entregues aos alunos das escolas municipais e estaduais do município de Frederico Westphalen, RS (somente os filhos de agricultores). Isso ocorreu após concordância formal da secretaria da educação e da direção das escolas onde foi aplicado o questionário. Os alunos levaram o questionário para seus pais ou responsáveis para que preenchessem e devolvessem na escola juntamente com o termo. Os questionários foram recolhidos pela pesquisadora. A pesquisa não ofereceu riscos físicos e sociais e os participantes não tiveram benefícios diretos em participar do estudo.

Para contemplar o município como um todo e considerando possíveis diferenças regionais, durante a aplicação dos questionários foi feito um zoneamento da área do município, dividindo-o em zona mais distante da sede, zona mais próxima e zona intermediária, buscando obter participantes em um número mais ou menos equivalente entre as três zonas. Do total, 19,7% da amostra pertence a zona mais próxima da sede (n= 39), 31,8% pertence a zona intermediária (n= 63) e 43,9% pertence a zona mais distante (n= 87). O fato de haver menor número de participantes que residem na zona mais próxima à sede se deve ao fenômeno chamado “rurbano” (Schneider, 1995; Silva, 1997), onde muitas pessoas utilizam essas zonas apenas como residência/dormitório enquanto se dedicam a atividades não agrícolas de modo que não preencheram o critério para participar nesta pesquisa, ou seja, trabalhar na agricultura. Do contrário, áreas mais distantes da zona urbana ainda permanecem quase que essencialmente agrícolas e por isso pôde-se extrair uma maior representatividade na amostra.

2.4 Análise dos dados

Foram realizadas estatísticas descritivas para a caracterização sociodemográfica da amostra, utilizando o software *Statistical Package for Social Sciences* (v.17). Para fins de análise dos resultados das escalas foram inspecionados os valores perdidos (*missing values*, n= 0,8%) e estes foram substituídos pela mediana do grupo em cada variável. Em seguida, foram realizadas análises fatoriais exploratórias com a finalidade de verificar a adequação dos instrumentos utilizados no presente estudo. Então, foram conduzidas análises multivariadas de variância (MANOVA) tendo como variável independente os grupos de agricultores por nível de percepção de impactos negativos da seca, medidos pela escala *ad hoc* IISF, e tendo como variáveis dependentes a soma dos escores nas escalas e subescalas de apoio (SSA), crenças (WAS) e saúde geral (QSG-12).

3. Resultados e discussões

3.1 Caracterização da amostra de agricultores

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010) existem 5.510 pessoas residindo na zona rural do município de Frederico Westphalen, RS. Do total 2.893 são homens e 2.617 são mulheres. Dentre as principais atividades desenvolvidas pelas famílias rurais estão o cultivo de grãos (soja, milho, feijão, trigo, aveia, amendoim e milho de pipoca, etc.), frutas, a produção de leite, suinocultura, bovinocultura, além de agroindústrias familiares (IBGE, 2010a). A Tabela 01 apresenta a caracterização sociodemográfica para os 198 agricultores participantes deste estudo.

Tabela 01

Caracterização dos Agricultores quanto à Escolaridade, Estado Civil e Papel Familiar

Variáveis	f(%)
<i>Escolaridade</i>	
Ensino Fundamental Incompleto	107(54,0)
Ensino Médio Incompleto	40(20,2)
Ensino Superior Incompleto	17(8,6)
Ensino Superior	2(1,0)
Não Informado	32(16,2)
<i>Estado Civil</i>	
Casado	177(89,4)
Outro	17(8,6)
Não Informado	4(2,0)
<i>Papel Familiar</i>	
Pai	94(47,5)
Mãe	81(40,9)
Outros	14(7,1)
Não Informado	9(4,5)
<i>Possui Filhos</i>	
Sim	185(93,4)
Não	11(5,6)
Não Informado	2(1,0)

De acordo com os dados, observa-se um alto índice de agricultores com ensino fundamental incompleto (54%) bem como ensino médio incompleto (20,2%), chamando atenção para a baixa escolaridade da amostra. Essa característica pode estar relacionada com a baixa adesão dos agricultores à pesquisa, ou seja, de um total de 400 questionários distribuídos apenas 198 retornaram respondidos, ou seja, 49,5% do montante estimado.

A maioria dos agricultores era de casados no momento da pesquisa (89,4%) e possuía entre um e nove filhos (93,4%). A média de filhos encontrada foi de 2,85 (DP=1,63) estando acima da média nacional que é de 1,94 (IBGE, 2010b) e o número de pessoas na casa era de 4,29 (DP=1,46), sendo o mínimo duas e o máximo, onze pessoas em cada residência. Esse dado também revela uma diferença em relação à média nacional que é de 3,1 e que segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010b) um maior número de pessoas residindo no domicílio está associado a uma menor renda familiar.

A Tabela 02 apresenta a caracterização por variáveis como religião, renda e tempo de agricultura e residência no município.

Tabela 02

Caracterização dos Agricultores quanto à Religião, Renda, Tempo de Trabalho na Agricultura e de Residência no Município

Variáveis	f(%)
<i>Religião</i>	
Católica	180 (90,9)
Outra	12 (6,1)
Não Informado	6 (3,0)
<i>Renda Familiar</i>	
Até 1 Salário Mínimo	73 (36,9)
Acima de 1 até 2 Salários	63 (31,8)
Acima de 2 até 3 Salários	28 (14,1)
Acima de 3 até 4 Salários	12 (6,1)
Acima de 4 Salários	10 (5,1)
Não Informado	12 (6,1)
<i>Tempo de Agricultura</i>	
Até 10 anos	11 (5,6)
Mais de 10 e menos de 20 anos	26 (13,1)
Mais de 20 anos	159 (80,3)
Não Informado	2 (1,0)
<i>Tempo que Reside no Município</i>	
Até 10 anos	14 (7,1)
Mais de 10 e menos de 20 anos	18 (9,1)
Mais de 20 anos	164 (82,8)
Não Informado	2 (1,0)

Verifica-se que a religião predominante é a católica (90,9%) e grande parte dos participantes residem no município (82,8%) e trabalham na agricultura (80,3%) há mais de 20 anos. A maioria das famílias possuía renda entre um e dois salários mínimos (68,7%), indicando um alto percentual para agricultores com baixa renda mensal.

3.2 Verificação da adequação das escalas para uso neste estudo

Para verificar se os instrumentos utilizados se mostravam adequados para uso neste estudo, foram realizadas análises fatoriais exploratórias com o método de extração dos eixos principais (*Principal Axis*) e rotação oblíqua (*Direct Oblimim*) nas escalas WAS, QSG-12 e IISF. Para a escala SSA utilizou-se o método de extração dos eixos principais e rotação *Varimax*.

Os resultados dessas análises e as estatísticas descritivas dos instrumentos são apresentados nas tabelas 03, 04, 05 e 06. O critério de inclusão dos itens foi apresentar carga fatorial igual ou superior a 0,30 no fator extraído e não apresentar cargas maiores

cruzadas em outros fatores. O critério para exclusão de itens foi de apresentar carga fatorial inferior a 0,30 nos fatores extraídos. Os itens negativos de cada escala foram invertidos para o cálculo da consistência interna. As quatro escalas mostraram-se adequadas para uso neste estudo.

A Tabela 03 apresenta a análise fatorial da WAS que avalia as crenças. Os resultados apontam dois fatores: Autovalor ($\alpha = 0,65$) explicando 13,44% da variância e Significação do Mundo ($\alpha = 0,71$) com variância explicada de 9,77%. Os itens excluídos na análise foram 22, 10, 20, 26, 32, 3, 2 e 31.

O fator Autovalor possui itens que versam sobre a autoestima e o controle pessoal. O primeiro aspecto avalia a percepção das pessoas de que são boas e decentes e o segundo, avalia o quanto as pessoas acreditam ser precavidas e competentes (Janoff-Bulman, 1992). Os itens 25, 09, 05 e 04 entraram na composição deste fator, e versam sobre a benevolência do mundo e das pessoas. Teoricamente estes itens formariam a dimensão Benevolência do Mundo e das Pessoas, de acordo com Janoff-Bulman, mas autores como Elklit, Shevlin, Solomon e Dekel (2007) sugeriram que as subescalas de benevolência do mundo e das pessoas estariam correlacionadas com as subescalas de autovalor, além de sorte pessoal, de modo a formar um único fator. Desse modo, verifica-se que os fatores indicados pela teoria que fundamenta a WAS não se mantêm quando da sua aplicação empírica.

O fator Significação do Mundo reúne itens que avaliam as crenças sobre a distribuição dos acontecimentos bons e ruins. Tais crenças seriam guiadas pela nossa percepção de justiça (recebemos aquilo que merecemos), controlabilidade (os acontecimentos são determinados pelos nossos comportamentos) e aleatoriedade (os acontecimentos negativos são uma questão de puro acaso). Os itens estão de acordo com o proposto por Janoff-Bulman (1992) para este fator.

Tabela 03

Cargas Fatoriais para Análise Fatorial Exploratória com Rotação Direct Oblimin da World Assumptions Scale (WAS)

Composição dos Fatores	1	2
27. Eu normalmente me comporto de maneira que aconteça o melhor para mim	0,59	
28. Estou muito satisfeito(a) com a boa pessoa que sou	0,59	
17. Quase sempre me esforço para evitar que coisas ruins aconteçam comigo	0,55	
25. O mundo é um bom lugar	0,51	
13. Eu normalmente me comporto de maneira que eu alcance o máximo de bons resultados	0,48	
09. Na vida tem mais coisas boas do que ruins	0,48	
08. Frequentemente penso que não sou bom em absolutamente nada	-0,41	
05. As coisas boas que acontecem no mundo superam os acontecimentos ruins	0,38	
18. Tenho uma opinião negativa sobre mim mesmo	-0,37	
04. A natureza humana é basicamente boa	0,34	
30. Se eu observar o mundo atentamente verei que está cheio de bondade	0,32	
23. Faço o necessário para impedir que coisas ruins me aconteçam	0,31	
11. A má sorte das pessoas é o resultado dos erros que cometeram		0,60
21. Olhando para a minha vida eu faço com que eventos do acaso me favoreçam		0,46
19. Pessoas boas recebem o que merecem neste mundo		0,43
14. As pessoas terão fortunas se forem pessoas boas		0,43
07. Normalmente as pessoas têm aquilo que merecem	0,31	0,42
29. Quando coisas ruins acontecem é porque as pessoas não fizeram o necessário para proteger-se		0,39
01. As pessoas decentes e dignas são as menos prováveis de ter azar		0,37
12. As pessoas não se preocupam muito com quem está ao seu redor		0,36
06. O curso de nossa vida é largamente determinado pelo acaso		0,35
15. A vida está cheia de incertezas determinadas pelo acaso		0,34
16. Quando eu penso sobre as coisas que acontecem me considero uma pessoa com sorte		0,33
24. No geral, a minha vida é uma loteria		0,31
<i>Alpha de Crombrach</i>	0,65	0,71
Variância Explicada (%)	13,44	9,77
Variância Explicada Acumulada (%)	13,44	23,22

Nota. 1= Autovalor; 2= Significação do Mundo. Cargas Fatoriais > 0,30 em negrito para cada fator. KMO= 0,671. *Teste de Bartlett* ≤ 0,001. Extração Eixos Principais (*Principal Axis Factoring*)

A Tabela 04 apresenta a análise fatorial da escala SSA que versa sobre apoio da família, amigos e outros. A escala apresentou dois fatores: Apoio dos Amigos e Outros ($\alpha=0,88$) e Apoio da Família ($\alpha=0,87$). O primeiro fator explicou 35,45% da variância e o segundo fator 8,14%. Foram excluídos os itens 19, 06 e 22. Os resultados estão de acordo com o que foi proposto por Vaux et al. (1986), mostrando a adequação da escala neste estudo.

Tabela 04

Cargas Fatoriais para Análise Fatorial Exploratória com Rotação Varimax da Social Support Appraisals (SSA)

Composição dos Fatores	1	2
17. Sinto-me valorizado pelas pessoas	0,67	0,34
14. Sou admirado pelas pessoas	0,66	0,32
16. Meus amigos cuidam de mim	0,66	
15. Sinto uma forte ligação com meus amigos	0,65	
10. Meus amigos se preocupam com meu bem-estar	0,63	
23. Meus amigos e eu temos feito muito uns pelos outros	0,63	
20. Eu me sinto adequado(a)	0,55	0,38
05. Eu sou querido pelas pessoas	0,51	0,45
08. Sou respeitado pelas outras pessoas	0,46	0,42
12. Estou seguro da minha alta estima	0,46	
01. Meus amigos me respeitam	0,41	0,36
11. As pessoas da minha família confiam em mim		0,73
02. Minha família se preocupa muito comigo		0,71
09. Eu sou amado pela minha família		0,66
18. Minha família realmente me respeita	0,40	0,60
21. Se eu morresse amanhã muitas pessoas sentiriam minha falta		0,57
13. Eu posso contar com o apoio da minha família		0,55
04. Minha família mantém apreço por mim	0,41	0,55
07. Minha família me admira de verdade	0,41	0,53
03. Eu sou importante para as outras pessoas		0,47
Alfa de Cronbach	0,88	0,87
Variância Explicada (%)	35,45	8,14
Variância Explicada Acumulada	35,45	43,60

Nota. 1= Amigos/Outros, 2= Família. Cargas Fatoriais > 0,30 em negrito para cada fator. KMO= 0,899. *Teste de Bartlett* $\leq 0,001$. Extração Eixos Principais (*Principal Axis Factoring*)

A Tabela 05 apresenta a análise fatorial do QSG-12. A escala mostrou-se unifatorial ($\alpha= 0,91$) e com variância explicada de 51,77%. Os itens versam sobre autoestima, depressão e autoeficácia e avaliam o desvio no comportamento normal relacionado ao estado de saúde de uma pessoa quando comparado o estado atual com o usual (Sarriera et al., 1996). A escala também mostrou-se adequada para uso neste estudo.

Tabela 05

Cargas Fatoriais para Análise Fatorial Exploratória com Rotação Direct Oblimin do Questionário de Saúde Geral (QSG), versão com 12 itens

Composição do Fator	1
08. Tens te sentido capaz de enfrentar teus problemas?	0,76
12. Em geral, tens te sentido feliz?	0,76
11. Tens perdido a confiança em ti mesmo?	0,74
10. Tens pensado em ti mesmo como uma pessoa sem valor?	0,73
09. Tens te sentido infeliz e deprimido?	0,73
04. Tu te sentes capaz de tomar decisões?	0,68
06. Tens tido prazer em fazer tuas atividades normais do dia-a-dia?	0,67
07. Tens a sensação de não poder superar as dificuldades?	0,67
03. Tu te sentes útil na vida?	0,65
01. Tens conseguido te concentrar no que fazes?	0,64
05. Tu te sentes constantemente sob pressão?	0,61
02. Tens perdido o sono com preocupações?	0,58
Alfa de Cronbach	0,91
Variância Explicada (%)	51,77
Variância Explicada Acumulada (%)	51,77

Nota. Cargas Fatoriais > 0,30 estão em negrito para o fator. KMO= 0,919. *Teste de Bartlett* $\leq 0,001$. Extração Eixos Principais (*Principal Axis Factoring*)

A Tabela 06 apresenta uma escala *ad hoc*, criada para ser utilizada neste estudo, a fim de discriminar os grupos de agricultores por nível de impacto da seca em diferentes dimensões familiares. O instrumento mostrou-se adequado com Alfa de Cronbach de 0,83 e variância explicada de 46,21%.

Tabela 06

Cargas Fatoriais para Análise Fatorial Exploratória com Rotação Direct Oblimin da Escala ad hoc de Indicadores de Impacto da Seca na Família (IISF)

Composição do Fator	1
02. Psicológico	0,72
06. Estudo (seu ou outro membro da família)	0,71
07. Relacionamento Familiar	0,71
03. Lazer	0,70
04. Vestuário	0,70
05. Sono	0,69
08. Rotina Familiar	0,63
01. Financeiro	0,57
Alfa de Cronbach	0,83
Variância Explicada (%)	46,21
Variância Explicada Acumulada (%)	46,21

Nota. Cargas Fatoriais > 0,30 estão em negrito para o fator. KMO= 0,834. *Teste de Bartlett* ≤ 0,001. Extração Eixos Principais (*Principal Axis Factoring*)

O IISF foi então utilizado para criar uma medida de três níveis da percepção de impacto negativo da seca, a partir dos *tercis* do somatório dos seus itens, a qual variou de 0,5 a 3,5, tendo sido feito o corte em 1,5 separando o Grupo 01 do Grupo 02 e 2,5, separando o Grupo 02 do Grupo 03, conforme Figura 01. Os grupos foram caracterizados por Grupo 01= Baixo Impacto (n=67; 33,8% da amostra), Grupo 02= Médio Impacto (n=61; 30,8%) e Grupo 3= Alto Impacto (n=70; 35,4%).

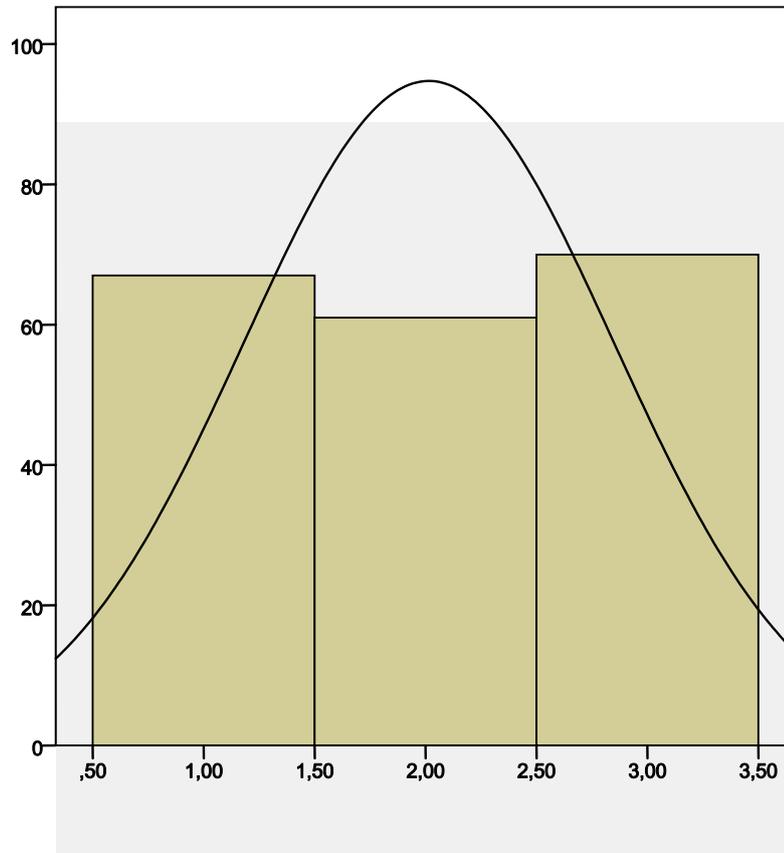


Figura 01: Histograma de frequência e distribuição dos grupos de agricultores por nível de impacto da seca a partir do ISSF. N=198; M=2,02; DP=0,83.

3.3 Saúde geral, crenças e apoio social em agricultores afetados pelas secas

Após a verificação da adequação das escalas foram conduzidas análises Multivariadas de Variância (MANOVA), a fim de verificar quais das variáveis relativas à saúde geral, crenças e apoio social percebido melhor diferenciam grupos de agricultores por nível de impacto da seca na família. As variáveis dependentes foram os dois fatores que compõe a WAS neste estudo (Autovalor e Significação do Mundo), os dois fatores que compõe a SSA (Apoio dos Amigos/Outros e Apoio da Família) e o fator Saúde Geral extraído do QSG-12. As variáveis independentes foram os três grupos de agricultores por nível de impacto da seca na família, sendo Grupo 01= Baixo Impacto, Grupo 02= Médio Impacto e Grupo 03= Alto Impacto.

A MANOVA demonstrou efeito multivariado entre os grupos de impacto em relação aos níveis médios das variáveis independentes (*Lambda de Willks* = 0,87; $F=(5,191)=2,72, p=0,003$), conforme Tabela 07.

Tabela 07

Testes Multivariados – MANOVA

Efeito ^a	Valor ^b	F ^a	GL	Sig.
Grupos por Impacto	0,871	2,722	2,195	0,003*

Nota. ^aVariáveis dependentes: fatores das escalas WAS, SSA e QSG-12

^bLambda de Wilks

* $p \leq 0,05$.

Testes *post hoc* (Scheffe) indicaram que diferenças de médias nos grupos foram significativas para as variáveis Significação do Mundo [F(2,195)=5,59, $p=0,004$], Apoio dos Amigos/Outros [F(2,195)=4,20, $p=0,016$] e Saúde Geral [F(2,195)=7,12, $p=0,001$], conforme Tabela 08.

Tabela 08

Análise Multivariada de Variância entre as Variáveis Autovalor, Significação do Mundo, Apoio dos Amigos/Outros, Apoio da Família e Saúde Geral

Variável Dependente	Soma de quadrados Tipo III	GL	Quadrado Médio	F	Sig.
Autovalor	5,406	(195) 2	2,703	0,233	0,792
Significação do Mundo	211,082	(195) 2	105,541	5,594	0,004*
Apoio dos Amigos/Outros	32,618	(195) 2	16,309	4,197	0,016*
Apoio da Família	4,982	(195) 2	2,491	0,700	0,498
Saúde Geral	700,989	(195) 2	350,494	7,122	0,001*

Nota. *Diferença de média entre os grupos significativa ao nível de $p \leq 0,05$.

Variáveis Independentes: Grupos por nível de impacto da seca

A Tabela 09, por sua vez, apresenta os valores médios e seus desvios padrões das variáveis que foram significativas em relação aos três níveis de percepção dos impactos negativos da seca.

Tabela 09

Diferenças Bivariadas entre os Grupos por Nível de Impacto da Seca: Média (M) e Desvio Padrão (DP)

	1- Baixo Impacto (n= 67)	2- Médio Impacto (n= 61)	3- Alto Impacto (n=70)	Grupos
	M (DP)			
Significação do Mundo (WAS)	1,27 (0,40)	1,10 (0,33)	1,08 (0,35)	1-2*, 1-3*, 2-3
Apoio Amigos/Outros (SSA)	1,13 (0,16)	1,05 (0,16)	1,07 (0,21)	1-2*, 1-3, 2-3
Saúde Geral (QSG-12)	1,84 (0,58)	2,05 (0,60)	2,22 (0,58)	1-2, 1-3*, 2-3

Nota: *Diferença de média entre os grupos, significativa ao nível de $p \leq 0,05$.

V.D.s Média dos escores e subescores das escalas

V.I.s Grupos por nível de impacto da seca na família a partir dos escores do IISF

Analisando os resultados das médias que diferenciam os grupos de agricultores por nível de impacto da seca, pode-se verificar que o grupo de baixo impacto ($M=1,27$) se diferencia dos grupos de médio ($M=1,10$) e alto impacto ($M=1,08$), no que diz respeito à variável Significação do Mundo que avalia as crenças de justiça, controlabilidade e aleatoriedade. Observa-se que o grupo de baixo impacto tem médias maiores nesta variável. Desse modo, pode-se inferir que a seca poderia estar impactando sobre as crenças dos agricultores, de modo que, aqueles que mais sofrem as consequências deste evento, apresentem menores crenças de invulnerabilidade, as quais são aqui medidas pela crença de que o mundo é justo e controlável, além da crença no acaso dos acontecimentos.

As crenças de invulnerabilidade estão relacionadas com a percepção de controle sobre os acontecimentos, ou seja, a percepção de que se é capaz de determinar a ocorrência dos fenômenos, o que determina a atitude geral do indivíduo perante os fatos da vida diária. A percepção de *locus* de controle pelo sujeito pode vir a ser um mediador na realização pessoal, uma vez que as pessoas precisam necessariamente perceber que seus atos são relevantes na determinação dos eventos para que venham a se engajar nestas atividades (Aronson, Wilson, & Akert, 2002). Desse modo, a crença no controle pessoal sobre as consequências da seca incide na forma como os agricultores enfrentam este evento, podendo determinar o resultado de suas ações.

Os resultados também indicam que não são apenas os eventos traumáticos que exercem influência sobre o sistema de crenças, como outros estudos apontam (Arnosso et al., 2010; Elklit et al., 2007; Harris & Valentiner, 2002; Jeavons & Godber, 2005; Kaler et al., 2008; Magwaza, 1999; Mikkelsen & Einarsen, 2002), mas que este sistema pode

também ser afetado por outras situações de exposição prolongada ao estresse, como o que ocorre no caso das secas. Cabe mencionar que isso foi constatado apenas no que diz respeito à dimensão Significação do Mundo, avaliada pela WAS e não no que se refere às crenças de Autovalor.

No que diz respeito à variável Apoio dos Amigos e Outros o grupo de baixo impacto ($M= 1,13$) se diferencia do grupo de médio impacto ($M= 1,05$), tendo o primeiro maior média. Observa-se que o grupo de baixo impacto percebe-se como mais apoiado pelos amigos e outros do que o segundo grupo. Norris e Kaniasty (1996) afirmaram que situações de estresse podem influenciar a percepção de disponibilidade de apoio, bem como estressores crônicos diminuem a percepção de apoio social. Um exemplo, é o estudo de Kaniasty et al. (1990) que encontrou que vítimas de enchente reportaram menor disponibilidade de apoio depois do desastre, em relação ao que haviam avaliado anteriormente.

Tal dado, quando comparado com este estudo, pode indicar que por ser a seca um fator de estresse com impactos que se prolongam no tempo, poderia estar também diminuindo a percepção de apoio no grupo classificado como de médio impacto. Kaniasty et al. (1990) denominaram esta variável de erosão do apoio social percebido e afirmaram que isso pode ter efeitos sobre o bem-estar psicossocial.

A variável percepção do apoio da família não aparece como significativa na diferenciação dos grupos por nível de impacto, de modo que o que se mostra mais passível de ser afetado pelo desastre é a percepção do apoio disponível dos amigos e outros. Cabe observar que este fator da SSA é composto tanto por itens que avaliam a relação com os amigos, quanto por itens que tratam da percepção de valor, respeito e estima pessoal, de modo que quando se fala na dimensão Apoio dos Amigos/Outros se está também referindo a estes aspectos.

No que diz respeito à saúde geral os resultados apontam que o grupo de baixo impacto ($M= 1,84$) se diferencia do grupo de alto impacto ($M= 2,22$) nesta variável. O QSG-12 avalia a ausência de saúde sendo que médias mais altas indicam uma pior avaliação sobre a saúde geral nas dimensões Autoestima, Depressão e Autoeficácia no grupo de alto impacto. Observa-se que o grupo de alto impacto apresenta a maior média de saúde geral, não havendo diferença significativa com o grupo intermediário, o que denota que a seca necessita causar muito impacto na família para ter influência sobre a saúde.

O QSG-12 avalia depressão em uma das suas dimensões. Norris et al. (2002) referiram que este tipo de problema de saúde tem relação com a desmoralização social que

acompanha prolongados períodos de dificuldades após um desastre. A desmoralização social, de acordo com os autores, decorre do não atendimento das necessidades básicas do indivíduo, do descaso do poder público para com o problema em questão e do não reconhecimento social do desastre, por meio da responsabilização do indivíduo. Tais elementos diminuiriam a autoestima pessoal, segundo os autores, e poderiam ser mais bem explorados no caso da seca, uma vez que esta não tem muita repercussão social como outros desastres de início súbito (Pereira et al., 2002).

Davidson e McFarlane (2006) também apontaram que o esgotamento de recursos psicossociais é um fator mediador para a saúde, pois interfere na capacidade de enfrentamento e otimismo em desastres, diminuindo a percepção de autoeficácia pessoal. A autoeficácia é um construto que se refere à crença do indivíduo na sua capacidade para produzir determinadas realizações, como colocar em prática comportamentos específicos que o levarão aonde quer chegar (Bandura, 1997). No presente estudo, uma maior média, na avaliação da ausência de autoeficácia medida por itens do QSG-12, está presente no grupo de alto impacto do desastre, indicando haver relações entre o esgotamento de recursos e a crença na autoeficácia, como apontaram Davidson e McFarlane. Esse dado é importante, uma vez que a crença na autoeficácia é um determinante poderoso do sucesso no enfrentamento de situações difíceis, de modo que a ausência desta crença, pode levar indivíduos que atravessam situações de desastres a diminuir seus esforços de *coping* e à, conseqüente, desesperança em relação ao futuro.

4. Considerações finais

O estudo sobre as crenças, apoio social e saúde geral dos agricultores familiares afetados pelas secas, contribuiu para compreender como essas variáveis discriminam diferentes grupos de agricultores por nível de impacto do desastre na família. Verificou-se que aqueles agricultores que se avaliam como mais afetados pelo desastre apresentam também menores médias relativas às crenças em relação à justiça, controlabilidade e aleatoriedade dos acontecimentos. Isso pode ser explicado pelo fato de que experiências negativas tendem a diminuir a crença nesses aspectos, contribuindo também para uma visão menos positiva sobre a capacidade pessoal de lidar com as dificuldades que se apresentam (Janoff-Bulman, 1992), de modo a manter esse grupo numa situação de maior vulnerabilidade ao desastre.

Somando-se às crenças, o estudo também revelou que o grupo de agricultores que se avalia como mais afetado pelo desastre apresenta também menor percepção de apoio

social dos amigos e outros. Isso pode estar indicando que eventos que causam estresse no longo prazo como a seca, venham a causar a erosão do apoio social percebido, ou seja, a diminuição da percepção da disponibilidade deste recurso no contexto e incidindo diretamente sobre os níveis de bem-estar desta população (Kaniasty et al., 1990). Nesse sentido, intervenções psicológicas poderiam estimular e promover alternativas para fortalecer as relações de apoio entre amigos e vizinhos em épocas de desastre, de modo a manter elevada a percepção deste recurso psicológico e, conseqüentemente, o nível de bem-estar subjetivo deste grupo.

Quando os recursos familiares se esgotam, o apoio social passa a desempenhar um papel fundamental na manutenção da saúde psicológica dos agricultores. Um fator que deve ser considerado neste contexto e que pode estar exercendo influência sobre a percepção de apoio nesta população, é a fragmentação das comunidades rurais pela saída das famílias do campo em busca de melhores condições de vida. Nesse sentido, os agricultores passam a ter uma rede com um número limitado de relações de modo que quando acontece uma seca, todos os membros são afetados. A menor percepção de apoio dos amigos/outros no grupo de agricultores que se avalia como mais afetado pelas secas pode ser uma conseqüência do esgotamento coletivo de recursos como conseqüência do desastre e mereceria ser mais bem investigado.

Por fim, a avaliação da saúde geral demonstrou uma diferença significativa na percepção de ausência de saúde entre os grupos de baixo e alto impacto da seca na família. O grupo de alto impacto se avalia com maior média de ausência de saúde nas dimensões autoestima, depressão e autoeficácia. Os resultados revelam que os impactos da seca têm relação com a saúde e o bem-estar desta população, de modo que se faz importante considerar esta variável em desastres.

Dentre as contribuições deste estudo está a ampliação das pesquisas com populações rurais no Brasil, as quais ainda são escassas quando se refere ao âmbito da psicologia. Vários fatores contribuem para um número reduzido de estudos no meio rural, tais como as dificuldades de acesso e a dispersão da população em uma área geográfica. No entanto, a carência de estudos necessita ser superada, de modo a trazer contribuições para as demandas específicas dessa população e a diminuir a disparidade no interesse científico entre as populações rurais e urbanas.

Dentre as limitações do estudo estão, o tamanho da amostra que pode ter relação com variáveis como a baixa escolaridade desta população e o êxodo rural dos mais jovens. Isso se deve também às dificuldades de acesso aos pontos mais remotos, o que tornou

inviável ir de casa em casa e realizar a leitura do questionário para aquelas pessoas com dificuldades em responder, devido à pouca escolarização. Considerando essas limitações, faz-se necessário o desenvolvimento de metodologias de pesquisa mais adequadas para o estudo de variáveis psicológicas nesta população. Além disso, deve-se levar em conta que, encontra-se no meio rural uma grande população de idosos aposentados que apenas residem na agricultura e de moradores que trabalham em empregos urbanos e que, por isso, não preenchem os critérios para esta pesquisa com agricultores, mas que, no entanto, também merecem ser objeto de atenção científica e social. O desafio está em como contemplar uma população tão diversa como a do meio rural.

Dentre as contribuições do estudo para a elaboração de políticas públicas está o entendimento de que a seca produz impactos não apenas financeiros, mas também psicológicos, no lazer, na alimentação, nas condições de higiene, nos recursos a serem investidos em estudo e vestuário, bem como no descanso dos agricultores, e que estes impactos são importantes de modo a incidir sobre o bem-estar dessa população. Entende-se que a disponibilidade de recursos que trazem melhorias objetivas nas condições de vida das famílias rurais produziria também mudanças subjetivas positivas, como o aumento da percepção do apoio social (diretamente relacionado a melhores níveis de bem-estar), além do aumento da crença na eficácia pessoal, auxiliando no enfrentamento das dificuldades da vida diária presentes no contexto do trabalho agrícola.

Por fim, políticas públicas para o contexto da seca não teriam apenas a função instrumental de garantir as mínimas condições de sobrevivência, mas quando adequadas elas podem também desempenhar uma função simbólica e devolver aos agricultores perspectiva de futuro, auxiliando-os a manterem níveis satisfatórios de saúde, mesmo em condições de adversidades como é o caso dos desastres.

Referências

- Antunes, C., & Fontaine, A. M. (1995). Diferenças na percepção de apoio social na adolescência: Adaptação do Social Support Appraisals. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 10(11), 115-127.
- Arnosó, M., Bilbao, M. A., Páez, D., Iraurgi, I., Kanyangara, P., Rimé, B., Sales, P. P., & Martín-Beristain, C. (2010). Violencia colectiva y creencias básicas sobre el mundo, los otros y el yo. Impacto y reconstrucción. In D. Paez, C. Martín Beristain, J. L. Gonzalez, & J. De Rivera (Eds.), *Superando la violencia colectiva y construyendo cultura de paz*. Madrid: Fundamentos (in press).

- Aronson, E., Wilson, T. D., & Akert, R. M. (2002). Psicologia social em ação 1: Psicologia social e saúde. In E. Aronson, T. D. Wilson, & R. M. Akert, *Psicologia Social* (pp. 323-342). São Paulo: LTC.
- Attin, T. (2002). Questionable assumptions about assumptive worlds. In J. Kauffman (Ed.), *Loss of the assumptive world: A theory of traumatic loss* (pp. 55-68). New York: Brunner-Routledge.
- Bandura, A. (1997). *Self-efficacy: The exercise of control*. New York: Freeman.
- Barrera, M. (1986). Distinctions between social support concepts, measures, and models. *Journal of Community Psychology, 14*(4), 413-445. doi: 10.1007/BF00922627
- Bègue, L., & Muller, D. (2006). Belief in a just world as moderator of hostile attributional bias. *British Journal of Social Psychology, 45*, 117-126. doi: 0.1348/014466605X37314
- Beresford, B. A. (1994). Resources and strategies: How parents cope with the care of a disabled child. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 35*, 171-209.
- Boyd, B., Quevillon, R. P., & Engdahl, R. M. (2010). Working with rural and diverse communities after disasters. In P. Dass-Brailsford (Ed.), *Crisis and disaster counseling: Lessons learned from hurricane Katrina and other disasters* (pp. 149-163). Los Angeles: Sage.
- Coêlho, A. (2007). Percepção de risco no contexto da seca: Um estudo exploratório. *Psicologia para a América Latina, 10*. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2007000200012&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1870-350X.
- Coêlho, A. E. L. (1997). Género: La variable invisible en la evaluación del *distress* post desastre. *Desastres y Sociedad, 8*, 63-75.
- Conselho Nacional de Saúde (CNS). (1996). Resolução 196/96 sobre pesquisa envolvendo seres humanos. *Bioética, 4*(2), 15-25.
- Dake, K. (1992). Myths of nature: Culture and the social construction of risk. *Journal of Social Issues, 48*, 21-37. doi: 10.1111/j.1540-4560.1992.tb01943.x
- Dass-Brailsford, P. (2010). Effective disaster and crisis interventions. In P. Dass-Brailsford (Ed.), *Crisis and disaster counseling: Lessons learned from hurricane Katrina and other disasters* (pp. 213-228). Los Angeles: Sage.
- Davidson, J. R. T., & McFarlane, A. C. (2006). The extent and impact of mental health problems after disaster. *Journal of Clinical Psychiatry, 67*(2), 9-14.

- Elklit, A., Shevlin, M., Solomon, Z., & Dekel, R. (2007). Factor structure and concurrent validity of the World Assumptions Scale. *Journal of Traumatic Stress, 20*(3), 291-301. doi: 10.1002/jts.20203
- Favero, E. (2006). *A seca na vida das famílias rurais de Frederico Westphalen-RS* (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, UFSM, Santa Maria, Brasil). Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa>
- Folkman, S., & Lazarus, R. S. (1985). If it changes it must be a process: A study of emotion and coping during three stages of a college examination. *Journal of Personality and Social Psychology, 48*, 150-170.
- Franklin, K. M., Janoff-Bulman, R., & Roberts, J. (1990). Long-term impact of parental divorce on optimism and trust: Changes in general assumptions or narrow beliefs? *Journal of Personality and Social Psychology, 59*(4), 743-755. Disponível em <http://www.acsu.buffalo.edu/~robertsj/janoff-bulman.1991.pdf>
- Garcia-Renedo, M., Gil Beltrán, J. M., & Valero Valero, M. (2007). *Psicología y desastres: Aspectos psicosociales*. Castelló de la Plana: Publicacions de la Universitat Jaume I.
- Geisinger, K. F. (1994). Cross-cultural normative assessment: Translation and adaptation issues influencing the normative interpretation of assessment instruments. *Psychological Assessment, 6*, 304-312.
- Gracia, E. (1998). *El apoyo social en la intervención comunitaria*. Barcelona: Paidós.
- Gill, D. A. (2007). *Technological disaster, resource loss and long-term social change in a subarctic community: Exxon Valdez oil spill social impacts on Alaska Natives and commercial fishermen in Cordova* (Report to NSF, OPR 0082405). Disponível em Mississippi State University, Social Science research Center website http://www.ssrc.msstate.edu/publications/ExecSumm_NSF_2007.pdf
- Goldberg, D. P. (1972). *The detection of psychiatric illness by questionnaire: A technique for the identification and assessment of non-psychotic psychiatric illness*. London: Oxford University Press.
- Harris, H. N., & Valentiner, D. P. (2002). World assumptions, sexual assault, depression, and fearful attitudes toward relationships. *Journal of Interpersonal Violence, 17*(3), 286-305. doi: 10.1177/0886260502017003004
- Hobfoll, S. E. (1988). *The ecology of stress*. Washington, DC: Hemisphere.

- Hutton D., & Haque C. E. (2004). Human vulnerability, dislocation and resettlement: Adaptation processes of riverbank erosion-induced displaces in Bangladesh. *Disasters*, 28, 41-62.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2010a). *Censo Demográfico 2010*. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2010b). Síntese de indicadores sociais. Disponível em http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=17&id_pagina=1
- Janoff-Bulman, R. (1992). *Shattered assumptions: Towards a new psychology of trauma*. New York: Free Press.
- Jeavons, S., & Godber, T. (2005). World Assumptions as a measure of meaning in rural road crash victims. *Australian Journal Rural Health*, 13, 226-231.
- Kaler, M. E., Frazier, P. A., Anders, S. L., Tashiro, T., Tomich, P., Tennen, H., & Park, C. (2008). Assessing the psychometric properties of the World Assumptions Scale. *Journal of traumatic Stress*, 21(3), 326-332. doi: 10.1002/jts.20343
- Kaniasty, K., Norris, F., & Murrell, S. A. (1990). Received and perceived social support following natural disaster. *Journal of Applied Social Psychology*, 20, 85-114.
- Magwaza, A.S. (1999). Assumptive world of traumatized South Africans adults. *The Journal of Social Psychology*, 139(5), 622-630. doi: 10.1080/00224549909598422
- McFarlane, A. C., & Norris, F. H. (2006). Definitions and concepts in disaster research. In F. H. Norris, S. Galea, M. J. Friedman, & P. J. Watson. *Methods for disaster mental health research* (pp.3-19). Guilford Publications.
- Mikkelsen, E. G., & Einarsen, S. (2002). Basic assumptions and symptoms of post-traumatic stress among victims of bullying at work. *European Journal of Work and Organizational Psychology*, 11(1), 87-111. doi: 10.1080/13594320143000861
- Norris, F. H., Friedman M. J., Watson, P. J., et al. (2002). 60,000 disaster victims speak, part I: An empirical review of the empirical literature. 1981-2001. *Psychiatry*, 65, 207-239.
- Norris, F. H., & Kaniasty, K. (1996). Received and perceived social support in times of stress: A test of the social support deterioration deterrence model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71(3), 498-511.
- Páez, D., Fernández, I., & Martín Beristain, C. (2001). Catástrofes, traumas y conductas colectivas: Procesos y efectos culturales. In C. San Juan (Ed.), *Catástrofes Y ayuda en*

- emergencia: Estrategias de evaluación, prevención y tratamiento* (pp. 85-148).
Barcelona: Icaria.
- Parkes, C. M. (1991). Attachment, bonding, and psychiatric problems after bereavement in adult life. In C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde, & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle* (pp. 268-291). London, N. York: Routledge.
- Pasquali, L. (Org.). (2001). *Técnicas de exame psicológico: Fundamentos das técnicas psicológicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo/Conselho Federal de Psicologia.
- Pereira, L. S., Cordery, I., & Iacovides, I. (2002). *Coping with water scarcity* (Technical Documents in Hidrology no. 58). Paris: UNESCO.
- Phifer, J., & Norris, F. (1989). Psychological symptoms in older subjects following natural disasters: Nature, timing and duration in course. *Journal of Gerontology*, *44*, 207-217.
- Reyes, G. (2006). International disaster psychology: Purposes, principles and practices. In G. Reyes & G. A. Jacobs (Eds.), *Handbook of international disaster psychology: Fundamentals and overview* (pp. 1-13). Westport, CT: Praeger.
- Sarriera, J. C., Schwarcz, C., & Câmara, S. G. (1996). Bem-estar psicológico: Análise fatorial da Escala de Goldberg (GHQ-12) numa amostra de jovens. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *9*(2), 293-306.
- Schneider, S. (1995). As transformações recentes da agricultura familiar no RS: O caso da agricultura em tempo parcial. *Ensaio FEEE*, *16*(1), 105-129.
- Silva, J. G. (1997). O novo rural brasileiro. *Nova Economia*, *7*(1), 43-81.
- Squassoni, C. E. (2009). *Suporte social: Adaptação transcultural do Social Support Appraisals e desenvolvimento socioemocional de crianças e adolescentes* (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Carlos, UFSCar). Disponível em http://www.btdt.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado/tde_arquivos/9/TDE-2009-09-14T154017Z-2404/Publico/2357.pdf
- Snyder, C. R., & Lopez, S. J. (2002). *Handbook of positive psychology*. New York: Oxford University Press.
- Tomich, P. L., & Helgeson, V. S. (2002). Five years later: A cross-sectional comparison of breast cancer survivors with healthy women. *Psycho-Oncology*, *11*, 154-169. doi: 10.1002/pon.570
- Vaux, A., Phillips, J., Thomson, B., Holly, L., Williams, D., & Stewart, D. (1986). The Social Support Appraisals (SSA) Scale: Studies of reliability and validity. *American Journal of Community Psychology*, *14*, 195-200.
- Vaux, A. (1988). *Social support: Theory, research, and intervention*. NY: Praeger.

CAPITULO V

PERCEPÇÃO DO DESASTRE, AUTOEFICÁCIA E APOIO SOCIAL: IMPACTOS DA SECA EM AGRICULTORES DO SUL DO BRASIL

Eveline Favero, Jorge Castellá Sarriera

Resumo

Este artigo tem por objetivo identificar os principais prejuízos psicossociais das secas nas famílias rurais e avaliar quais, dentre um conjunto de variáveis, melhor diferenciam grupos de agricultores familiares por nível de impacto do desastre. Participaram 198 agricultores com idade entre 18-77 anos ($M=44,38$; $DP=10,04$), sendo 104 (52,5%) do sexo masculino e 88 (44,4%) do sexo feminino, todos residentes na zona rural do Rio Grande do Sul, Brasil. Como instrumentos, utilizou-se uma escala *ad hoc* de impactos do desastre na família e um questionário com itens que versam sobre percepção do desastre, capacidade de lidar com a seca e apoio social. Foram empregadas análises de estatística descritiva e de função discriminante, tendo como variável dependente os grupos por nível de percepção dos impactos da seca na família e como variáveis independentes os itens do questionário. Os resultados descritivos apontam que a seca traz prejuízos tanto econômicos, quanto na rotina e alimentação familiar, gerando sentimentos de insegurança quanto ao futuro, desânimo, tristeza e dificuldades no sono. Os resultados da solução *Stepwise* ($\text{Lambda de Willks}=0,76$, $\chi^2=52,00$, $gl=10$, $p\leq 0,001$) para a análise de função discriminante mostraram que, os grupos de alto e médio impacto se diferenciam do grupo de baixo impacto na Função 01, nas variáveis percepção do impacto da seca no bem-estar, percepção da seca como um evento ruim, crença na responsabilidade pessoal sobre as consequências do evento e avaliação da sua vida em meio ao desastre. Já na função 02, o grupo de alto impacto se diferencia do de médio impacto a partir das variáveis que versam sobre apoio social, especialmente no que diz respeito ao apoio da família, amigos e vizinhos.

Palavras-chave: impactos da seca; agricultores; bem-estar psicológico; apoio social

1. Introdução

A Organização Mundial da Saúde e a Organização Panamericana da Saúde (OPAS/OMS) reconhecem os impactos psicossociais dos desastres, os quais incidiriam

sobre as dimensões emocional, psicológica, comportamental, fisiológica e espiritual dos indivíduos. Tais impactos dependeriam da natureza do evento, do entorno e das circunstâncias de vida, das características da personalidade e da vulnerabilidade individual e social (Boyd, Quevillon, & Engdahl, 2010; OPAS/OMS, 2010).

Os desastres também afetariam de diferentes modos os diferentes grupos humanos. Alguns deles seriam considerados grupos de risco, como por exemplo, as crianças – pela sua dependência e porque podem não compreender plenamente o que está acontecendo – as mulheres – pois geralmente estão submetidas a condições sociais mais adversas e assumem maior responsabilidade familiar em situações de crise – os idosos – por possuírem limitações que podem ocasionar dependência e dificultar a adaptação às situações extremas – e as pessoas com enfermidade física e mental – por sua maior vulnerabilidade psicológica e social (OPAS/OMS, 2010). No tocante à seca, os agricultores poderiam ser considerados um grupo de risco a este desastre quando se analisa a real dependência das suas atividades às condições climáticas, além de que o bem-estar das famílias rurais parece estar fortemente relacionado com o sucesso na produção agrícola (Logan & Ranzijn, 2008).

Por outro lado, os desastres são eventos que trazem perdas econômicas, sociais e humanas, quando não de recursos naturais, as quais configuram-se num fator fundamental no processo de estresse e sua relação com a saúde mental (Hobfoll, 2001). Para Lazarus e Folkman (1984), o estresse é o resultado primário da avaliação pessoal. No entanto, a avaliação cognitiva é um dos componentes do processo de estresse, estando esta também embebida do contexto social (Hobfoll, 2001; Ünal-Karagüven, 2009). Desse modo, tanto o ambiente quanto os processos internos devem ser considerados na avaliação do estresse.

O estresse ocorre onde recursos são ameaçados, perdidos, instáveis, ou onde indivíduos ou grupos não conseguem ver um caminho de promoção e proteção dos seus recursos através de esforços individuais ou conjuntos. O termo recursos tem sido definido como aqueles objetos, características pessoais, condições ou energias que têm valor em si mesmos, ou que são valorados porque atuam como condutores na aquisição ou proteção de outros recursos importantes (Hobfoll, 2001).

Além das condições do ambiente, e de como se dá a perda de recursos e a avaliação cognitiva sobre a situação, a percepção da eficácia pessoal e coletiva é também um componente importante no manejo de situações de estresse. Bandura (2006) afirmou que a percepção que os indivíduos têm a respeito da sua eficácia, seja ela coletiva ou individual, desempenha um papel fundamental no funcionamento humano, afetando o comportamento

e impactando em seus determinantes como objetivos e aspirações, expectativas de resultado e na percepção de impedimentos e oportunidades no ambiente social. Sobre esse aspecto o autor afirmou que:

As crenças das pessoas em sua eficácia coletiva influenciam os tipos de futuros que tentam alcançar por meio da ação coletiva, a maneira como usam seus recursos, quanto esforço dedicam em suas atividades grupais, sua resistência quando os esforços coletivos não produzem resultados rápidos ou encontram forte oposição, e sua vulnerabilidade ao desânimo que pode perseguir as pessoas que lidam com dificuldades sociais (Bandura, 2008, p. 116).

Do mesmo modo, a percepção do apoio social disponível é um dos componentes do processo de manejo do estresse e fortalecimento da resiliência pessoal e comunitária frente aos desastres. Sobre este aspecto Garcia-Renedo, Gil Beltrán e Valero Valero (2007) consideraram o apoio social como uma variável moderadora em desastres, atuando de modo a fazer com que as consequências do evento sejam mais ou menos devastadoras.

Nessas situações, a disponibilidade de sistemas sociais de apoio é fundamental para assegurar recursos básicos, como casa, comida, água, cuidados médicos e para limitar os efeitos do evento na perda de recursos (Ünal-Karagüven, 2009). Tais ações auxiliariam no processo de resistência ao estresse e na retroalimentação da percepção de apoio social, a qual é fundamental para a manutenção da saúde mental dos indivíduos (Norris & Kaniasty, 1996).

A capacidade de dispor de recursos no pós-desastre é também de vital importância para a resiliência comunitária, aqui entendida como a habilidade ou processo que leva a adaptação bem sucedida após trauma ou estresse severo (Norris et al., 2007; Norris, Tracy, & Galea, 2009). No entanto, a resiliência comunitária não depende apenas do volume de recursos econômicos, mas também da sua diversidade (Adger, 2000), podendo-se aqui acrescentar a disponibilidade e o acesso coletivo.

Adger (2000) enfatizou em seu trabalho que a dependência de uma limitada variedade de recursos naturais pode aumentar a variância em rendimentos e diminuir a resiliência social. Nesse sentido, eventos extremos como secas, enchentes e pragas, aumentariam o risco para aqueles indivíduos que estão dependentes de recursos muito particulares e diminuiriam a sua resiliência social ao desastre, ou seja, sua habilidade de lidar com estresses ou conflitos externos como o resultado de mudança ambiental, política ou social (Adger, 2000; Roncoli, Ingram, & Kirshen, 2001).

Cabe ainda considerar que o apoio social percebido ou recebido em desastres varia em duas dimensões críticas, segundo Kaniasty e Norris (2000). A primeira delas é a “origem” ou a “fonte”, o que se reflete no padrão geral da utilização da ajuda. A primeira fonte acessada seria a família, seguida de outros grupos primários de apoio como amigos, vizinhos, colegas e, finalmente, das agências formais e outras pessoas fora do círculo imediato. Solomon, Bravo, Rubio-Stipec e Canino (1993) encontraram que a percepção de apoio familiar é um importante moderador em desastres no que diz respeito aos efeitos no estresse.

A segunda dimensão seria o “tipo”, que diferencia o apoio entre emocional, informacional e apoio tangível (real). Esses elementos seriam importantes para o desenvolvimento da competência individual e comunitária, de modo a promover a eficácia coletiva por meio do estabelecimento da confiança e de ações organizadas (Kaniasty & Norris, 2000). De acordo com Roncoli et al. (2001), nenhum destes tipos de apoio seria suficiente, quando empregado isoladamente em situações de desastres como as secas.

Considerando esses aspectos teóricos, o desafio que se coloca é o de compreender como os desastres afetam a disponibilidade de recursos familiares e que tipo de recursos, sejam eles econômicos, sociais, cognitivos e emocionais, seriam fundamentais para o fortalecimento da resiliência e minimização dos impactos negativos dos desastres. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivos: a) Identificar os principais prejuízos psicossociais da seca nas famílias rurais, ou seja, que tipo de recursos sofrem impacto do desastre nesta população; b) Avaliar quais, dentre um conjunto de variáveis psicossociais, melhor diferenciam grupos de agricultores por nível de impacto da seca na família.

2. Método

2.1 Participantes

Participaram 198 agricultores com idade entre 18-77 anos ($M=44,38$; $DP=10,04$), sendo 104 (52,5%) do sexo masculino e 88 (44,4%) do sexo feminino. Foram utilizados os seguintes critérios de inclusão na amostra: ser maior de 18 anos, residir no município selecionado por pelo menos cinco anos, trabalhar na agricultura sendo esta a principal fonte de renda da família.

2.2 Instrumentos

1) Questionário para caracterização da amostra de acordo com os impactos do desastre. Fazem parte deste instrumento perguntas em relação às consequências da seca na vida familiar dos agricultores (Anexo E), com opção de respostas categóricas.

2) Questionário com itens com respostas variando de 0= nada e 4= totalmente, os quais versam sobre a avaliação cognitiva do desastre, a percepção da capacidade individual e familiar para lidar com a seca e o apoio social (Anexo M).

3) Escala *ad hoc* de Indicadores de Impacto da Seca na Família (IISF), conforme Anexo F. Numa escala tipo *Lickert* de cinco pontos onde 0= nada e 4= totalmente, os participantes marcaram o quanto consideram (a si mesmos e a suas famílias) afetados pelas secas nos seguintes aspectos: financeiro, psicológico, lazer, vestuário, sono, estudos (seus ou de seus filhos), relacionamento familiar, rotina familiar.

Por meio de análises fatoriais exploratórias com o método de extração dos eixos principais (*Principal Axis*) e rotação oblíqua (*Direct Oblimim*) a escala mostrou-se unifatorial, com Alfa de Cronbach de 0,83 e 46,2% de variância explicada, sendo o KMO= 0,834 e o Teste de Bartlett $\leq 0,001$. Os itens que compõem este instrumento foram selecionados a partir do estudo de dissertação da autora desta tese, o qual foi realizado com a mesma população e identificou os principais impactos da seca em diferentes dimensões familiares (Favero, 2006).

2.3 Procedimentos

A pesquisa foi desenvolvida após a autorização do Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da UFRGS, através do Protocolo número 2010003 (Anexo A) e com o consentimento expresso dos participantes por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo N), conforme os critérios éticos para a pesquisa com seres humanos que constam na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS, 1996). O questionário foi preenchido de forma individual.

Após estudo piloto com 30 agricultores para verificar a adequação do instrumento, os questionários e termos de consentimento foram entregues aos alunos das escolas municipais e estaduais do município de Frederico Westphalen-RS, os quais se identificaram como filhos de agricultores. O procedimento foi autorizado pela secretaria da educação e a direção das escolas. Os alunos levaram o questionário para seus pais ou responsáveis para que preenchessem e devolvessem na escola juntamente com o termo. Os questionários foram recolhidos posteriormente pela pesquisadora. A pesquisa não ofereceu

riscos físicos e sociais e os participantes não tiveram benefícios diretos em participar do estudo.

Para contemplar o município como um todo e considerando possíveis diferenças regionais, durante a aplicação dos questionários foi feito um zoneamento da área do município, dividindo-o em zona mais distante da sede, zona mais próxima e zona intermediária, buscando obter participantes em um número mais ou menos equivalente entre as três zonas. 19,7% da amostra pertence a zona mais próxima da sede (n=39), 31,8% pertence a zona intermediária (n=63) e 43,9% pertence a zona mais distante (n=87). O fato de haver menor número de participantes que residem na zona mais próxima à sede se deve ao fenômeno chamado “rurbano” (Schneider, 1995; Silva, 1997) onde muitas pessoas utilizam essas zonas apenas como residência enquanto se dedicam a atividades não agrícolas. Desse modo, não preencheram o critério para participar nesta pesquisa, ou seja, trabalhar na agricultura. Do contrário, zonas mais distantes ainda permanecem quase que essencialmente agrícolas e por isso pôde-se extrair uma maior representatividade na amostra.

2.4 Análise dos dados

Foram realizadas estatísticas descritivas para a caracterização da amostra quanto aos prejuízos da seca, utilizando o software *Statistical Package for Social Sciences* (v.17). Por fim, foram conduzidas análises de função discriminante múltipla, tendo como variável dependente os grupos por nível de percepção dos impactos da seca na família e como variáveis independentes os itens do questionário *ad hoc* sobre avaliação cognitiva do desastre, percepção da capacidade individual e familiar para lidar com a seca e apoio social.

3. Resultados e discussões

3.1 A seca e seus impactos

Os resultados da análise de estatísticas descritivas (Tabela 01) indicam que a maioria dos agricultores entrevistados (91,9%) afirmou ter ocorrido seca nos últimos cinco anos (2005-2009/10), sendo que a mesma incidiu sobre planos e projetos (85,9%) e levou mais da metade dos participantes a contrair dívidas (63,1%).

Tabela 01

Impactos Econômicos e Psicossociais da Seca

Variáveis	Sim f(%)	Não f(%)	Não Informado f(%)
Ocorrência de seca nos últimos cinco anos	182 (91,9)	5 (2,5)	11 (5,6)
Necessitou modificar planos ou projetos	170 (85,9)	19 (9,6)	9 (4,5)
Contrair dívidas em função da seca	125 (63,1)	36 (18,2)	37 (18,7)
Falta água para consumo humano	68 (34,3)	110 (55,6)	20 (10,1)
Falta água consumo animal	96 (48,5)	84 (42,4)	18 (9,1)
Perdas agricultura	177 (89,4)	06 (3,0)	18 (9,1)
Perdas leiteiras	142 (71,7)	39 (19,7)	17 (8,6)
Perdas suinocultura	45 (22,7)	126 (63,6)	27 (13,6)
Escassez alimentos	146 (73,7)	36 (18,2)	16 (8,1)
Insegurança quanto ao futuro	144 (72,7)	33 (16,7)	21 (10,6)
Desânimo e tristeza	143 (72,2)	34 (17,2)	21 (10,6)
Dificuldades no sono	100 (50,5)	75 (37,9)	23 (11,6)
Saída de membro família do campo	61 (30,8)	113 (57,1)	23 (11,6)

Dentre os prejuízos nos recursos familiares em ordem de maior importância, a maioria dos participantes considera que a seca tenha causado perdas na agricultura, escassez de alimentos, perdas na produção de leite, falta de água para consumo animal e humano. Tais dados chamam atenção para questões de segurança alimentar nesta população em épocas de seca devido à perda de recursos de sobrevivência.

Do ponto de vista dos impactos psicológicos pode-se constatar que a seca na opinião dos participantes gera insegurança quanto ao futuro (72,7%), desânimo e tristeza (72,2%) além de dificuldades no sono (50,5%). Os dados que descrevem os impactos da seca nas famílias rurais revelam também a necessidade de mudar trajetórias de vida (85,9%) e o endividamento (63,1%), os quais incidem sobre a organização familiar.

Pode-se constatar que as consequências da seca incidem sobre as perspectivas de futuro dos participantes, o que pode ter relação com as reações psicológicas como desânimo e tristeza. Para Bandura (2008), o desânimo estaria relacionado com dificuldades sociais, podendo-se aqui considerar a seca através de todos os seus impactos sociais e psicológicos, como sendo um evento com potencial para ocasionar diferentes tipos de dificuldades nos agricultores.

Por outro lado a necessidade de mudar trajetórias de vida revela uma das características da agência humana, ou seja, a capacidade dos seres humanos definirem suas vidas ativamente. Para Bandura (2006), ser um agente é influenciar intencionalmente o seu próprio comportamento e as circunstâncias de vida. A autoeficácia está relacionada ao

enfrentamento bem sucedido de uma série de problemas psicológicos, cumprindo fatores de proteção, podendo ser estimulada por meio de fatores de capacitação que ajudam as pessoas a escolher e estruturar seus ambientes de forma que estabeleçam um rumo bem-sucedido (Bandura, 1997).

Outro dado deste estudo, ou seja, o endividamento, é um elemento importante na compreensão da vulnerabilidade social das famílias rurais deste contexto, o que, para Roncoli et al. (2001), se configura numa estratégia de sobrevivência que somente é empregada pelas famílias mais pobres e quando já esgotaram outros recursos para lidar com as secas. Nesse sentido, quando uma perda ocorre (como neste caso, a produção agrícola), a tendência é o desencadeamento da perda de outros recursos importantes (Ünal-Karagüven, 2009), sendo que aquelas famílias que possuem poucos recursos seriam as mais vulneráveis para perdas, pela dificuldade de adotar estratégias de controle sobre a situação (Hobfoll, 1989).

Do ponto de vista psicológico, Hobfoll (1989) afirmou que a depressão é um sintoma provável de ocorrer quando o investimento de recursos falha em resolver um conflito. No caso da agricultura, o investimento na safra agrícola é o principal meio para garantir a sobrevivência familiar na maioria dos casos. Quando o resultado não corresponde ao esperado, a tendência é de que não apenas consequências econômicas e sociais venham a ocorrer, mas que reações psicológicas se manifestem, por exemplo, por meio dos prejuízos no sono, tristeza e insegurança quanto ao futuro, que também foram reportados por Bosch (2004) em outro contexto de estudo. Nesse sentido, a diversificação dos ganhos das famílias rurais poderia ser um meio importante para garantir que nem todas as expectativas sejam frustradas na ocorrência de uma seca, de modo que as populações rurais se encontrem mais resilientes aos fatores climáticos, conforme sugeriram Adger (2000) e Roncoli et al. (2001).

3.2 Diferenças entre os grupos de agricultores quanto ao nível de impacto da seca

De maneira a identificar o perfil discriminante em termos de critérios de classificação dos agricultores por grupos de impacto da seca na família, foi criada uma medida de três níveis, a partir dos *tercis* do somatório dos itens do questionário *ad hoc* de Indicadores de Impacto da Seca na Família (IISF). Os grupos foram caracterizados por: Baixo Impacto (n=67; 33,8% da amostra), Médio Impacto (n=61; 30,8%) e Alto Impacto (n=70; 35,4%). A medida variou de 0,5 a 3,5, tendo sido feito o corte em 1,5 (separando o

grupo de Baixo Impacto do grupo de Médio Impacto) e 2,5 (separando o grupo de Médio Impacto do grupo de Alto Impacto).

Foram então conduzidas análises de função discriminante múltipla, onde as funções discriminantes estimadas são composições lineares semelhantes a uma reta de regressão (uma combinação linear de variáveis) e buscam explicar as variações ou diferenças nas variáveis categóricas dependentes (neste estudo a V.D. são os grupos por nível de impacto da seca), de acordo com Hair et al. (2005). A Função 01 explica (representa) a maior quantia de variação (diferença) nos grupos discriminantes enquanto que a Função 02, que é ortogonal e independente da primeira, explica o maior percentual da variação residual, depois que a variância da primeira função é removida.

A partir da análise dos centróides dos grupos (Tabela 02) verifica-se que a Função 01 diferencia o grupo de alto (0,350) e médio (0,281) impacto em relação ao grupo de baixo impacto (-0,622). Por sua vez, a Função 02 diferencia o grupo de alto impacto (0,327) do grupo de médio impacto (-0,404). Os coeficientes de correlação nas funções discriminantes canônicas foram de 0,41 ($p \leq 0,001$ e variância explicada de 69,2%) na Função 01, e 0,29 ($p \leq 0,002$ e variância explicada de 30,8%) na Função 02.

Tabela 02
Centróides dos Grupos por Nível de Impacto da Seca

Grupo	Função	
	1	2
Baixo Impacto	-,622	,026
Médio Impacto	,281	-,404
Alto Impacto	,350	,327

Nota. Funções discriminantes não padronizadas, avaliadas pela média dos grupos

A análise de função discriminante múltipla buscou identificar quais variáveis diferenciam melhor os grupos formados pelos três níveis de percepção dos impactos negativos da seca. A Tabela 03 apresenta a matriz estrutural, onde todas as variáveis investigadas estão ordenadas por tamanho bruto, pesos estandardizados, de sua correlação (escores z discriminantes) com a respectiva função discriminante (01 e 02).

Tabela 03

Matriz Estrutural: Coeficientes Padronizados da Função Discriminante Múltipla

Variáveis	Função 01	Função 02
Considera que a seca possa interferir na saúde e bem-estar	0,62*	0,57
Considera a seca ruim	0,55*	0,27
Acredita ser responsável pelos impactos da seca	0,28*	-0,15
Considera que a sua vida seria melhor sem as secas	0,25*	0,23
Considera a sua família preparada para lidar com as secas	-0,05*	0,02
Considera a sua família acostumada com as secas	-0,04*	0,04
Se sente apoiado pela família quando acontece uma seca	-0,13	0,70*
Se sente apoiado pelos amigos quando acontece uma seca	-0,04	0,45*
Se sente apoiado pelos vizinhos quando acontece uma seca	-0,03	0,43*
Se sente apoiado pela igreja quando acontece uma seca	0,17	-0,21*
Se sente apoiado pelo governo quando acontece uma seca	-0,08	-0,17*
Se sente apoiado pelos técnicos quando acontece uma seca	0,07	-0,14*
Considera a sua família capaz de lidar com as dificuldades ocasionadas pelas secas	-0,05	0,13*
Se sente apoiado pela comunidade quando acontece uma seca	-0,05	0,12*
Se sente apoiado pelas instituições de crédito quando acontece uma seca	-0,07	-0,10*
Acredita que pode controlar os impactos das secas	0,06	0,07*

Nota. Variáveis ordenadas por tamanho absoluto de correlação em cada função.

* Maior correlação absoluta entre cada variável e a função discriminante.

Prosseguindo-se as análises, na etapa seguinte, buscou-se verificar quais dentre as variáveis melhor diferenciam os grupos por nível de impacto da seca. O critério para inclusão das variáveis no modelo de discriminação foi à minimização do valor do *Lambda de Willks*. Os resultados da solução *stepwise* (*Lambda de Willks*=0,76, $\chi^2=52,00$, $gl=10$, $p\leq 0,001$) indicam que as variáveis constantes na Tabela 04, são significativas para diferenciar os grupos de agricultores por nível de impacto da seca. Nesta tabela, são também apresentadas as médias que diferenciam os grupos nessas variáveis.

Tabela 04

Médias das Variáveis Significativas Enquanto Discriminantes dos Grupos por Nível de Impacto da Seca na Família

Variáveis Independentes	Pouco Impacto	Médio Impacto M(DP)	Muito Impacto	Sig.
Considera que a seca possa interferir na saúde e bem-estar	2,55(1,08)	2,84(0,88)	3,24(0,67)	0,001*
Se sente apoiado pela família quando acontece uma seca	1,98(1,42)	1,45(1,04)	2,09(1,26)	0,001*
Se sente apoiado pela igreja quando acontece uma seca	1,31(1,28)	1,59(1,12)	1,43(1,06)	0,001*
Considera a seca ruim	3,18(1,11)	3,49(0,67)	3,69(0,60)	0,001*
Acredita ser responsável pelos impactos da seca	0,84(1,04)	1,16(1,08)	1,07(0,95)	0,001*

*Nota: * $p \leq 0,05$ na solução Stepwise*

V.D.s Grupos por nível de impacto da seca na família a partir dos escores do IISF

V.I.s Variáveis de percepção do desastre e apoio social.

No entanto, para fins de interpretação, foram também consideradas as diferenças na maioria das demais variáveis descritas na matriz estrutural (Tabela 3), as quais não entraram no modelo. Embora essas variáveis não sejam estatisticamente significativas e também apresentem baixos coeficientes de associação, elas adquirem sentido quando agrupadas pela ordem do vetor dentro da respectiva função a que pertencem.

Desse modo, verifica-se que a Função 01 tem como variáveis discriminantes, entre os grupos de alto e médio impacto em relação ao grupo de baixo impacto, àquelas relativas à percepção da interferência da seca no bem-estar, a percepção da seca como um evento ruim, a crença na responsabilidade pessoal sobre as consequências do evento e a avaliação da sua vida em meio ao desastre. A Função 02 apresenta como diferencial entre os grupos de alto e médio impacto, as variáveis de apoio social percebido, podendo-se classificá-las em dois grupos: aquelas relativas ao apoio dos grupos primários (família, amigos, vizinhos, etc.) e aquelas que fazem referência aos grupos externos (governo, técnicos, etc.).

Analisando os coeficientes de correlação para cada variável na Função 01 a primeira variável a diferenciar os grupos é a percepção de que a seca possa interferir na saúde e no bem-estar ($z=0,62$). Os grupos que percebem mais os prejuízos da seca, ou seja, alto e médio impacto nos aspectos financeiro, psicológico, lazer, vestuário, sono, estudos, relacionamento e rotina familiar, também considera que a seca possa interferir mais na saúde e no bem-estar familiar.

A segunda variável que diferencia os grupos de alto e médio impacto em relação ao grupo de baixo impacto é a percepção da seca como um evento ruim ($z=0,55$). A percepção do desastre é um fator importante quando se trata de avaliar nossa atitude frente ao risco. De acordo com Pennings e Grossman (2008), desastres como a seca são de conteúdo certo, ou seja, as pessoas que experimentam esse evento conhecem o seu potencial de danos e perdas. Por esse motivo, deveria ser também de mais fácil manejo e, conseqüentemente, na medida em que pudesse ser mais bem controlado, reduziria também a percepção negativa sobre esse desastre. Por outro lado, a seca é um evento incerto quanto à sua ocorrência (Pereira et al., 2002). Diante da incerteza do evento, a tendência é que as pessoas adotem menos comportamentos preventivos que facilitariam a adaptação ao desastre (Pennings & Grossman, 2008; Smith, 1992), e, conseqüentemente, reduziriam a percepção negativa por meio da possibilidade de controle sobre a situação.

Embora, os desastres sejam eventos que desafiam a capacidade de adaptação dos indivíduos, e por isso, carregam o risco de conseqüências adversas na saúde mental (Davidson & McFarlane, 2006; Reyes, 2006), constata-se que as famílias que se encontram mais adaptadas às secas podem ter desenvolvido mecanismos para minimizar os seus impactos, diminuindo assim a percepção desta como um evento ameaçador, bem como suas conseqüências negativas na saúde e bem-estar.

A variável que trata da crença na responsabilidade individual pelos impactos da seca também diferencia os grupos de alto e médio impacto do grupo de baixo impacto ($z=0,28$). No caso dos desastres, é comum a responsabilização do indivíduo, especialmente naqueles fenômenos que encontram pouca atenção pública ou midiática (Pereira et al., 2002), ou que o risco de vida acaba sendo indireto (Smith, 1992).

A responsabilização individual pode ter relação com a percepção de autoeficácia, a qual desempenha um papel fundamental no funcionamento humano, afetando o comportamento e causando impacto sobre seus determinantes como objetivos e aspirações, expectativas de resultado e na percepção de impedimentos e oportunidades no ambiente social (Bandura, 2006). A autoeficácia é também a base da agência humana, de modo que as pessoas que acreditam que através de suas ações não podem produzir os resultados desejados, têm também poucos incentivos para atuar e para perseverar na hora de enfrentar dificuldades (Fernández-Ballesteros et al., 2004). Nesse sentido, não basta sentir-se responsável por determinada situação para aderir ao comportamento de mudança. O indivíduo também necessita acreditar na autoeficácia pessoal e no resultado das ações empregadas, sejam elas individuais ou coletivas.

A crença na responsabilidade individual neste contexto pode também estar relacionada com o desamparo aprendido, ou seja, um estado de pessimismo que resulta de se explicar um evento negativo como devido a fatores estáveis, internos e globais (Abramson, Seligman, & Teasdale, 1978). Isso levaria à desesperança, à depressão, à diminuição do esforço de enfrentamento e, conseqüentemente, a resultados menos positivos no manejo do estresse. Observa-se que no caso das secas, são comuns os sentimentos de impotência diante do evento (Favero, 2006), que podem estar relacionados às próprias características de imprevisibilidade do desastre. Desse modo, a maneira como os agricultores interpretam as causas da seca, pode resultar na experiência do desamparo, incidindo sobre suas atitudes e comportamentos. Não é o desastre em si que pode ser controlado, mas as suas conseqüências, de maneira que a mudança no foco da avaliação do evento pode também resultar em melhores resultados de enfrentamento.

Um outro dado deste estudo é que os grupos de alto e médio impacto também se diferenciam do grupo de baixo impacto na variável “considera que a sua vida seria melhor sem as secas” ($z=0,25$). Essa diferença pode ser explicada pelo fato de que um maior controle sobre as conseqüências da seca possibilita também que esta interfira menos sobre a vida pessoal e familiar, de modo que o grupo que sofre baixo impacto do desastre não percebe muita diferença na sua vida quando da ocorrência de uma seca em relação ao grupo que sofre alto e médio impacto do desastre.

No que se refere à identificação das variáveis que diferenciam os grupos na Função 02, estas dizem respeito ao apoio social percebido. A primeira delas, “se sente apoiado pela família quando acontece uma seca” diferencia o grupo de alto do de médio impacto ($z=0,70$). O grupo que se avalia como mais afetado pelas secas acredita receber mais apoio da família, o que é um dado interessante. O mesmo ocorre quando se trata das variáveis apoio dos amigos ($z=0,45$), dos vizinhos ($z=0,43$) e da comunidade ($z=0,12$), diferenciando-se do grupo de médio impacto no que diz respeito ao apoio da igreja ($z=-0,21$), apoio do governo ($z=-0,17$), apoio dos técnicos ($z=-0,14$) e apoio das instituições de crédito ($z=-0,10$). Observa-se que no conjunto das variáveis, o grupo de alto impacto percebe mais apoio dos grupos primários (família, amigos, vizinhos, comunidade), enquanto que o grupo de médio impacto diferencia-se pela percepção de apoio dos grupos externos (igreja, governo, técnicos).

A origem do apoio social em desastres foi discutida por Kaniasty e Norris (2000) e se reflete no padrão geral da utilização da ajuda. A tendência é que primeiramente se acesse grupos como família, amigos, vizinhos e colegas, por exemplo, e depois as

instituições formais e outras pessoas fora do círculo imediato, o que também depende do conjunto das relações que formam o capital social das pessoas.

Analisando os resultados desse estudo, os agricultores que percebem-se mais afetados pelas secas podem estar utilizando mais o apoio dos grupos primários, pois os impactos do desastre têm relação direta com a sobrevivência familiar, o que força a busca por soluções mais imediatas. Nesse sentido, o apoio de grupos externos, mesmo que presente, pode não ser o primeiro a ser acessado ou não estar sendo adequado para dar conta das demandas familiares, ou demorar muito para estar disponível, em relação ao apoio dos grupos primários o qual é mais imediato, e por isso ser percebido em maior grau.

Outra possibilidade seria que, no caso do grupo de médio impacto da seca, os agricultores podem ter desenvolvido mecanismos de enfrentamento de modo que o desastre não afete dimensões da sobrevivência familiar. Desse modo, o auxílio de grupos externos faz-se importante, mas não tanto em critério de emergência. Eles poderiam também estar contando com mecanismos de prevenção como o seguro agrícola e outras fontes de auxílio que viriam a somar-se na minimização das perdas. Em relação ao grupo de pouco impacto, a ausência de associação com as variáveis de apoio social pode demonstrar o desenvolvimento de autonomia nas famílias para lidar com as secas.

Nesse sentido, reconhecendo-se a importância do apoio dos grupos primários na minimização de danos e no aumento da resiliência em desastres (Kaniaty & Norris, 2000; Solomon et al., 1993), especialmente nos agricultores com alto impacto da seca, intervenções psicossociais poderiam primar para a promoção e o fortalecimento dos laços familiares, entre amigos e vizinhos em tempos de secas. A percepção de apoio é também um importante moderador para o estresse (Solomon et al., 1993) e é retroalimentada pelo apoio recebido. Situações de estresse como os desastres despertam ações de solidariedade e a oferta de apoio externo tende a crescer, de modo que a percepção da disponibilidade deste recurso também aumenta num primeiro momento, vindo depois a decrescer com a retirada desse tipo de ajuda. Nesse caso, faz-se necessário mais do que ações de solidariedade ou ações emergenciais, para que o apoio percebido se mantenha, são fundamentais medidas no longo prazo e que atendam as necessidades específicas de cada grupo de agricultores, sejam elas financeiras ou psicossociais.

Por fim, as variáveis que você considera sua família preparada, acostumada e capaz de lidar com as secas, bem como a variável “você acredita que pode controlar os impactos da seca”, não diferenciam os grupos de agricultores por nível de impacto do desastre. A expectativa era de que tais variáveis servissem para diferenciá-los, uma vez que elas

poderiam denotar diferentes níveis de percepção de autoeficácia para lidar com o evento. A autoeficácia é o exercício do controle, de acordo com Bandura (1997), sendo que as pessoas com baixa autoeficácia percebem poucas oportunidades para exercitar o controle ou quando tentam, se convencem facilmente da inutilidade deste esforço diante da dificuldade (Fernández-Ballesteros et al., 2004).

Além disso, a percepção de autoeficácia varia em amplitude quando o objeto de mudança são problemas sociais ou problemas pessoais segundo Fernández-Ballesteros et al. (2004). As pessoas teriam um sentimento de eficácia mais forte para controlar distintos aspectos da sua vida em seu ambiente imediato, do que para produzir mudanças sobre os problemas da esfera social. Nesse sentido, o fato de ser um problema compartilhado coletivamente, com prejuízos não apenas na esfera pessoal, mas também social, poderia levar os agricultores a acreditarem menos na sua capacidade de controlar e gerenciar o evento a nível familiar.

Uma hipótese é que essa crença, não variaria em função do grupo por nível de impacto da seca, mas pelo fato do tipo de objeto que está sendo analisado, ou seja, um problema que é coletivo nesta população. Nesse caso, a percepção da eficácia poderia aumentar na medida em que as pessoas trabalhassem de maneira coletiva e atingissem resultados mais efetivos do que agindo isoladamente (Bandura, 2008). A ação coletiva permite o compartilhamento de recursos, conhecimentos e competências, promove o apoio mútuo necessário para manter esforços coletivos e enfrentar dificuldades que se apresentam no processo de mudança social (Fernández-Ballesteros et al., 2004) sendo assim, um elemento importante no enfrentamento de situações de desastres.

4. Considerações finais

O estudo dos impactos da seca constatou que a mesma causa prejuízos em recursos essenciais para a sobrevivência, como perdas agrícolas, escassez de alimentos, perdas na produção de leite, falta de água para consumo animal e humano. Além disso, foram identificados alguns impactos psicológicos como insegurança quanto ao futuro, desânimo, tristeza e dificuldades no sono na amostra de agricultores.

Os dados corroboram estudos como o de Bosch (2004) e Roncoli et al., (2001), vindo a apresentar as especificidades do contexto estudado, o qual caracteriza-se por agricultores familiares que têm como base econômica principalmente a agricultura, a suinocultura e a produção de leite, sendo esta última uma importante fonte de renda. Além disso, são bastante expressivos a insegurança quanto ao futuro e os sentimentos de

desânimo e tristeza, os quais poderiam ser mais bem investigados em pesquisas futuras, no que diz respeito à relação do desastre com a incidência de depressão nesta população.

Verificou-se ainda, que os agricultores diferenciam-se por grupos nas variáveis relativas à percepção da seca como um evento negativo, bem como na responsabilidade individual pelas suas consequências. Nesse sentido, os grupos de alto e médio impacto da seca, percebem este evento como mais negativo em relação ao grupo de baixo impacto, bem como acreditam ser mais responsáveis pelas suas consequências na vida familiar. Seria importante investigar melhor se existe relação entre a atribuição de responsabilidade e o sentimento de valor pessoal e o quanto acreditam que possam controlar as consequências do desastre.

Em relação ao apoio social, os dados deste estudo mostraram uma maior associação nas variáveis que versam sobre a percepção de apoio dos grupos primários com o grupo de agricultores que se considera mais afetado pelos impactos da seca. Esse tipo de apoio é de longe o mais acessado e por isso precisa ser promovido em situações de desastres (Dass-Brailsford, 2010). Do contrário, os agricultores do grupo de médio impacto da seca percebem mais o apoio social dos grupos externos em relação aos do grupo de alto impacto. Nesse sentido, observa-se a necessidade de ampliar a percepção de apoio social dos agricultores mais afetados pelas secas para além dos grupos primários de modo a promover melhores níveis de saúde e bem-estar nesta população, ao mesmo tempo em que as relações existentes entre família, amigos, vizinhos e comunidade sejam fortalecidas. O apoio percebido é retroalimentado pelo apoio recebido (Kaniasty et al., 1990), de modo que a oferta de apoio social pode estar também mediando a percepção da disponibilidade deste, sendo que isto não implica em quantidade, mas em oferecer este recurso de maneira adequada.

Uma das limitações deste estudo é o tamanho da amostra, o qual é também um reflexo do êxodo rural, da baixa escolaridade desta população e das dificuldades geográficas para acessar esta população. Reconhece-se também que o contexto da agricultura familiar é muito específico para ser generalizado para outra realidade rural, mas estes dados podem contribuir na realização de estudos comparativos.

Por fim, a psicologia pode contribuir com seu conhecimento no âmbito da intervenção comunitária, na promoção de ações organizadas que fortaleçam as relações de apoio social e oportunizem o compartilhamento dos problemas e soluções, possibilitando uma visão de oportunidades neste ambiente social. Além disso, a atenção psicossocial tem um papel importante na promoção da resiliência individual e comunitária, que se manifesta

em melhores níveis de bem-estar naqueles que atravessam situações de prolongado estresse como nas secas, podendo contribuir no desenvolvimento da crença na eficácia individual e coletiva para lidar com os desafios do cotidiano rural.

Referências

- Abramson, L. Y., Seligman, M. E. P., & Teasdale, J. D. (1978). Learned helplessness in humans: Critique and reformulations. *Journal of Abnormal Psychology, 87*(1), 49-74.
- Adger, W. (2000). Social and ecological resilience: Are they related? *Progress in Human Geography, 24*, 347-364.
- Bandura, A. (2008). O exercício da agência humana pela eficácia coletiva. In A. Bandura, R. Gurgelazzi, & S. Polydoro (Eds.), *Teoria social cognitiva: Conceitos básicos* (pp. 115-122). Porto Alegre: ArtMed.
- Bandura, A. (2006). Toward a psychology of human agency. *Perspectives on Psychological Science 1*(2), 164-180.
- Bandura, A. (1997). *Self-efficacy: The exercise of control*. New York: Worth Publishers.
- Bosch, K. R. (2004). Cooperative extension responding to family needs in time of drought and water shortage. *Journal of Extension, 42*(4), 1-10.
- Boyd, B., Quevillon, R. P., & Engdahl, R. M. (2010). Working with rural and diverse communities after disasters. In P. Dass-Brailsford (Ed.), *Crisis and disaster counseling: Lessons learned from hurricane Katrina and other disasters* (pp. 149-163). Los Angeles: Sage.
- Conselho Nacional de Saúde (CNS). (1996). Resolução 196/96 sobre pesquisa envolvendo seres humanos. *Bioética, 4*(2), 15-25.
- Davidson, J. R. T., & McFarlane, A. C. (2006). The extent and impact of mental health problems after disaster. *Journal of Clinical Psychiatry, 67*(2), 9-14.
- Fernández-Ballesteros, R., Díez-Nicolás, J., Caprara, G. V., Barbaranelli, C., & Bandura, A. (2004). Determinantes y relaciones estructurales desde la eficacia personal a la eficacia colectiva. In M. Salanova et al., *Nuevos horizontes en la investigación sobre la auto-eficacia* (pp. 68-80). Castelló de la Plana: Publicacions de la Universitat Jaume I.
- Garcia-Renedo, M., Gil Beltrán, J. M., & Valero Valero, M. (2007). *Psicología y desastres: Aspectos psicosociales*. Castelló de la Plana: Publicacions de la Universitat Jaume I.
- Hair, J. F.; Anderson, R. E.; Tathan, R. L., & Black, W. C. (2005). *Análise multivariada de dados*. Porto Alegre: Bookman.

- Hobfoll, S. E. (2001). The influence of culture, community, and the nested-self in the stress process: Advancing conservation of resources theory. *Applied Psychology: An International Review*, 50(3), 337-421. doi: 10.1111/1464-0597.00062
- Hobfoll, S. E. (1989). Conservation of resources: A new attempt at conceptualizing stress. *American Psychologist*, 44(3), 513-524. doi: 10.1037/0003-066X.44.3.513
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2010). IBGE Cidades. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>
- Kaniasty, K., & Norris, F. (2000). Help-seeking comfort and receiving social support: The role of ethnicity and context of need. *American Journal of Community Psychology*, 28, 545-582.
- Kaniasty, K., Norris, F., & Murrell, S. A. (1990). Received and perceived social support following natural disaster. *Journal of Applied Social Psychology*, 20, 85-114.
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal and coping*. New York: Springer.
- Logan, C., & Ranzijn, R. (2008). The bush is drying: A qualitative study of South Australian farm women living in the midst of prolonged drought. *Journal of Rural Community Psychology*, 12(2). Disponível em: <http://www.marshall.edu/jrcp/VE12%20N2/jrcp%2012%202%20Logan%20and%20Ranzijn.pdf>
- Norris, F. H., Tracy, M., & Galea, S. (2009). Looking for resilience: Understanding the longitudinal trajectories of responses to stress. *Social Science & Medicine*, 68, 2190–2198.
- Norris, F. H., Stevens, S. P., Pfefferbaum, B., Wyche, K. F., & Pfefferbaum, R. (2007). Community resilience as a metaphor, theory, set of capacities, and strategy for disaster readiness. *American Journal of Community Psychology*, 41, 127-150. doi: 10.1007/s10464-007-9156-6
- Norris, F. H., & Kaniasty, K. (1996). Received and perceived social support in times of stress: A test of the social support deterioration deterrence model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71(3), 498-511.
- Organización Panamericana de La Salud (OPAS), & Organización Mundial de La Salud (OMS). (2010). *Apoyo psicosocial em emergencias y desastres: Guia para equipos de respuesta*. Washington, D.C.: OPAS.
- Pennings, J. M. E., & Grossman, D. B. (2008). Responding to crises and disasters: The role of risk attitudes and risk perceptions. *Disasters*, 32(3), 434-448. doi: 10.1111/j.1467-7717.2008.01048.x

- Pereira, L. S., Cordery, I., & Iacovides, I. (2002). *Coping with water scarcity* (Technical Documents in Hidrology no. 58). Paris: UNESCO.
- Reyes, G. (2006). International disaster psychology: Purposes, principles and practices. In G. Reyes, & G. A. Jacobs (Eds.), *Handbook of international disaster psychology: Fundamentals and Overview* (pp. 1-13). Westport, CT: Praeger.
- Roncoli, C., Ingram, K., & Kirshen, P. (2001). The costs and risks of coping with drought: Livelihood impacts and farmers responses in Burkina Faso. *Climate Research, 19*, 119-132
- Schneider, S. (1995). As transformações recentes da agricultura familiar no RS: O caso da agricultura em tempo parcial. *Ensaio FEEE, 16*(1), 105-129.
- Silva, J. G. (1997). O novo rural brasileiro. *Nova Economia, 7*(1), 43-81.
- Smith, K. (1992). *Environmental hazards: Assessing risk and reducing disaster*. New York: Routledge.
- Solomon, S. D., Bravo, M., Rubio-Stipec, M., & Canino, G. (1993). Effect of family role on response to disaster. *Journal of Traumatic Stress, 6*(2), 255-269. doi: 10.1002/jts.2490060208
- Ünal-Karagüven, M. H. (2009). Psychological impact of an economic crisis: A Conservation of Resources Approach. *International Journal of Stress Management, 16*(3), 177-194. doi 10.1037/a0016840

DISCUSSÃO GERAL

Ao iniciar este estudo alguns questionamentos se fizeram presentes, tais como: Como os teóricos da psicologia têm definido o termo desastre e quais as implicações no reconhecimento da seca enquanto um desastre? Como as perdas ocasionadas pelas secas exercem influência sobre o bem-estar familiar e quais os recursos de *coping* utilizados pelas famílias para lidar com o evento? A avaliação do grau de impacto do desastre na família tem alguma relação com a percepção dos agricultores sobre a sua saúde geral, o apoio social e as suas crenças? Que fatores estariam fortalecendo psicologicamente os agricultores estudados de modo que mantenham saúde em situações de desastres? A seguir, retoma-se esses questionamentos, buscando integrar os diferentes estudos que compõem esta tese.

Ao verificar como os teóricos da psicologia têm definido o termo desastre, constatou-se que são poucos os autores que propõe uma definição para a palavra, podendo-se citar Garcia-Renedo (2008) e McFarlane e Norris (2006). Esses teóricos referem-se a desastres como eventos de início súbito, com potencial traumático e delimitados no tempo, diferente das definições do âmbito da sociologia, as quais, não enfatizam o início súbito e o potencial traumático (Britton, 1986; Fritz, citado por Kreps, 1984; Quarantelli, 1985), mas muito mais o caráter coletivo do evento e suas consequências na vida social.

A definição de desastres envolvendo apenas aqueles fenômenos com potencial traumático acaba por excluir processos como as secas que têm seu início lento, a extensão pouco delimitada no tempo e dificilmente ocasionam efeitos psicológicos em nível de trauma, como se pode constatar nos estudos de Coêlho (2004). Sendo assim, o capítulo II buscou também apresentar as características da seca e justificar a sua importância psicossocial enquanto desastre, pelo fato de que, nesta situação, indivíduos e grupos estão expostos a períodos prolongados de estresse e a perdas de diferentes tipos de recursos, especialmente pela dependência da agricultura às condições climáticas (Adger, 2000).

Embora, os prejuízos na agricultura sejam bastante salientes e de longe o que mais recebem atenção pública, as secas trazem consequências importantes em nível de bem-estar e saúde psicológica para os agricultores, como pode ser constatado nos demais estudos desta tese (capítulos III, IV e V). Desse modo, a seca é um desastre que merece atenção por meio de medidas de prevenção e minimização de consequências, além de ser um desastre que se repete com determinada frequência em diferentes regiões do Brasil

(como no sul e no sertão nordestino), o que não justifica o uso de medidas paliativas para a minimização deste problema.

Dando continuidade ao Capítulo II, e de modo a exemplificar empiricamente a importância psicossocial das secas, o capítulo III apresentou um estudo buscando responder o seguinte questionamento: Como as perdas ocasionadas pelas secas exercem influência sobre o bem-estar familiar e quais os recursos de *coping* utilizados pelas famílias para lidar com o evento? Constatou-se que, dentro de um contexto de vida mais amplo, a seca é um evento que agrava a situação de vulnerabilidade social das famílias, por meio do desencadeamento de perdas sejam elas financeiras ou de recursos naturais, com consequências importantes na saúde psicológica dos agricultores. Dentre os prejuízos no bem-estar e saúde psicológica estão, a alteração na rotina familiar, a redução nas atividades de lazer, prejuízos no sono, aborrecimento, preocupação, dificuldades de higiene, sentimentos de desânimo, tristeza, impotência e insegurança quanto ao futuro.

Diante disso, as famílias lançam mão de estratégias de enfrentamento, partindo num primeiro momento do uso de recursos próprios para depois acessar a ajuda externa. Dentre as estratégias, destacam-se aquelas focadas no problema tais como antecipar o plantio e o corte de gastos, além daquelas focadas na reestruturação cognitiva como o autocontrole e a busca por novas possibilidades para lidar com o desastre. Além disso, os agricultores relataram acessar ajuda externa, sendo esta referida como insuficiente e paliativa, embora de fundamental importância para a minimização dos prejuízos financeiros da seca.

Constatou-se que a seca é um desastre que leva ao esgotamento de recursos de maneira que o apoio social faz-se de extrema importância nesse contexto, não apenas do ponto de vista instrumental, mas também simbólico. Nesse sentido, reitera-se a necessidade de políticas públicas para o caso da seca, reduzindo assim a exposição ao estresse não apenas pela garantia de recursos mínimos de sobrevivência, mas pela ampliação das perspectivas de futuro e de esperança nos agricultores.

Nesse sentido, medidas emergenciais, embora importantes do ponto de vista instrumental, não possibilitam aos agricultores se organizarem de maneira a controlar as consequências do desastre, pela característica de serem disponibilizadas apenas depois da ocorrência da seca e quando os prejuízos já tomaram proporções significativas. Somando-se a isso, são medidas de caráter incerto e que, segundo os agricultores, faz-se necessário a ocorrência de uma “grande” seca para que sejam disponibilizadas.

Considerando os dados deste estudo, os quais revelam importantes impactos da seca na vida das famílias rurais, como então os agricultores conseguem manter saúde

apesar de tantas dificuldades? Com certeza a manutenção da saúde mental não depende apenas da disponibilidade de recursos de enfrentamento sejam eles pessoais ou de apoio social, ou da capacidade de acessá-los, ou de ter perdas em maior ou menor grau, embora, tais fatores com certeza contribuem para um maior ou menor nível de estresse em consequência da ocorrência de secas e, por isso, merecem atenção nesta população.

Nesse sentido, pode-se pensar que os agricultores deste contexto estejam lançando mão de estratégias cotidianas de enfrentamento, as quais possibilitam que continuem a resistir e a insistir em seus esforços diários, a manter viva a perspectiva de um futuro melhor e, desse modo, continuem a manter sua saúde mental. Do contrário, não haveria justificativa para continuar residindo e desenvolvendo atividades agrícolas em um contexto de tantas dificuldades, onde se fazem presentes sentimentos de insegurança quanto ao futuro, impotência e perdas significativas de recursos de sobrevivência quando das adversidades climáticas.

Quais seriam estas estratégias do cotidiano da família agrícola? Essa é uma questão que merece ser investigada, uma vez que a identificação dessas estratégias permitiria a busca do fortalecimento das mesmas e, conseqüentemente, o aumento nos níveis de bem-estar dos agricultores. O que ocorre, é que a vida cotidiana das famílias não está permeada apenas por situações de desastres, mas também por outros acontecimentos diários. Seria a seca a principal adversidade para as famílias agrícolas? Que outros fatores contribuem ou interferem na saúde dos agricultores?

O Capítulo IV, por sua vez, buscou avaliar quais variáveis relativas à saúde geral, crenças e apoio social percebido, melhor diferenciam grupos de agricultores por nível de impacto da seca na família. O estudo foi conduzido com 198 agricultores e os dados coletados através de questionário com escalas que medem esses construtos. Os resultados indicaram que os grupos de agricultores por nível de impacto da seca na família se diferenciam nas variáveis Crença na dimensão Significação do Mundo (medida pela WAS), Apoio Percebido dos Amigos/Outros (medido pela SSA) e Saúde Geral (medida pelo QSG-12).

Constatou-se que as crenças na justiça, controle e aleatoriedade dos acontecimentos, as quais compõem a dimensão Significação do Mundo da WAS, têm médias mais elevadas no grupo que sofreu baixo impacto do desastre. Tal dado indica que a seca exerce influência sobre as crenças relativas ao significado que atribuímos ao mundo, de maneira a diminuir a percepção positiva, sobre os acontecimentos naqueles agricultores que atravessam mais dificuldades. As crenças mantêm a nossa motivação e a confiança

para exercer o controle sobre a nossa vida (Janoff-Bulman, 1992), de modo que os impactos do desastre sobre esse sistema conceitual podem ter importantes implicações sobre o enfrentamento dos problemas da vida diária nesta população.

O estudo também constatou que o grupo que sofreu baixo impacto das secas tem maior média na percepção de apoio dos amigos e outros, corroborando o que Kaniasty, Norris e Murrell (1990) denominaram erosão do apoio social em desastres. Nesse sentido, um desastre aumenta a demanda por apoio, especialmente nos grupos com maior esgotamento de recursos, e quando a disponibilidade deste se faz insuficiente, a tendência é que diminua também a percepção do apoio social, tão importante para a manutenção da saúde mental.

A erosão do apoio social pode ser uma das consequências do processo histórico e social no contexto da seca, onde este desastre não tem sido tratado como necessidade de política pública, ou seja, ainda não existe reconhecimento social da seca enquanto limitante das condições de vida e dignidade das famílias. A percepção de apoio social somente se mantém com a disponibilidade real de apoio no sentido de auxiliar as pessoas a retomarem o controle sobre suas próprias vidas, sobre as consequências do desastre no cotidiano, de modo que a adoção de medidas emergenciais tão comuns no contexto de seca brasileiro, não favorecem a manutenção do apoio social percebido.

Uma questão que surge diante desta constatação é como a erosão de apoio social se expressa e se manifesta no cotidiano das pessoas? Uma das formas que ela pode se manifestar é por meio de posturas fatalistas, na crença de que diante do desastre não se pode fazer nada e na experiência do desamparo. O fatalismo para Martin-Baró seria uma atitude de resignação diante dos acontecimentos, baseada na ideia de que o destino já está pré-determinado e não se pode modificá-lo, ou seja, se está diante de um mundo fechado e incontrolável (Álvaro & Garrido, 2006). Nesse sentido, a psicologia contribuiria na identificação e análise desses processos, buscando a conscientização e o fortalecimento da percepção de controle sobre o ambiente social.

A experiência do desamparo, por sua vez, parte da interpretação da realidade como incontrolável, da responsabilização do indivíduo pela sua situação e da crença de que não possui meios para mudar sua condição social. Esse tipo de interpretação leva à desesperança, à depressão e a diminuição do esforço de enfrentamento e tem suas raízes na cultura, a qual fornece as explicações e significado para a maioria dos acontecimentos (Aronson, Wilson & Akert, 2002).

Verificou-se também neste estudo, que o grupo de agricultores que sofreu alto impacto da seca também avaliou sua saúde como pior em relação ao grupo de baixo impacto. Este dado indica que a seca, quando traz prejuízos muito significativos, pode exercer influência sobre a saúde dos agricultores nas dimensões depressão, autoeficácia e autoestima medidas pelo QSG-12. Um das possíveis interpretações para esse dado seria o fato de que a seca leva ao esgotamento de recursos importantes, o que, segundo Davidson e McFarlane (2006), é um fator mediador para a saúde, pois interfere na capacidade de enfrentamento e otimismo em desastres, diminuindo a percepção da autoeficácia pessoal. No entanto, não se pode afirmar que os impactos do desastre seriam o único fator responsável pela avaliação de ausência de saúde. Nesse sentido, outros fatores estariam interagindo com as consequências da seca neste contexto e precisam ser mais bem investigados. Ou seja, um agricultor que sofreu uma grande perda de recursos em decorrência de uma seca, não necessariamente terá sua saúde prejudicada. Isso mais uma vez nos remete para a importância do apoio social e para a necessidade de avaliar questões como a redução do número de famílias rurais neste contexto, como consequência da migração de muitas delas para o ambiente urbano em busca de melhores condições de vida e esperança de futuro. Tal fator pode estar contribuindo para a percepção de menor disponibilidade de apoio em decorrência da fragmentação dos laços sociais que dão vida ao cotidiano das famílias rurais.

Por fim, o Capítulo V apresentou um estudo que objetivou identificar os principais impactos psicossociais das secas nas famílias rurais e avaliar quais, dentre um conjunto de variáveis, melhor discriminam grupos de agricultores familiares por nível de impacto do desastre. Constatou-se que os grupos de agricultores com alto e médio impacto da seca se diferenciam do grupo de baixo impacto nas variáveis relativas aos efeitos maléficos do desastre, tais como, a interferência da seca no bem-estar, a percepção da seca como um evento ruim, a crença na responsabilidade pessoal sobre as consequências do evento e a avaliação da sua vida em meio ao desastre. Neste último aspecto, os agricultores que sofreram alto impacto da seca, têm médias menores na percepção de que a vida seria melhor sem as secas em relação ao grupo de baixo impacto, considerando o impacto nos âmbitos financeiro, lazer, rotina e relacionamento familiar, aspecto psicológico, sono, alimentação e estudos.

Neste estudo, foi possível verificar a importância do apoio dos grupos primários como família, amigos, vizinhos e comunidade para os agricultores, especialmente, do grupo de alto impacto das secas, o que indica serem estes grupos que as famílias mais

acessam. Autores como Garcia-Renedo, Gil Beltrán e Valero Valero (2007), consideram o apoio social como uma variável mediadora em desastres, atuando de modo a fazer com que as reações psicológicas ao evento sejam mais ou menos intensas. O apoio percebido tem também efeito protetor na saúde mental, através da minimização do estresse psicológico (Norris & Kaniasty, 1996), podendo ser este um dos fatores que auxiliam na manutenção da saúde psicológica nesta população, especialmente, através do apoio cotidiano dos grupos primários.

Ao contrário do grupo de alto impacto, os agricultores do grupo de médio impacto da seca percebem-se mais apoiados pelos grupos externos como técnicos, governo e instituições de crédito. Tal dado pode estar apontando para o fato de que a ajuda das instituições externas em épocas de seca, pode não estar sendo disponibilizada de maneira rápida ou adequada para atender ao grupo de alto impacto, de modo que esses agricultores não percebem este tipo de apoio social como disponível. Quanto mais esgotamento de recursos de sobrevivência, mais existe a necessidade de auxílio rápido e eficaz, de socorro imediato por meio da ajuda externa, de modo a evitar o que Kaniasty, Norris e Murrell (1990) denominaram “erosão do apoio social percebido”, ou seja, a ação das consequências crônicas dos desastres sobre o bem-estar psicossocial, por meio da redução na percepção da disponibilidade deste importante recurso.

1. Considerações finais

A pesquisa no meio rural carrega desafios que certamente se diferenciam dos encontrados nos contextos urbanos. De acordo com Albuquerque (2002), as populações rurais ainda encontram-se marginalizadas quanto à atenção científica para seus problemas sociais e psicológicos. O rural não é apenas o espaço agrário para este autor, pois congrega grupos de pessoas com problemas e realidades específicos, de modo que a psicologia também teria algo a contribuir com esta população.

Como considerações finais deste estudo, serão apresentadas algumas especificidades do contexto da pesquisa, verificadas durante o desenvolvimento deste trabalho de tese e, que possam vir a contribuir com pesquisas futuras no meio rural, tais como:

a) Verificou-se que alguns participantes não preenchiam os dados sobre renda nos questionários. Ao conversar com um grupo de estudantes filhos de agricultores sobre a pesquisa, estes perguntaram se os dados de renda poderiam implicar na perda de benefícios sociais como bolsa família, uma vez que os questionários seriam devolvidos na escola e é

neste local que são feitos e renovados os cadastros para os programas sociais. Foi então explicado que os dados seriam confidenciais e quais os objetivos da pesquisa, o que contribuiu para o aumento da confiança e adesão neste estudo, tendo sido importante este momento esclarecedor viabilizado pela escola, especialmente pela impossibilidade de ir de casa em casa aplicando os questionários.

b) É importante considerar que os instrumentos tradicionais, como os questionários, escalas, etc. podem não ser os mais apropriados para a pesquisa no meio rural, dada a pouca familiaridade com a pesquisa e os baixos níveis de escolarização desta população, especialmente da população adulta e idosa. Nesse sentido, a aproximação e o diálogo com os participantes podem auxiliar no desenvolvimento de instrumentos mais apropriados e, conseqüentemente, aumentar a participação na pesquisa, além de possibilitar a investigação de outras variáveis do contexto que vão surgindo durante a investigação. A opção pelo uso de questionário neste estudo somente se deu pelo fato da autora desta tese ter realizado um estudo exploratório com a mesma população durante o mestrado, tendo assim um conhecimento prévio do contexto. Além disso, foi utilizada metodologia quantitativa e qualitativa de modo a contemplar diferentes variáveis na investigação.

c) Acrescenta-se o momento da coleta de dados no meio rural como um aspecto importante para o sucesso do trabalho. Existem épocas como a de plantio e a de colheita em que os agricultores estão sobrecarregados de trabalho de modo que se torna inviável, quando não inapropriado, solicitar-lhes que respondam a um questionário ou entrevista. Sendo assim, o pesquisador precisa conhecer também o calendário agrícola do contexto de estudo e eleger o melhor momento para realizar seu trabalho. O diálogo prévio com agricultores contribuiu nesse sentido, evitando deslocamentos desnecessários em épocas impróprias. No estudo de mestrado, foi solicitado a um agricultor que fizesse um quadro com o calendário agrícola da região, o que nos auxiliou na seleção da melhor época para a aplicação da pesquisa. Quando da aplicação da pesquisa na residência do participante, faz-se importante combinar antecipadamente a ida do pesquisador para encontrar o participante em casa e por uma questão de respeito, o que foi e pode ser feito, como por exemplo, pelo uso do telefone a partir de listas de contatos em sindicatos, cooperativas e outras instituições relacionadas a esta população.

d) Além disso, embora não tenha sido o foco da pesquisa, o relato informal dos agricultores e professores revelou problemas de segurança no meio rural, traduzidos no medo dos agricultores em sair e deixar as casas devido a assaltos, escolas sendo arrombadas para saques de merenda escolar e computadores, além da presença de usuários

de crack em pontos onde há pouco tráfego de veículos e pessoas. Somando-se a isso, estão os acidentes de trabalho e acidentes com motocicletas em estradas rurais, estes últimos, especialmente, com adolescentes. Tais dados do contexto de pesquisa podem servir de sugestão para o desenvolvimento de programas de intervenção e estudos futuros no meio rural, em prol da conscientização para o risco e busca de soluções coletivas para questões de saúde, segurança e outros problemas psicossociais.

Por fim, o desenvolvimento da psicologia dos desastres e da psicologia rural no Brasil faz-se urgente e necessário de maneira a dar conta de uma diversificada gama de problemas em diferentes populações, contribuindo com conhecimento científico e soluções práticas especialmente em prol dos grupos sociais mais vulneráveis. Espera-se estar contribuindo nesse sentido com este estudo empírico e coloca-se como desafio que mais pesquisas sejam desenvolvidas no meio rural. Além disso, que outros pesquisadores venham somar seus esforços em prol do desenvolvimento de uma psicologia dos desastres no Brasil, comprometida com diferentes tipos de problemas sociais.

Referências

- Adger, W. (2000). Social and ecological resilience: Are they related? *Progress in Human Geography*, 24, 347-364.
- Ager, A. (2006). Toward a consensus protocol for psychosocial response in complex emergencies. In G. Reyes, & G. A. Jacobs (Eds.), *Handbook of international disaster psychology: Fundamentals and Overview* (pp. 35-49). Westport, CT: Praeger.
- Albuquerque, F. J. B. (2002). Psicologia social e forma de vida rural no Brasil. *Psicologia, Teoria e Pesquisa*, 18(1), 37-42.
- Álvaro, J. L., & Garrido, A. (2006). A psicologia social atual. In J. L. Álvaro, & A. Garrido (pp. 229-319), *Psicologia Social*: São Paulo: McGraw-Hill.
- Aronson, E., Wilson, T. D., & Akert, R. M. (2002). Psicologia social em ação 1: Psicologia social e saúde. In E. Aronson, T. D. Wilson, & R. M. Akert, *Psicologia Social* (pp. 323-342). São Paulo: LTC.
- Bosch, K. R. (2004). Cooperative extension responding to family needs in time of drought and water shortage. *Journal of Extension*, 42(4), 1-10.
- Boyd, B., Quevillon, R. P., & Engdahl, R. M. (2010). Working with rural and diverse communities after disasters. In P. Dass-Brailsford (Ed.), *Crisis and disaster counseling: Lessons learned from hurricane Katrina and other disasters* (pp. 149-163). Los Angeles: Sage.
- Britton, N. R. (1986). Developing an understanding of disaster. *Journal of Sociology*, 22(2), 254-271. doi 10.1177/144078338602200206
- Coêlho, A. E. L., Adair, J. G., & Mocellin, J. S. P. (2004). Psychological responses to drought in Northeastern Brasil. *Interamerican Journal of Psychology*, 38(1), 95-103.
- Dass-Brailsford, P. (2010). Effective disaster and crisis interventions. In P. Dass-Brailsford (Ed.), *Crisis and disaster counseling: Lessons learned from hurricane Katrina and other disasters* (pp. 213-228). Los Angeles: Sage.
- Davidson, J. R. T., & McFarlane, A. C. (2006). The extent and impact of mental health problems after disaster. *Journal of Clinical Psychiatry*, 67(2), 9-14.
- Dodge, G. R. (2006). Assessing the psychosocial needs of communities affected by disaster. In G. Reyes & Jacobs, G., *Handbook of international disaster psychology: Fundamentals and overview* (pp. 65-91). Westport, CT/London: Praeger.
- Favero, E. (2006). *A seca na vida das famílias rurais de Frederico Westphalen-RS* (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, UFSM, Santa Maria, Brasil). Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa>

- Freitas, M. F. Q. (2007). Intervenção psicossocial e compromisso: Desafios às políticas públicas. In A. M. Jacó-Vilela & L. Sato (Orgs.), *Diálogos em psicologia social* (pp. 329-341). Porto Alegre: Abrapsosul/Evangraf.
- Garcia-Renedo, M. (2008). *El 11-M. Un estudio sobre su impacto psicológico desde el entorno familiar y escolar en alumnos de infantil y primaria* (Tese de Doutorado, Universitat Jaume I). Disponível em <http://repositori.uji.es/xmlui/handle/10803/10526>
- Garcia-Renedo, M., Gil Beltrán, J. M., & Valero Valero, M. (2007). *Psicología y desastres: Aspectos psicosociales*. Castelló de la Plana: Publicacions de la Universitat Jaume I.
- Hobfoll, S. E. (2001). The influence of culture, community, and the nested-self in the stress process: Advancing conservation of resources theory. *Applied Psychology: An International Review*, 50(3), 337-421. doi: 10.1111/1464-0597.00062
- Janoff-Bulman, R. (1992). *Shattered assumptions: Towards a new psychology of trauma*. New York: Free Press.
- Jones, R. T., Hadder, J., Carvajal, F., Chapman, S., Alexander, A. (2010). Conducting research in diverse, minority, and marginalized communities. In F. Norris, S. Galea, M. Friedman & P. Watson. (in press). *Research methods for studying mental health after disasters and terrorism*. New York: Guilford Press.
- Kaniasty, K., Norris, F., & Murrell, S. A. (1990). Received and perceived social support following natural disaster. *Journal of Applied Social Psychology*, 20, 85-114.
- Kreps, G. A. (1984). Sociological inquiry and disaster research. *Annual Review of Sociology*, 10, 309-330.
- McFarlane, A. C., & Norris, F. H. (2006). Definitions and concepts in disaster research. In F. H. Norris, S. Galea, M. J. Friedman, & P. J. Watson. *Methods for disaster mental health research* (pp. 3-19). New York: Guilford Publications.
- Norris, F. H., & Kaniasty, K. (1996). Received and perceived social support in times of stress: A test of the social support deterioration deterrence model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71(3), 498-511.
- Pereira, L. S., Cordery, I., & Iacovides, I. (2002). *Coping with water scarcity* (Technical Documents in Hidrology no. 58). Paris: UNESCO.
- Quarantelli, E. L. (1985). What is disaster? The need for clarification in definition and conceptualization in research. In B. Sowder, *Disasters and mental health selected contemporary perspectives* (pp. 41-73). Washington, D. C.: Government Printing Office.

- Reyes, G. (2006). Psychological first aid: Principles of community-based psychosocial support. In G. Reyes & G. A. Jacobs, *Handbook of international disaster psychology: Practices and programs* (pp. 1-12). Westport, CT/London: Praeger.
- Snyder, C. R., & Lopez, S. J. (2002). *Handbook of positive psychology*. New York: Oxford University Press.

ANEXO A

**AUTORIZAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA DO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA UFRGS**



Instituto de Psicologia

Rua Ramiro Barcelos, 2600 CEP 90035-003 Porto Alegre RS Tel. /Fax (051) 3316-5066

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

REGISTRO NUMERO: 25000.089325/2006-58

PROTOCOLO DE PESQUISA Nº 2010003

Título do Projeto:

Aspectos Psicossociais Associados a Experiência da Seca

Pesquisador(es):

Jorge Castellá Sarriera
Eveline Favero

O projeto atende aos requisitos necessários. Está **aprovado** pelo CEP-Psicologia por estar adequado ética e metodologicamente e de acordo com a Resolução nº196/96 e complementares do CONEP e Resolução 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia. Eventos adversos e eventuais ementas ou modificações no protocolo de pesquisa devem ser comunicadas a este Comitê. Devem também ser apresentados anualmente relatórios ao Comitê, inicialmente em 08/03/2011, bem como ao término do estudo.

Aprovado, em 08/03/2010.

Comitê de Ética em Pesquisa
Registro 25000.089325/2006-58
Instituto de Psicologia - UFRGS

Aprovado, em 16/03/2010

Eveline Favero

ANEXO B

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM MEMBRO DA FAMÍLIA

Participante:	Sexo:	Idade:
Número de pessoas na família:		
Localidade:	Zona:	
Município:	Data:	
Renda mensal familiar em salários mínimos: (1) até 01 (2) de 01 a 02 (3) de 02 a 03 (4) de 03 a 04 (5) mais do que 04 salários mínimos		
Fontes de renda:		
Fonte de renda principal:		
Há quanto tempo a família trabalha na agricultura? (1) menos de 05 anos (2) entre 05 e 10 anos (3) entre 10 e 15 anos (4) entre 15 e 20 anos (5) mais que 20 anos		
Há quanto tempo a família reside no município? (1) menos de 05 anos (2) entre 05 e 10 anos (3) entre 10 e 15 anos (4) entre 15 e 20 anos (5) mais que 20 anos		

- 1- Fale-me sobre como você percebe a seca na sua região?
- 2- A seca interfere no bem-estar da sua família?
- 3- Como você se sente quando acontece uma seca?
- 4- Como a sua família lida com ela?
- 5- Você se sente apoiado diante das secas?
- 6- Você considera sua família preparada para lidar com ela?
- 7- Que ideias sua família tem para lidar com futuras secas?
- 8- Sua vida seria melhor se não houvesse seca? Em quais aspectos?
- 9- Gostaria de acrescentar algo sobre o tema?

ANEXO C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (ENTREVISTAS)

Prezado(a) participante:

Sou aluna de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Estou realizando uma pesquisa sob orientação do professor Dr. Jorge Castellá Sarriera. O objetivo deste estudo é identificar como a seca causa impacto nas diferentes dimensões do núcleo familiar como, por exemplo, financeira, lazer, saúde, alimentação, higiene e descanso.

Sua participação envolve conceder uma entrevista, que será gravada em arquivo de áudio, se assim você o permitir, e que tem a duração aproximada de quarenta minutos. Fazer parte neste estudo é de caráter voluntário e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Os arquivos de áudio gravados e as transcrições das entrevistas e formulários preenchidos serão arquivados na sala do pesquisador responsável, que fica no Instituto de Psicologia da UFRGS sob o número 122. Após cinco anos todo o material será incinerado.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo e serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a).

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo na compreensão do fenômeno estudado e na produção de conhecimento científico, que poderá servir de subsídio para programas de intervenção voltados para agricultores. A pesquisa não oferece riscos físicos e sociais. A pesquisa não oferece riscos físicos e sociais. No entanto, como se trata de conteúdo que envolve sentimentos, caso você venha a necessitar de apoio psicológico decorrente desta entrevista, poderá ser encaminhado para o serviço de psicologia da Universidade regional Integrada (URI) de sua cidade.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelo(s) pesquisador(es) através dos telefones: (51) 30223881 ou pelo e-mail: evelinefavoero@yahoo.com.br (Eveline).

A presente pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia em 08/03/2010, com sede na Rua Ramiro Barcelos, 2600, e-mail cep-psico@ufrgs.br e telefone: (51) 3308-5066.

Atenciosamente,

Doutoranda: Eveline Favero

Local e data

Orientador: Prof. Dr. Jorge Castellá Sarriera

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Nome e assinatura do participante

Local e data

ANEXO D

QUESTIONÁRIO

Prezado participante!

Ao responder esta pesquisa você estará contribuindo com a investigação de aspectos relacionados à saúde e ao bem-estar psicológico de agricultores que vivem em contexto de seca. É importante que você complete todo o questionário, pois os itens deixados em branco não poderão ser aproveitados.

Por isso, contamos com a sua colaboração fazendo a gentileza de revisar o conjunto antes de entregar. Muito obrigada!

1. Dados sociodemográficos:

Idade:	
Escolaridade: (1) Ensino fundamental incompleto (2) Ensino fundamental completo (3) Ensino médio incompleto (4) Ensino médio completo (5) Ensino superior incompleto (6) Ensino superior completo	
Papel familiar: (1) pai (2) mãe (3) filho (4) filha (5) avô (6) avó (7) cônjuge sem filhos (8) outro	
Você gostaria de participar do Estudo 02: (1) Sim (2) Não	
Se a resposta for sim: Telefone p/ contato:	Primeiro nome:
Estado civil: (1) solteiro/a (2) casado/a (3) viúvo/a (4) divorciado/separado/a (5) morando com companheiro(a) há mais de um ano	
Sexo: (1) F (2) M	Filhos: (1) sim (2) não Quantos?
Número de pessoas na casa:	
Localidade:	
Zona: (1) próxima da sede municipal (2) intermediária (3) distante da sede municipal	
Religião/crença: (1) católica (2) luterana (3) espírita (4) evangélica (5) outra. Qual?	
Renda mensal familiar em salários mínimos: (1) até 01 (2) acima de 1 até 02 (3) acima de 02 até 03 (4) acima de 03 até 04 (5) acima de 04 salários mínimos	
Fontes de renda:	
Fonte de renda principal:	
Há quanto tempo a família trabalha na agricultura? (1) menos de 05 anos (2) entre 05 e 10 anos (3) entre 10 e 15 anos (4) entre 15 e 20 anos (5) mais que 20 anos	
Há quanto tempo a família reside no município? (1) menos de 05 anos (2) entre 05 e 10 anos (3) entre 10 e 15 anos (4) entre 15 e 20 anos (5) mais que 20 anos	

ANEXO E

QUESTIONÁRIO SOBRE IMPACTOS PSICOSSOCIAIS DA SECA

1. Você considera que tenha ocorrido seca em sua região nos últimos 05 anos:

() Não () Sim

2. Sua família necessitou em algum momento modificar planos ou projetos em função de uma seca:

() Não () Sim

3. Sua família se encontrou em algum momento endividada como consequências da seca?

() Não () Sim

4. Dos seguintes aspectos, quais você afirmaria que sua família tenha experimentado devido à ocorrência de uma seca. Marque:

0= não	1= sim
---------------	---------------

a) Falta de água para consumo humano	0	1
b) Falta de água para consumo animal	0	1
c) Perdas na produção agrícola	0	1
d) Perdas na produção leiteira	0	1
e) Perdas na produção suína	0	1
f) Escassez de alimentos como frutas, verduras e outros	0	1
g) Insegurança quanto ao futuro	0	1
h) Sentimentos de desânimo e tristeza	0	1
i) Dificuldades relacionadas ao sono	0	1
j) Saída do campo para a cidade de algum membro da família	0	1

ANEXO F

INDICE DE IMPACTO DA SECA NA FAMÍLIA (IISF)

Escala *ad hoc*

Numa escala de 0-4, marque o quanto considera que você e sua família tenham sido afetados pela seca nos seguintes aspectos, sendo:

0= nada	1= pouco	2= moderadamente	3= muito	4= totalmente	
a) Financeiro	0	1	2	3	4
b) Psicológico	0	1	2	3	4
c) Lazer	0	1	2	3	4
d) Vestuário	0	1	2	3	4
e) Sono	0	1	2	3	4
f) Estudos (seus ou de seus filhos)	0	1	2	3	4
g) Relacionamento familiar	0	1	2	3	4
h) Rotina Familiar	0	1	2	3	4

ANEXO G

WORLD ASSUMPTIONS SCALE (WAS)

Utilizando a escala abaixo, selecione o número que melhor indica o quanto você está de acordo com cada afirmação. Por favor, responda da maneira mais honesta possível!

1= discordo totalmente	4= concordo parcialmente
2= discordo moderadamente	5= concordo moderadamente
3= discordo parcialmente	6= concordo plenamente

1. As pessoas decentes e dignas são as menos prováveis de ter azar	1	2	3	4	5	6
2. Ser pouco amável e grosseiro é algo natural das pessoas	1	2	3	4	5	6
3. Os acontecimentos negativos ocorrem por acaso entre as pessoas	1	2	3	4	5	6
4. A natureza humana é basicamente boa	1	2	3	4	5	6
5. As coisas boas que acontecem no mundo superam os acontecimentos ruins	1	2	3	4	5	6
6. O curso de nossa vida é largamente determinado pelo acaso	1	2	3	4	5	6
7. Normalmente as pessoas têm aquilo que merecem	1	2	3	4	5	6
8. Frequentemente penso que não sou bom em absolutamente nada	1	2	3	4	5	6
9. Na vida tem mais coisas boas do que ruins	1	2	3	4	5	6
10. Basicamente eu sou uma pessoa com sorte	1	2	3	4	5	6
11. A má sorte das pessoas é o resultado dos erros que cometeram	1	2	3	4	5	6
12. As pessoas não se preocupam muito com quem está ao seu redor	1	2	3	4	5	6
13. Eu normalmente me comporto de maneira que eu alcance o máximo de bons resultados	1	2	3	4	5	6
14. As pessoas terão fortuna se forem pessoas boas	1	2	3	4	5	6
15. A vida é cheia de incertezas determinadas pelo acaso	1	2	3	4	5	6
16. Quando eu penso sobre as coisas me considero uma pessoa com sorte	1	2	3	4	5	6
17. Quase sempre me esforço para evitar que coisas ruins aconteçam comigo	1	2	3	4	5	6
18. Tenho uma opinião negativa sobre mim mesmo	1	2	3	4	5	6
19. Pessoas boas recebem o que merecem neste mundo	1	2	3	4	5	6
20. Podemos evitar que coisas ruins aconteçam por meio de nossas ações	1	2	3	4	5	6
21. Olhando para a minha vida eu faço com que eventos do acaso me favoreçam	1	2	3	4	5	6
22. Se as pessoas adotarem ações preventivas a maioria das desgraças poderá ser evitada	1	2	3	4	5	6
23. Faço o necessário para impedir que coisas ruins me aconteçam	1	2	3	4	5	6
24. No geral, a minha vida é uma loteria	1	2	3	4	5	6
25. O mundo é um bom lugar	1	2	3	4	5	6
26. As pessoas são basicamente boas e agradáveis	1	2	3	4	5	6
27. Eu normalmente me comporto de maneira que ocorra o melhor possível para mim	1	2	3	4	5	6
28. Estou muito satisfeito(a) com a boa pessoa que sou	1	2	3	4	5	6
29. Quando coisas ruins acontecem é porque as pessoas não fizeram o necessário para proteger-se	1	2	3	4	5	6
30. Se eu observar o mundo atentamente verei que está cheio de bondade	1	2	3	4	5	6
31. Tenho razão em sentir vergonha do meu caráter	1	2	3	4	5	6
32. Tenho mais sorte do que a maioria das pessoas	1	2	3	4	5	6

ANEXO H

AUTORIZAÇÃO PARA O USO DA *WORLD ASSUMPTIONS SCALE* (WAS)

Em **ter, 15/12/09**, **Ronnie Janoff-Bulman** <janbul@psych.umass.edu> escreveu:
De: Ronnie Janoff-Bulman <janbul@psych.umass.edu>
Assunto: Re: Requesting authorization to use The World Assumptions Scale
Para: "Eveline Favero" <evelinefavero@yahoo.com.br>
Data: Terça-feira, 15 de Dezembro de 2009, 17:43

Dear Ms. Favero,

Attached is a copy of the **World Assumptions Scale** (with scoring at the bottom of p. 2). Please feel free to use it any way you'd like in your research.

Unfortunately I haven't used the scale for over 10 years, as I've been working in the area of morality and moral motivation. I developed the scale for heuristic purposes, and it proved useful in my work. Researchers have requested the scale over the years, but I must admit I have not kept up with their findings, and I don't have norms, ranges or validity data. In a footnote (note 10, p. 190) of my book, *Shattered Assumptions*, I mention that typically in past studies the reliabilities for the three scales have been between .81 and .87.

Best of luck with your research,

Ronnie Janoff-Bulman
Department of Psychology
University of Massachusetts
Amherst, MA 01003
janbul@psych.umass.edu

ANEXO I

SOCIAL SUPPORT APPRAISALS (SSA)

A seguir encontra-se uma lista de afirmações a respeito do seu relacionamento com a família e os amigos. Por favor, indique o quanto você concorda ou discorda de cada afirmativa como verdadeira.

Usando a escala abaixo, circule o número correspondente a cada declaração:

1= discordo totalmente 2= discordo	3= concordo 4= concordo plenamente
---	---

1. Meus amigos me respeitam	1	2	3	4
2. Minha família se preocupa muito comigo	1	2	3	4
3. Eu sou importante para outras pessoas	1	2	3	4
4. Minha família mantém apreço por mim	1	2	3	4
5. Eu sou querido pelas pessoas	1	2	3	4
6. Eu posso contar com meus amigos	1	2	3	4
7. Minha família me admira de verdade	1	2	3	4
8. Eu sou respeitado pelas outras pessoas	1	2	3	4
9. Eu sou amado pela minha família	1	2	3	4
10. Meus amigos se preocupam com o meu bem-estar	1	2	3	4
11. As pessoas da minha família confiam em mim	1	2	3	4
12. Eu estou seguro da minha alta estima	1	2	3	4
13. Eu posso contar com o apoio da minha família	1	2	3	4
14. Sou admirado pelas pessoas	1	2	3	4
15. Eu sinto uma forte ligação com meus amigos	1	2	3	4
16. Meus amigos cuidam de mim	1	2	3	4
17. Eu me sinto valorizado pelas pessoas	1	2	3	4
18. Minha família realmente me respeita	1	2	3	4
19. Meus amigos e eu somos realmente importantes uns para os outros	1	2	3	4
20. Eu me sinto adequado(a)	1	2	3	4
21. Se eu morresse amanhã muitas pessoas sentiriam minha falta	1	2	3	4
22. Eu me sinto próximo(a) aos membros da minha família	1	2	3	4
23. Meus amigos e eu temos feito muito uns pelos outros	1	2	3	4

Observação: os ítems 3, 10, 13, 21 e 22 no original são negativos e devem ser invertidos para as análises. Optou-se por fazer a tradução no sentido positivo da afirmação.

ANEXO J

AUTORIZAÇÃO PARA O USO DA *SOCIAL SUPPORT APPRAISALS* (SSA)

Em qui, 17/12/09, Alan Vaux <alanvaux@siu.edu> **escreveu:**

De: Alan Vaux <alanvaux@siu.edu>

Assunto: RE: Requesting authorization to use the Social Support Appraisals

Para: "Eveline Favero" <evelinefavero@yahoo.com.br>

Data: Quinta-feira, 17 de Dezembro de 2009, 16:28

Dear Ms. Favero,

Thank you for your interest in one of my social support measures. You have my permission to use the measure in your research, and I have included information that I hope will help. Your study sounds interesting.

Best wishes,

Alan

Alan Vaux

Dean - College of Liberal Arts

(Professor of Psychology)

alanvaux@siu.edu

618 453-1692

ANEXO L

QUESTIONÁRIO DE SAÚDE GERAL COM 12 ITENS (QSG-12)

Assinale com um X na opção que melhor reflita o teu estado de saúde atual.

Ultimamente...

1. Tens conseguido te concentrar no que fazes?

<input type="checkbox"/> Mais que o de costume	<input type="checkbox"/> O mesmo que de costume	<input type="checkbox"/> Menos que o de costume	<input type="checkbox"/> Muito menos que o de costume
--	---	---	---

2. Tens perdido o sono com preocupações?

<input type="checkbox"/> Mais que o de costume	<input type="checkbox"/> O mesmo que de costume	<input type="checkbox"/> Menos que o de costume	<input type="checkbox"/> Muito menos que o de costume
--	---	---	---

3. Tu te sentes útil na vida?

<input type="checkbox"/> Mais que o de costume	<input type="checkbox"/> O mesmo que de costume	<input type="checkbox"/> Menos que o de costume	<input type="checkbox"/> Muito menos que o de costume
--	---	---	---

4. Tu te sentes capaz de tomar decisões?

<input type="checkbox"/> Mais que o de costume	<input type="checkbox"/> O mesmo que de costume	<input type="checkbox"/> Menos que o de costume	<input type="checkbox"/> Muito menos que o de costume
--	---	---	---

5. Tu te sentes constantemente sob pressão?

<input type="checkbox"/> Mais que o de costume	<input type="checkbox"/> O mesmo que de costume	<input type="checkbox"/> Menos que o de costume	<input type="checkbox"/> Muito menos que o de costume
--	---	---	---

6. Tens tido prazer em fazer tuas atividades normais, do dia-a-dia?

<input type="checkbox"/> Mais que o de costume	<input type="checkbox"/> O mesmo que de costume	<input type="checkbox"/> Menos que o de costume	<input type="checkbox"/> Muito menos que o de costume
--	---	---	---

7. Tens a sensação de não poder superar as dificuldades?

<input type="checkbox"/> Mais que o de costume	<input type="checkbox"/> O mesmo que de costume	<input type="checkbox"/> Menos que o de costume	<input type="checkbox"/> Muito menos que o de costume
--	---	---	---

8. Tens te sentido capaz de enfrentar teus problemas?

<input type="checkbox"/> Mais que o de costume	<input type="checkbox"/> O mesmo que de costume	<input type="checkbox"/> Menos que o de costume	<input type="checkbox"/> Muito menos que o de costume
--	---	---	---

9. Tens te sentido infeliz e deprimido?

<input type="checkbox"/> Mais que o de costume	<input type="checkbox"/> O mesmo que de costume	<input type="checkbox"/> Menos que o de costume	<input type="checkbox"/> Muito menos que o de costume
--	---	---	---

10. Tens pensado em ti mesmo como uma pessoa sem valor?

<input type="checkbox"/> Mais que o de costume	<input type="checkbox"/> O mesmo que de costume	<input type="checkbox"/> Menos que o de costume	<input type="checkbox"/> Muito menos que o de costume
--	---	---	---

11. Tens perdido a confiança em ti mesmo?

<input type="checkbox"/> Mais que o de costume	<input type="checkbox"/> O mesmo que de costume	<input type="checkbox"/> Menos que o de costume	<input type="checkbox"/> Muito menos que o de costume
--	---	---	---

12. Em geral, tens te sentido feliz?

<input type="checkbox"/> Mais que o de costume	<input type="checkbox"/> O mesmo que de costume	<input type="checkbox"/> Menos que o de costume	<input type="checkbox"/> Muito menos que o de costume
--	---	---	---

ANEXO M

QUESTIONÁRIO COM ITENS QUE VERSAM SOBRE PERCEPÇÃO DO DESASTRE, AUTOEFICÁCIA E APOIO SOCIAL NO CONTEXTO DA SECA

A seguir, apresentamos uma lista de afirmações relativas ao desastre seca.
Marque a alternativa que melhor descreve a sua opinião, sendo:

0= nada	1= pouco	2= moderadamente	3= muito	4= totalmente	
1. A seca é um evento que se repete anualmente na região onde você mora	0	1	2	3	4
2. O quanto você considera a seca um evento ruim	0	1	2	3	4
3. O quanto você acredita que pode controlar os impactos negativos de uma seca	0	1	2	3	4
4. O quanto você acredita ser responsável pelas consequências da seca na tua vida e na vida da tua família	0	1	2	3	4
5. O quanto você considera que sua vida seria melhor se não houvesse secas	0	1	2	3	4
6. O quanto você considera que uma seca possa interferir na saúde e bem-estar de você e sua família	0	1	2	3	4
7. O quanto você considera a sua família capaz de lidar com as dificuldades decorrentes da seca	0	1	2	3	4
8. O quanto você considera que a sua família está preparada para lidar com a seca	0	1	2	3	4
9. O quanto você considera que a sua família está acostumada com a ocorrência de secas	0	1	2	3	4
10. Quando ocorre uma seca, o quanto você se sente apoiado pela família	0	1	2	3	4
11. Quando ocorre uma seca, o quanto você se sente apoiado pelos amigos	0	1	2	3	4
12. Quando ocorre uma seca, o quanto você se sente apoiado pelos vizinhos	0	1	2	3	4
13. Quando ocorre uma seca, o quanto você se sente apoiado pela sua comunidade	0	1	2	3	4
14. Quando ocorre uma seca, o quanto você se sente apoiado pelos técnicos que trabalham com os agricultores	0	1	2	3	4
15. Quando ocorre uma seca, o quanto você se sente apoiado pelas pessoas da sua igreja	0	1	2	3	4
16. Quando ocorre uma seca, o quanto você se sente apoiado pelas instituições de crédito	0	1	2	3	4
17. Quando ocorre uma seca, o quanto você se sente apoiado pelo governo	0	1	2	3	4

ANEXO N

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (QUESTIONÁRIO)

Prezado(a) participante:

Sou aluna de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Estou realizando uma pesquisa sob orientação do professor Dr. Jorge Castellá Sarriera. O objetivo deste estudo é investigar o quanto alguns fatores podem influenciar a saúde das pessoas que vivem numa área em que ocorrem secas, como a região em que você mora. Será pesquisado se existe relação entre a saúde das pessoas e o quanto de apoio elas acreditam que recebem da sua família e amigos e as crenças que têm sobre o mundo e elas mesmas.

Sua participação envolve preencher um questionário com itens sobre o assunto pesquisado dependendo aproximadamente 40 minutos de tempo nesta tarefa. Fazer parte neste estudo é de caráter voluntário e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Os questionários respondidos serão arquivados na sala do pesquisador responsável, de número 122 do Instituto de Psicologia da UFRGS e incinerados após o período de cinco anos.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo e serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a).

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo na compreensão do fenômeno estudado e na produção de conhecimento científico, que poderá servir de subsídio para programas de intervenção voltados para agricultores. A pesquisa não oferece riscos físicos e sociais. No entanto, como se trata de conteúdo que envolve sentimentos, caso você venha a necessitar de apoio psicológico decorrente da participação neste estudo, poderá ser encaminhado para o serviço de psicologia da Universidade regional Integrada (URI) de sua cidade. Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelo(s) pesquisador(es) através dos telefones: (51) 3308 5239 ou pelo e-mail: evelinefavero@yahoo.com.br (Eveline), sarriera@terra.com.br (Jorge).

A presente pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia em 08/03/10, com sede na Rua Ramiro Barcelos, 2600, e-mail cep-psico@ufrgs.br e telefone: (51) 3308-5066.

Atenciosamente,

Doutoranda: Eveline Favero

Porto Alegre, agosto de 2010.

Local e data

Orientador: Prof. Dr. Jorge Castellá Sarriera

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Nome e assinatura do participante

Local e data